

Santiago Colombo Reghin

**BEROSSUS ENTRE O TEMPLO E O IMPÉRIO:
AS RELAÇÕES DA BABILÔNIA E OS SELÊUCIDAS A PARTIR DA
BABYLONIACA (SÉC. III a.C.)**

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em...
do Centro de Filosofia e Humanas da Universidade
Federal de Santa Catarina como requisito para a
obtenção do Título de Bacharel/Licenciado em
História.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Morales

Florianópolis

2019

.
Reghin, Santiago Colombo

Berossus entre o templo e o império : Berossus
entre o templo e o império: As relações da
Babilônia e os selêucidas a partir da
Babyloniaca (séc. III) / Santiago Colombo Reghin
; orientador, Fábio Augusto Morales, 2019. 108
p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro
de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em
História, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. História. 2. Berossus. 3. Historiografia. 4.
Babilônia. 5. Grécia. I. Morales, Fábio Augusto.
II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em História. IV. Título



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Curso de Graduação em História

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos três dias do mês de junho do ano de dois mil e dezenove , às 14 horas e 00 minutos, na sala 10 do Departamento de História, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos seguintes membros, Prof. Dr: Fábio Augusto Morales (Orientador(a) e Presidente); Prof. Dr: Alex Degan (Titular); Prof. Dr: Rodrigo Bonaldo (Suplente), designados pela Portaria Tcc nº 56/HST/CFH/2019, a fim de arguirm sobre o Trabalho de Conclusão de Curso do Acadêmico Santiago Colombo Reghin, intitulado: "**Berossus Entre o Templo e o Império: As Relações da Babilônia e os Selêucidas a partir da Babyioniaca**". Aberta a Sessão pelo(a) Senhor(a) Presidente, o Acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas, pelos membros da banca as seguintes notas, Prof. Dr: Fábio Augusto Morales, nota 9,0, Prof. Dr: Alex Degan, nota 9,0, Prof. Dr: Rodrigo Bonaldo, nota 9,0, sendo o acadêmico aprovado com a nota final 9,0. O acadêmico deverá entregar na Coordenadoria do Curso de Graduação em História em versão digital, o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, até o dia 10 de julho de 2019. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

Florianópolis, 03 de junho de 2019

Prof. Dr: Fábio Augusto Morales (Orientador(a))

Prof. Dr: Alex Degan (Titular)

Prof. Dr: Rodrigo Bonaldo (Suplente)

Santiago Colombo Reghin (Acadêmico)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico (a) Santiago Colombo Reghin, matrícula n.º15101743, entregou a versão final de seu TCC cujo título é **Berossus entre o templo e o império: As relações da Babilônia e os selêucidas a partir da *Babyloniaca* (séc. III a.C.)**, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 25 de Julho de 2019.

Assinatura manuscrita em tinta preta, sobre uma linha horizontal.

Orientador(a) Prof. Dr. Fábio Morales

Este trabalho é dedicado ao meu falecido pai, onde vários momentos da pesquisa foram realizados ao seu lado no leito do hospital, onde ele não hesitava em expressar sua alegria ao ver o filho fazendo o que sente prazer.

AGRADECIMENTOS

Um especial agradecimento ao meu professor, amigo e orientador Fábio Augusto Morales. Também aos professores e amigos Alex Degan e Rodrigo Bonaldo pela leitura e sugestões. Os debates com os grupos de pesquisa Magna Mater e GEHA, foram essenciais e deixo meu agradecimento a todos os seus membros. Fora dos meios acadêmicos também obtive um apoio imenso da minha mãe Márcia Cristina Reghin, que me deu suporte financeiro para a aquisição de livros e principalmente emocional para realizar um trabalho prazeroso.

[...] das empirische, ephemere Ich [sich] zu dem Ich [verhält], in dem der Philosoph denkt, der Künstler schafft, der Richter richtet, der Historiker forscht. Dies allgemeine, das Ich der Menschheit, ist das Subject der Geschichte. Die Geschichte ist das γνῶθι σαυτὸν der Menschheit, ihr
Gewissen.

[...]o eu empírico, efêmero em relação ao eu, no qual o filósofo pensa, o artista trabalha, o juiz julga, o historiador pesquisa. Essa generalidade, o eu da humanidade, é o sujeito da história. A história é o Conhece-te a ti mesmo da humanidade, sua consciência.

(Droysen, Historik § 74)

RESUMO

Pretendemos mostrar como a *Babyloniaca*, uma historiografia realizada por Berossus sacerdote do templo de Marduque dedicada a Antíoco I, é estruturada pelas concepções e ideologias imperiais selêucidas, principalmente relacionadas a uma nova cronologia imperial e experiência de ruptura trazida pela nova corte. Tal situação possibilita e incentiva o diálogo de dois mundos literários que abrangem diversas culturas, o mundo pan-helênico e cuneiforme. Berossus precisa realizar um cruzamento de fontes inédito e estratégica ao relatar a história milenar da Babilônia dos primórdios até Alexandre, ao colocar as possibilidades e limites das relações e integrações entre uma cultura exógena e Babilônica. Essa questão é essencial para decidir se a última será uma simples província ou retomará o seu esplendor anterior. Nessa operação de Berossus ao agenciar os *topoi*, conceitos e gêneros locais com o do mundo helênico, não concebemos a *Babyloniaca* apenas como estruturada pela ideologia selêucida, mas também como oferecendo um projeto de estruturação do novo império.

Palavras-chave: Berossus. *Babyloniaca*. Babilônia. Helenização. Historiografia.

ABSTRACT

We intend to show how the *Babyloniaca*, a historiography written by Berossus, a priest of the temple of Marduk, and dedicated it to Antiochus I. The historiography is structured by the conceptions and ideologies of the Seleucids, mainly related to a new imperial chronology and experience of rupture brought by the new court. This situation enables and encourages the dialogue of two literary worlds encompassing different cultures, the pan-Hellenic and cuneiform world. Berossus needs to carry out a strategic selection of sources by relating the ancient history of Babylon from the earliest times to Alexander, by placing the possibilities and limits of relations and integrations between an exogenous and a Babylonian culture. This question is essential to decide whether the latter will be a simple province or will resume its former splendor. In this operation of Berossus, arranging the *topoi*, concepts and local genres with that of the Hellenic world, we do not conceive the *Babyloniaca* only as structured by the Seleucid ideology, but also as offering a project of structuring the new empire.

Keywords: Berossus. *Babyloniaca*. Babylon. Hellenization. Historiography

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa com a Divisão dos Reinos Helenísticos.....	20
---	----

SUMÁRIO

Introdução	15
Capítulo Primeiro: O império selêucida e Berossus nas Formas e Paradigmas da Historiografia.....	23
1.1 Formas e paradigmas do império selêucida.....	24
1.2 Formas e paradigmas da <i>Babyloniaca</i>	30
Capítulo segundo: A <i>Babyloniaca</i> e o mundo helenístico.....	37
2.1 Berossus nos limites da helenização.....	37
2.2 A <i>Babyloniaca</i> além dos limites da helenização.....	42
Capítulo terceiro: Berossus e a Historiografia Cuneiforme	50
3.1 O lugar de Berossus.....	52
3.2 Listas Reais.....	55
3.3 Crônicas.....	58
3.4 Inscrições Reais.....	64
3.5 Novo cruzamento de fontes, nova narrativa.....	67
Capítulo Quarto: O império selêucida na <i>Babyloniaca</i>.....	71
4.1 A <i>era selêucida</i> e a cronologia imperial.....	71
4.2 A formação da ideologia temporal imperial como estruturante da <i>Babyloniaca</i>	73
4.3 <i>Babyloniaca</i> como proposta imperial estruturante	80
Conclusão	83
Apêndice	87
Bibliografia.....	106

Introdução

O presente trabalho pretende analisar as relações entre historiografia e império no contexto da construção do império helenístico selêucida na cidade da Babilônia. A fonte para a pesquisa é a obra *Babyloniaca*, escrita por Berossus, a qual tem como objeto a história da cidade. Buscamos perceber como uma nova experiência imperial afeta de diversos modos a percepção histórica e por consequência a própria historiografia. Dessa forma, novas categorias temporais ou diferentes modos de representação do passado aparecem na *Babyloniaca*, oferecendo uma reinterpretação da história da Babilônia através do novo horizonte presente. Por outro lado, iremos investigar como essa mesma cultura Babilônica não só é estruturada pela nova ideologia imperial, mas também busca oferecer possíveis pontos em comum e suporte aos selêucidas, a partir do horizonte local. Assim, este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar o duplo movimento de uma experiência radicalmente nova em relação com o peso da tradição local. Aquela que cria um novo horizonte interpretativo da tradição, paralelamente em que a tradição cria analogia temporais e busca no repertório da cultura histórica modos de explicar e representar os eventos marcados pela chegada do império selêucida.

Tal análise será realizada relacionando a *Babyloniaca* com duas tradições: 1) Com escritos babilônicos da cultura cuneiforme, para perceber como os eles são modificados e ao mesmo tempo guiam a percepção do autor; 2) com a cultura helenística trazida pela nova corte, assim como as produções literárias do período, para perceber as influências imperiais, evidenciando como novos conceitos e percepções surgiam em diferentes gêneros integrados no império. A hipótese central é que a *Babyloniaca* é, por um lado, estruturada pela ideologia imperial, por outro, busca estruturar um projeto de império que utiliza-se das sabedorias e experiências dos Babilônicos como um guia para os novos imperadores. Desse modo pretendemos apresentar a *Babyloniaca* como uma fonte fértil para enxergar estruturas da ideologia temporal imperial selêucida, que permite relacionar e confrontar dois mundos literários, como um campo para investigar como os impérios relacionam e ordenam culturas; mas também queremos perceber como a tradição local tem potencial para negociar com a corte transregional.

Berossus (do acádio: *Bēl-rē'u-šu*, "Bel é seu pastor"; do grego: Βήρωσσος) foi um historiador babilônico e sacerdote (šatammu) do templo de Marduque no período helenístico.¹

¹ Período compreendido entre a morte de Alexandre o Grande em 323 a.C. até a queda do último reino dos descendentes dos seus generais, o Império Ptolomaico, pelo Império Romano na batalha de Ácio em 31 a.C.

o qual é atribuído como autor da obra *Babyloniaca* (ou *Chaldaica*)². As datações de sua vida e de sua obra são debatidas. Logo no prólogo, dois marcos temporais são apresentados, ele foi contemporâneo de Alexandre (“κατ’ Ἀλέξανδρον γεγινώς”) - o que não informa se ele nasceu na mesma data do macedônio ou já em sua velhice - e que a *Babylonica* é dedicada ao rei Selêucida Antíoco I Sóter (324-261 a.C.). Com isso pode-se com certa segurança afirmar que sua obra é do início do terceiro século (SPEK, 2008, p. 288).³

A *Babyloniaca* é dividida em três livros que pretendem apresentar como um todo a história da Babilônia. O primeiro conta a história do surgimento das primeiras formas de vida advindas da água e a batalha dos deuses, assim como a criação da humanidade; descrições geográficas do entorno da Babilônia e informações astrológicas; a chegada do primeiro sábio, Oannes, que revela o conhecimento para a humanidade através de tábuas cuneiformes; finalizando com a descrição do ordenamento do *Cosmos* e da construção de muros no entorno da Babilônia por Bel (um nome genérico da divindade popular entre os gregos para indicar Marduque)⁴. No segundo livro a narrativa segue a forma das listas reais cuneiformes, exibindo a sequência de reis de antes do Dilúvio até Nabonassar (em acádio Nabû-nâsir, em grego Ναβονάσσαρος). O terceiro livro apresenta uma narrativa mais densa ao exibir fatos políticos e militares, que continua contando a história da cadeia dinástica de Nabonassar até Alexandre.⁵ Um conceito importante presente na cultura cuneiforme e que guia os três livros, permitindo perceber como os escribas representavam a continuidade da Babilônia sendo controlada por diversas etnias é o de *palûs*, o qual de modo imperfeito pode ser traduzido por dinastia, que Beaulieu exprime como:

We must understand the term dynasty more as a cycle [*palûs*], or as an era characterized by the hegemony of an ethnic or tribal group (the Kassites), a city (Babylon, Isin), or a region (Sealand). However, regardless of the origin of a palû, it is probable, yet not assured, that all the kings recorded in the Babylonian King Lists were believed in

² A obra não possui uma tradução para o português, por isso fizemos uma de modo não rigoroso a partir da tradução inglesa de Burstein (1978) e a de Wickersham (1996), ela está disponível no apêndice do presente trabalho. As citações da *Babyloniaca* obedecerão a ordem de livro-capítulo-parágrafo.

³ Contra tal visão, um artigo de Bach (2013, 157-162) discute se a obra não teria sido dedicada a Antíoco II, devido a um novo tablete cuneiforme ligado a administração (cobrindo de 258 a 253 a.C.) do templo de Esagila em que coloca como alto sacerdote (šatammu) um certo *Bēl-rē'u-šu* (Van der Spek 2000, 439). Essa visão vem ganhando adesão na bibliografia mais recente, com mais hipóteses que garantem mais coerência se tomarmos a obra dedicada a Antíoco II (SPEK, 2018, p. 138-9). Contudo, como grande parte da Bibliografia até agora relaciona-o a Antíoco I, decidimos manter tal visão. Apesar de novas conexões possíveis se abrirem com a nova hipótese, o argumento central do trabalho não é afetado.

⁴ A narrativa aqui se assemelha ao mito da criação *Enuma Elish* (LAMBERT, 2013).

⁵ Aqui lembrando muito o formato das crônicas Babilônicas, o que provavelmente foi a sua fonte para confecção do terceiro livro. Para a tradução das mesmas assim como uma extensa introdução das crônicas e sua relação com um pensamento histórico ver GLASSNER, 2004

ancient times to have ruled in Babylon, forming a continuous line of rulers (BEAULIEU, 2018, p.13).⁶

Assim, diversas sequências de *palûs* produziram uma cultura literária que utilizaremos em paralelo com Berossus (principalmente no terceiro e quarto capítulo), para perceber suas continuidades e rupturas com os gêneros cuneiforme - incluindo as Listas Reais, Crônicas, diversos textos eruditos (*scholarly texts*) e diários astronômicos. Esses que foram utilizados por Berossus, como ele afirma, ao falar que “traduziu muitos livros que foram preservados com grande cuidado na Babilônia” (1,1,1)

Para qualquer compreensão da obra, é necessário entender como a mesma chegou até o presente momento. Ao contrário de historiografias como de Heródoto e Tucídides, a *Babyloniaca* é conhecida apenas por fragmentos, ou seja, citações que outros historiadores (antigos e medievais) fizeram da mesma; assim como testemunhos e comentários de sua obra que foram reunidos para formar parte do texto original (ou o que se imagina que seja). Dos historiadores que teriam em mãos a *Babyloniaca* e trouxeram os primeiros fragmentos, seriam Alexandre Polímata e Juba⁷, provavelmente tendo acesso ao livro de Berossus de uma grande biblioteca, em Roma, Pergamo ou Alexandria. Entre os papiros de Oxirrinco, descobertos recentemente, encontram-se citações de Berossus e o livro da *Babyloniaca* em seu glossário (SCHIRONI, 2013, p.241). As obras dos dois autores também não chegaram intactas, quem consegue trazer o maior número de fragmentos é Flávio Josefo (37-100 d.C.), citando Polímata que cita Berossus, principalmente em contextos polêmicos, usando a *Babyloniaca* para provar a antiguidade da Bíblia, como faz em *Contra Apião*, especialmente para o segundo e terceiro livro (DILLERY, 2013, p.75). Outra parte do sumário de Polímata chega como historiador grego Abydenus, o qual escreveu uma história da Caldeia e Assíria que infelizmente sobreviveu apenas por fragmentos. Outros que citam Polímata é o cronógrafo Eusébio de Cesaréia (263-339 d.C.), senda principal fonte para o livro primeiro (MADREITER, 2013, p.132-4). Infelizmente a *Crônica* de Eusébio está perdida, exceto pelos fragmentos trazidos pela tradução armênia do cronista bizantino do século nono Jorge Sincelo. Somados a estes, outros testemunhos sobre Berossus são frequentes na tradição clássica, como Vitrúvio, Seneca e

⁶ Nós devemos entender o termo dinastia mais como um ciclo [*palûs*], ou como uma era caracterizada pela hegemonia de uma etnia ou grupo tribal (os Cassitas), uma cidade (Babilônia, Issin), ou uma regia (Terra-do-mar). Entretanto, independente da origem do *palûs*, é provável, mas não absurdo, que todos os reis registrados na lista babilônica eram concebidos como tendo governado nos tempos antigos a Babilônia, formando uma linha contínua de governantes (tradução livre).

⁷ Ambos vivendo aproximadamente no primeiro século antes de cristo, para sua relação com Berossus e possíveis locais onde acessaram a obra ver SCHIRONI, 2013.

Pausânias⁸, que se referem a Berossus como um famoso astrólogo. Isso levou os historiadores modernos a certo ceticismo sobre a identificação entre Berossus astrólogo e Berossus historiador. Felix Jacoby nos seus comentários dos *Fragmente der griechischen Historiker* (1909, p.91), assim como Amelie Kuhrt (1987, p.36) exibem tal opinião. Todavia isso está longe de ser um consenso, e se comparada com a tradição historiográfica babilônica, histografia e astronomia não são algo tão distante (LIVERANI, 2014, p.45), e que muitas vezes sacerdotes do templo que escreviam as crônicas Babilônicas também escreviam diários astronômicos, assim como em alguns casos copiavam e compilavam textos científicos e literários, designados pelo nome de *tupshar Enuma Anu Enli* (ROCHBERG, 2004, p. 219-237). Apesar disso, não se pode afirmar com certeza que Berossus seja um desses compiladores, e muito menos que a *Babyloniaca* se encaixe estritamente em alguma categoria de texto babilônico: ela é muito mais uma mistura de gêneros e com várias novidades concernente a forma, conteúdo e interpretação da literatura tradicional.

Tal situação fragmentada da obra pode trazer vários problemas. Como aponta Marincola (2007, p.2), os antigos costumavam citar por memória, o que poderia ocasionar mudança no uso das palavras e interpretações. Muitos estudiosos analisam as palavras usadas por Berossus, ligando-as a traços que indiquem estruturas gramaticais do acádio, revelando assim como Berossus interpretava a sua cultura e que ligações fazia com a presente helenização. Outro fator seria a impossibilidade de desprender as citações do seu contexto de uso, muitas vezes inserido em polêmicas. Como o acima mencionado, no caso do Josefo contra Apião, usando a *Babyloniaca* para provar a antiguidade da bíblia. Ou com Eusébio, sendo cristão acusa Berossus de irracional, ao mesmo tempo que usa sua obra para falar sobre o período pré-dilúvio (como o livro primeiro e o início do segundo demonstram). Com isso conclui-se que grandes alterações nos sentidos, estruturas gramaticais e reinterpretções interessadas e seletivas são feitas. Todavia isso não é motivo para negar a investigação de uma fonte tão interessante para demonstrar as trocas culturais e a linguagem políticas durante a integração da Babilônia no mundo helenístico.

Talvez o seu contexto possa apresentar algumas respostas. Como acima colocado, Berossus situa-se no Período Helenístico, o qual o historiador do século XIX, Barthold Niebuhr começa sua aula sobre o período descrevendo os eventos depois da morte de Alexandre como: “Diese Fehden sind mir in der ganze Geschichte das Verworrenste”⁹. Apesar de que muito se

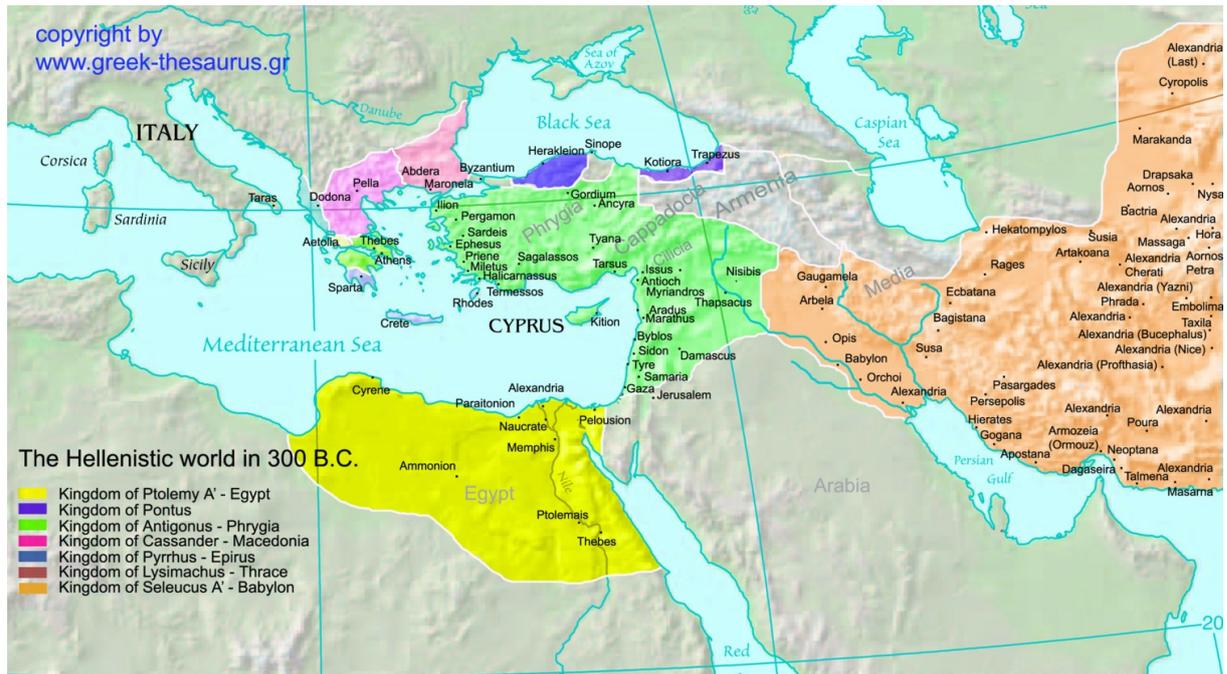
⁸ Para as indicações devidas e traduções dos testemunhos para o inglês, WICKERSHAM, 1996. Ou ver Apêndice para as mesmas traduzidas para o português.

⁹ Em tradução livre: “este período, para mim, é o mais confuso de toda a história” (NIEBUHR, 1851, p. 60)

avanço no conhecimento de tal período com achados arqueológicos, epígrafias e a inclusão de fontes orientais, ainda está longe de ser algo claro e consensual. Diversos paradigmas, formas e modelos interpretativos então em rivalidade (ou trabalhando junto) para dar sentido a uma época tão “caótica”. É necessário entrar em tal caos para perceber as principais questões impostas para Berossus, as quais a *Babyloniaca* tenta responder. Alexandre (353-323 a.C.) parte para o Oriente derrubando o Império Aquemênida (334 a.C.), assim substituído a “cabeça” dinástica e herdando os povos do império anterior, os quais durante a sua marcha se aliaram (ou não a ele). Ele pretendia transformar a Babilônia no centro de seu império, todavia teve uma morte prematura. Sem um sucessor estabelecido, seus generais entram em guerras constantes até o estabelecimento relativamente mais estável de um mundo helenístico multipolar. Em 311 a.C. a Babilônia encontra-se no domínio do General Seleuco, que retoma a satrapia (antes nas mãos de Antígono) e expandindo seu domínio para a Pérsia e Média, levando expedições até a Índia (305-303 a.C.). Devido a tais sucessos foi nomeado de Nicátor (Σέλευκος Νικάτωρ) “Vencedor”, do grego.¹⁰ Seu filho Antíoco I (figura a qual a *Babyloniaca* é dedicada) é colocado como co-regente. A Babilônia encontra-se em um período decisivo, antes dominada pelos Aquemênida, viu em Alexandre a chance de tornar-se novamente o centro de um Grande império (como foi no período neobabilônico), todavia, com a sua morte e o pesado domínio de Antígono, a expectativa não foi mantida. Agora, com os Selêucidas, seu futuro está novamente em jogo, como a capital de um império ou como mera cidade provincial. Com isso, Esagila, sendo a principal instituição representando a cultura local, precisa negociar com os novos imperadores. A questão de como apresentar sua cultura, costumes e história é essencial para uma boa relação, sendo assim nessa apresentação, a concepção do que é a Babilônia tem que ser respondida de um modo estratégico. A melhor pessoa para formular essa apresentação seria alguém que conseguisse dominar tanto o grego e o acádio, assim como conseguisse jogar com as concepções, *topoi*, e gêneros de cada mundo literário. Berossus assumiu essa posição, com a delicada operação de estabelecer as possibilidades e limites da Babilônia integrar e ser integrada por outras culturas e impérios, ao relatar sua milenar e conturbada história.

¹⁰ Uma importante fonte para esse período são as crônicas babilônicas do período helenístico, onde reportam as intensas batalhas ocorridas, mudando o modo de narrar os fatos devido a novas experiências e a integração no sistema imperial (KOSMIN, 2014, p.84), provavelmente o mesmo ocorre com Berossus. Para acesso das crônicas babilônicas do período helenístico (BCHP), com traduções de Irving Finkel e Bert van der Spek, disponível em: www.livius.org/cg-cm/chronicles/chron00.html.

Figura 1: Mapa com a Divisão dos Reinos Helenísticos



Fonte: <http://www.greek-thesaurus.gr/hellenistic-kingdoms.html>

Algumas categorias analíticas para uma melhor heurística das fontes, assim como conceitos essenciais presentes nas fontes percorreram de modo transversal os capítulos e precisam de uma breve apresentação.

Dois pares de categorias servem para ordenar e reunir os dois mundos literários relacionados por Berossus em sua historiografia, elas são o mundo pan-helenístico e a cultura cuneiforme. Importante lembrar que eles não representam duas culturas isoladas ou unidades étnicas ou políticas, mas são um conjunto de *topoi*, conceitos e gêneros.¹¹ compartilhados por diversas culturas que tem uma língua em comum (com dialetos muito diversificados). O mundo pan-helenístico não representa uma unidade econômica, política ou social, estendendo-se da Itália até a atual Turquia. Suas características culturais compartilhadas não são centralizadas em uma instituição, mas são resultados de redes de artistas, poetas e intelectuais moveis. A mitologia e literaturas difundidas por esses agentes conectam comunidades helênicas muito diversas, criando um imaginário compartilhado. Espaços como os santuários serviam como vitrines para esses aspectos em comum, expostos nos festivais. O mundo pan-helênico existe muito antes do período helenístico, mas nele, tal mundo é consideravelmente expandido para

¹¹ Essas são três categorias analíticas utilizadas durante o trabalho com intuito heurístico (do grego εὐρίσκειν – encontrar), e não como presentes e debatidos nas fontes utilizadas. Seriam ferramentas que consigam estabelecer parâmetros comparativos entre o mundo cuneiforme e pan-helênico, com relação ao conteúdo e forma das fontes analisadas. Talvez a categoria *topoi* precise de uma rápida explicação. Entendemos ela como colocada por Yates, seguindo os *Tópicos* de Aristóteles? *Topoi* seriam as sedes de argumentos e lugares de memória, coisas e assuntos habituais ligados a certos contextos de diálogos (YATES, 2007, p. 51-52)

diversas culturas (VLASSOPOULOS, 2013, p. 15-17). Nessa expansão, os elementos inicialmente utilizados para um relacionamento entre os integrantes pan-helênicos também serviram para conectar gregos e bárbaros, principalmente através da exploração das analogias e genealogias das mitologias - como veremos Berossus utilizando. O outro mundo literário da cultura cuneiforme é um *framework* conceitual que igualmente abrange diversas etnias conectadas de formas complexas, abrangendo o Ira ao mediterrâneo. Suas características compartilhadas podem ser em partes compreendidas pelas lentes das suas técnicas, línguas e estilos de escrita, que abrangem um modo semelhante de significar e organizar seu mundo (ROBSON, 2011, p. 27-30). A cultura cuneiforme conta também com seus viajantes que ajudam a propagar mitos e conceitos, mas apresenta unidades políticas mais centralizadas do que o mundo pan-helênico, fazendo com que o cuneiforme seja uma ferramenta para estabelecer relações diplomáticas e econômicas entre os impérios.

Com o objetivo de investigar como Berossus concebe a história de sua cidade como uma resposta estratégica as demandas de sua época, temos que perceber como sua obra é percorrida pela questão imperial através de dois pontos confluentes e conflitantes: primeiro ao ser estruturada pela situação contemporânea da ideologia e instituições selêucidas; segundo ao quer estruturar uma noção de império carregada com noções babilônicas. Para captar tanto como as estruturas do império selêucida quanto a Babilônia de Berossus o **primeiro capítulo** começa apresentando a tradição historiográfica moderna. Analisaremos as formas e paradigmas presentes na historiografia sobre os selêucidas e Berossus para conceber como divisões modernas de campos historiográficos dificultaram a relação que queremos estabelecer. Também indicaremos como estudos recentes abrem caminhos férteis para relacionar ambos, criando vias para perceber a *Babyloniaca* como uma fonte para as relações culturais entre os selêucidas e Berossus. Com isso pode-se partir de forma mais segura para a historiografia de Berossus. Partindo para a fonte, o segundo e terceiro capítulo tentam perceber como cada mundo literário (pan-helênico e cuneiforme) são concebidos e relacionados. O **segundo capítulo** analisa a *Babyloniaca* em relação ao fenômeno do helenismo, utilizando as perspectivas globais e sobre impérios pré-modernos para ver por quais meios e com qual intensidade a cultura grega atinge a Babilônia, assim como a sua importância para a relação império e elites locais. O **terceiro capítulo** pretende complementar essa visão ao focar na cultura cuneiforme, comparando as fontes de Berossus com o que é apresentado na *Babyloniaca*, assim percebendo como ele manteve (as vezes literalmente) ou alterou tais textos, também indicando possíveis motivos contextuais para essas alterações. Até aqui percebemos

que Berossus absorve alguns conceitos helenísticos e paralelamente se volta para sua tradição. Para perceber a base das relações da tradição grega e cuneiforme, no **quarto capítulo** voltaremos para o que veicula e incentiva a conexão dessas culturas, ou seja, o império selêucida como estruturante da obra ao fornecer a base para as relações presentes nela. Tentaremos situar a *Babyloniaca* não apenas como uma obra genérica helenística, mas sim como contendo percepções que nascem da experiência imperial específica, e como essas mesmas fizeram com que Berossus reinterpretasse sua cultura com novas perspectivas temporais; mas ao mesmo tempo procuramos argumentar que a *Babyloniaca* não é um simples epifenômeno da ideologia selêucida. Berossus joga com as estruturas imperiais de forma criativa ao ser pressionado a procurar a importância da Babilônia para o império em formação.

Capítulo Primeiro: O império selêucida e Berossus nas Formas e Paradigmas da Historiografia.

Como indicado anteriormente, uma breve observação na historiografia ajudará a relacionar Berossus e os Selêucidas. As duas categorias analíticas ajudaram a orientar tal análise, são as formas e paradigmas da história. Primeiramente as Formas na historiografia. O objetivo de Guarinello com tal conceito é “desenvolver uma consciência mais clara do que fazemos e de como apresentamos o passado...” (2003, p.57), o que nos ajudara a ver como Berossus e outras fontes do Período Helenístico são conectadas entre si e são comparados com outros períodos e espaços históricos.

A história opera mediante as formas “as quais o historiador tenta dar sentido ao passado, criando uma sensação de completude e realidade” (ANKEERMIT, 1988 *apud*. GUARINELLO 2003, p.42), sendo o único acesso ao passado por vestígios, estes não o próprio passado formando um conjunto caótico e desordenado, sendo necessário conecta-los com outras fontes. O passado chega assim de forma muito indireta, sendo as Formas uma mediação que integram e agregam interpretações e sentido a um conjunto selecionado de fontes (GUARINELLO, 2003, p.43-44), definindo assim épocas/períodos (História antiga, período helenístico) e temas (história da historiografia, história cultural); que acabam virando cadeiras e áreas de concentração nas universidades. Mas as formas não estão presas nas universidades e nem na história científica, e nem necessariamente se origina por eles, elas “estão em formação junto com as identidades históricas europeias desde o Renascimento e serviram de material cultural e ideológico para a contração de estruturas disciplinares para a História Científica ” (SILVA, 2009, p.79). Assim, além de mediação entre o conjunto de fontes e a narrativa histórica do passado, ela também é a mediação entre sociedade e universidade. Como o exemplo das divisões disciplinares entre história oriental e ocidental e a ascensão Europeia nos séculos XVIII e XIX, tais formas podem assumir tamanhos diversos e estarem contidas nas outras, por exemplo o período Helenístico dentro da história oriental ou ocidental. Logo é importante analisar como Berossus foi lido, com quais outras fontes foi comparado, e em quais formas integrado.

Outro conceito passível de ser relacionado com as Formas são os Paradigmas¹². O conceito de Paradigma usado por Uiran da Silva foi retirado do livro *As Estruturas das Revoluções Científicas* de Thomas Kuhn, mas utilizado de modo menos restritivo (SILVA,

¹² Eles foram primeiramente relacionados nos modos indicados no presente artigo: SILVA, UG da. Antiquidade Tardia como forma da história. *Revista Anos*, v. 90, p. 80.

2009, p. 78). Assim como as formas ele estrutura sentidos, mas de modo mais particular, “definindo ao mesmo tempo das questões e da explicação de um fenômeno natural ou social” (SILVA, 2009, p. 79), assim “estruturam uma tradição teórica dentro das quais as hipóteses, modelos e evidências empíricas se articulam” (KUHN, 2006, p. 29-30), e há nos paradigmas:

[...]períodos de ciência normal, nos quais os pesquisadores partem do paradigma estabelecido, desenvolvendo seus problemas e formulando seu corpo teórico e explicativo. No entanto, esse desenvolvimento pode levar a descobertas empíricas, ou incoerências no corpo teórico que podem colocar o paradigma em crise. E é nesse período de crise, que podem surgir outros paradigmas[...] (KUHN, 2006, p. 77-92)

Desse modo, as formas fazem parte da ciência histórica (mas a transcende), e a mesma procede através de paradigmas, como a forma do período Helenístico e o paradigma do declínio da polis. Assim, as questões colocadas no fim tópico anterior são guiadas por diferentes formas e paradigmas, mas dependendo das crises, não apenas os paradigmas são alterados, mas também as próprias formas (algo que ocorre com menos constância e mais sutilmente). Desse modo é importante usar esses dois conceitos para uma percepção crítica da historiografia, pois como Guarinello comenta, as formas por muito se passam como naturais e intrínsecas ao passado, e até influenciam interpretações de modo quase inconsciente (2003, p.50) - onde se encontra o risco de uma análise “imediate” da *Babyloniaca* que seria mediada por concepções atuais ou das historiografias anteriores. Pois toda narrativa vem acompanhada de modelos e teorias explicativas, mas a capacidade de detectar, refletir e refinar tais modelos é o que caracteriza a área da ciência histórica com possibilidades de mudanças epistemológicas (FERNANDEZ, 2018, p.25-29).

Os dois conceitos permitem analisar as historiografias anteriores e como elas classificam Berossus e o Império selêucida. Certos paradigmas os colocaram dentro de uma narrativa da história oriental (relacionando com fontes da cultura babilônia em cuneiforme) outros da ocidental (relacionando com fontes da cultura clássica). Ou possivelmente estamos em uma crise paradigmática e formal no qual quando se fala em uma divisão entre Oriente e Ocidente como entendemos hoje, exponham mais contradições do que explicações das dúvidas que um mundo contemporâneo globalizado projeta para o passado.

1.1 Formas e paradigmas do império selêucida

Strootman (2012) mostra como a moderna divisão entre Leste e Oeste influenciou a recepção do mundo antigo¹³. Ele divide a historiografia do império a partir do final do século

¹³ Strootman reconhece a existência de uma atual civilização ocidental, mas a mesma é uma invenção moderna e longe de ser coerente. Esta é geralmente igualada com a Europa (também uma invenção moderna), que utiliza uma

XIX em duas abordagens: a orientalizante e ocidentalizante. Na primeira, os selêucidas seriam uma continuação (ou apenas uma troca de cabeças) do Império Aquemênida; na segunda, seriam uma extensão do mundo grego para o Leste. Tais perspectivas podem relacionar-se com os conceitos apresentados previamente, onde existiram dois paradigmas. Um que relaciona os Selêucidas com a forma da história clássica/ocidental e outro paradigma que o relacione com a forma da história Oriental¹⁴. Claro que tal divisão apresenta casos extremados, sendo que algumas historiografias (principalmente as mais recentes) não se encaixam em nenhum deles.

No fim do século XIX, já haviam sido descobertos sítios arqueológicos com Layard e Paul-Émilie Botta escavando cidades Assírias e posteriormente com traduções do Cuneiforme já apresentavam novas visões da história oriental que progressivamente necessitariam menos da tradição clássica grega e latina, assim como dos estudos bíblicos (LIVERANI, 2016, p.10-31). Isso permitiu uma nova forma da história antiga Oriental através dos achados arqueológicos e análises filológicas dos tabletas. Formando um novo campo de orientalistas nas universidades que tinham um novo conjunto de fontes a ser explorado. Todavia a divisão entre Oriente e Ocidente continua, e uma integração das mesmas ainda é muito tímida. Apesar disso, grande parte das fontes do império selêucida vinham da tradição clássica. Pois o período helenístico no qual se encontra os selêucidas é um caso limite em que vários textos clássicos e cuneiforme estão lado a lado. Desse modo apresentam fortes contradições com tal divisão, e com a formação de um campo orientalista, novas perspectivas surgem para dividi-lo da tradição clássica no tempo e espaço. Assim foi definido que a Macedônia era helenizada e a cultura grega abstraída do espaço do Egeu e projetada no Oriente (STROOTMAN, 2017, p. 189). Tal período seria onde o espaço oriental abandona suas características anteriores e se heleniza. Todavia as fontes cuneiformes continuam lá, principalmente no espaço selêucida, que não conseguia encaixar-se de forma harmônica com a tradição clássica por ser muito oriental, e nem com os orientalistas por ter muitas fontes clássicas. Diversos paradigmas surgiram para explicar tal diversidade.

herança clássica como pivô para definir seu espaço cultural. Um dos usos de tal tradição seria para explicar o porquê de sua ascensão na era comercial do século XVIII, colocando a racionalidade e liberdade grega como oposta a um mundo bárbaro que está “ficando para trás” (STROOMAN, 2012, p. 4).

¹⁴ Tais divisão das formas se apresentam e intensificam com as recentes divisões acadêmicas do século XIX (SAID, 1978, p. 10); mas como foi comentado antes, as formas não têm dependência estrita com o meio acadêmico, sendo anteriores (SILVA, 2009, p. 78), logo é perceptível achá-las nas fontes gregas, dividindo um mundo Grego de liberdade e um mundo Bárbaro, este que futuramente foi ligado ao lado Leste global e conceitualizado como Oriente (ISLAM, 2019, p. 14). A historiografia moderna acaba aceitando e intensificando acriticamente tal visão, pois entravam em sincronia com seu projeto colonial. Todavia, esse teor colonial moderno ao ser exposto para a divisão evidente (mas não tão exacerbada) existente nas fontes gregas, podem trazer riscos interpretativos (ACHERAÏOU, 2011, p.101).

Nos anos finais do século XIX e no começo do XX o paradigma padrão é entender os selêucidas impondo e estendendo a cultura grega para o Oriente, com comparações explícitas ao império Britânico, como no livro *The House of The Seleucids*, de Edwyn Bevon (1902)¹⁵. Mas para lidar com as contradições do período foi necessário entendê-lo não como uma dominação unilateral, pois o próprio racionalismo ocidental foi corrompido pela sensualidade e devaneio oriental (BEVAN, 1902, p. 273-74). Logo, para explicar alguns fenômenos inconcebíveis para uma razão ocidental no período clássico, como a existência de grandes reis exercendo poder sobre cidades democráticas ou cultos a personalidade que divinizavam humanos, o Oriente levou a culpa de espalhar tal irracionalismo e despotismo. Mas ainda as fontes a serem estudadas eram clássicas e tais impérios eram vistos como helênicos, ainda que corrompidos.

Isso devido a uma extensiva divisão do Oriente e Ocidente até meados do século XX. Como exemplo de caso podemos perceber os argumentos defendidos no conjunto de artigos no livro *Before Philosophy: The Intellectual Adventure of Ancient Man* (FRANKFORT, 1949). Que pretende fazer uma história comparada da cognição humana, dividindo a mesma por civilizações, seguindo a lógica das unidades escolhidas como divisões nacionais, ou seja, como espaços fechado e coerentes com culturas e línguas próprias, sem se preocupar com a interação entre tais unidades e se realmente elas representavam divisões existentes na época (ROCHBERG, 2016, p. 15). Os objetos de análise eram principalmente mitos mesopotâmicos em comparação com os escritos científicos gregos (mostrando um viés nas de fontes guiados em partes pelas concepções dadas nas formas do período). Desse modo o Oriente é visto como um tempo pré-racional, sem um conceito de natureza, conseqüentemente sem ciência. Essa visão de unidades culturais com diferentes níveis numa etapa cognitiva existirem de modo sincrônico se torna a hegemônica no século XIX ao referir-se à antiguidade, mas continua em diversas interpretações do século XX. Para esta perspectiva o período helenístico exibiria o encontro e entrelaçamento dessas culturas, assim Momigliano afirma que culturas que nunca haviam se encontrado antes interagem por uma circulação de ideias, tanto das culturas (como a Grega) que passaram por uma *era axial* de extremo desenvolvimento, quanto pelas culturas (como a Babilônica) que se estagnaram na idade do Bronze (MOMIGLIANO, 1975, p. 7). Como existindo um contato da contemporaneidade do não contemporâneo, onde o nível da

¹⁵ “...that the work being done by European nations, and especially by England, in the East is the same work which was begun by Macedonia [and] a peculiar interest must be felt by Englishmen in those Western kings who ruled in Asia twenty centuries ago” (BEVAN, 1902 273-74).

evolução cognitiva racional se estende para o Leste e encontra a sua infância, a qual ajudou a mesma a se desenvolver e se contaminou por ela.¹⁶

Nas décadas de 60 e 70 do século XX o paradigma Ocidentalizante continua, assim como comparações com a colonização europeia. Todavia, como um diferente julgamento de valor (STROOTMAN, 2012, p. 9). Com as crescentes críticas pós-coloniais direcionadas a cultura e política europeia, novos modelos interpretativos de fontes sugeriram, desse modo os selêucidas não apresentavam mais um transporte da racionalidade grega ocidental, mas sim como uma máquina exploradora e repressora, tendo como a principal consequência uma divisão cultural. Tal visão está expressa no livro de Sammuell Eddy (1961), apresentando a visão paradoxal de que existe uma grande resistência aos reis, mas tais comunidades nativas não são afetadas pela helenização do Ocidente trazida pelos selêucidas. Pierre Briant afirma que a dissolução do império francês possibilitou uma nova visão do mundo helenístico (STROOTMAN, 2012, p. 9). Novas explicações para a queda do império surgem, não mais por uma corrupção oriental, mas pela falta de sucesso em se integrar com os indígenas - como exposto acima, devido à grande opressão houve muito mais divisão do que interações. Logo, os o império decaiu por não se preocupar mais com o Oriente e focar-se no Ocidente. Como evidencia para tal, o argumento principal era a passagem da capital do império para Antioquia (lado mais ocidental), sendo o resto mera ocupação, não tendo sucesso na exploração econômica e integração em uma estrutura imperial de tais áreas que logo separaram-se (STROOTMAN, 2012, p. 10).¹⁷

Muitas das visões acima mostravam-se inconsistentes devido à falta de evidência para a mudança da capital para Antioquia na Síria (pelo menos até Antíoco IV), como até mesmo da dinâmica da existência de uma capital imperial como algo comparado a um estado nacional. No final da década de 70 o paradigma Ocidentalizante esgotava-se ao avançar das críticas pós-coloniais, e com o livro de Edward Said *Orientalismo* (1978), provia “an extremely powerful tool for textual analysis perhaps no less significant than Derrida and Roland Barthes. It is both a technique of analysis and trope for resistance to Western hegemony” (ISLAM, 2019, p. 14). Surge um novo paradigma com um método de análise textual mais refinado, permitindo uma crítica árdua do antigo modo Ocidentalizante de conceber o império selêucida. Exemplos são

¹⁶ Claro que os exemplos expostos pertencem a casos extremados e existem outros estudos críticos deles ou que reconhecem uma racionalidade oriental desenvolvida, ficando cada vez mais evidente com as descobertas de tablets cuneiformes contendo cálculos avançados e “mapas” astronômicos, tendo assim outras fontes para analisar além dos mitos. Como em NEUGEBAUER, 1945.

¹⁷ Strootman apresenta como propagadores de tal argumento os artigos do período helenístico presentes em: AVERY, 1985.

Amélie Kuhrt, Susan-Sherwin White e Pierre Briant. O argumento que possibilita um novo olhar é que o viés ocidental (*wester bias*) que era atribuído aos Selêucidas não estava no próprio império, mas nas fontes clássicas que o descrevia – aqui a analogia com Said, onde o Orientalismo não existe como algo em sentido ontológico, mas como uma ferramenta de dominação descritiva/epistemológica. Assim, Políbio, Justino, Diodoro, Lívio, Justino e Apião descreviam os selêucidas de um ângulo romano, sem muito interesse na mesopotâmia e Irã, classificando-os como Reis da Síria –nome da região do atual levante- e as fontes epigráficas advinhas das regiões de língua grega do império na Ásia Menor (STROOTMAN, 2012, p. 11). Desse modo a parte Leste do império teria menos atenção na historiografia antiga e conseqüentemente na moderna. Esse novo paradigma surge também através das descobertas de novas fontes arqueológicas e epigrafias de regiões a leste da Ásia Menor e de línguas não gregas, para escrever uma história “através da visão do Leste”. Em *From Samarkhand to Sardis* (1993) Kurht e White argumentam que a capital (*hearthland*) do império encontra-se na Babilônia (e não na Síria) e posteriormente na Selêucia do Tigre (*Seleucia-on-the-Tigris*), ambas na parte oriental. Outro argumento presente é para as continuidades institucionais, administrativas e políticas com o império Aquemênida.

O paradigma exposto acima, que liga o império selêucida com a forma orientalizante é dominante no século XXI, trazendo novas pesquisas e fontes (STROOMAN, 2012, p.15). Contudo algumas observações posteriores foram feitas como no livro de John Má *Antiocho III and the cities of western Asia Minor* (1999), criticando a visão de Kuhrt e White, argumentando que não era possível considerar a babilônia como a capital do império e nem que ele tinha um caráter “oriental”, ao analisar os atos de fala a partir das epigrafias da parte ocidental do império, que revela uma política cultural de negociação com as cidade gregas para lidar com a aparente contradição da coexistência entre polis e reis. Em um artigo posterior (2003, p. 179), utiliza o termo “reis camaleões” para descrever a política Selêucida, argumentando que eles tinham uma identidade fluida, camuflando-se da cultura local para uma diplomacia imperial. Desse modo Kuhrt e White, ao verem os Selêucidas como imperadores Babilônicos nas fontes orientais, caíram na artimanha ideológica que o império transmitia.

Como exibido acima, existe um progresso, tanto quantitativo no número de fontes agregados, quando qualitativo nos modelos interpretativos aplicados, mas não quanto a dinâmica da helenização e das estruturas imperiais selêucidas. Contudo algumas concepções são constantes. Como a divisão das formas entre Oriente e Ocidente como unidades divididas, até nos paradigmas pós-coloniais, apresentando uma barreira cultural. Também continua a visão dos gregos como percussores da Europa ocidental, pois as analogias estão presentes em ambos

os paradigmas. A utilização dos conceitos de continuidade (Aquemênida) ou influência (Gregas) e ruptura, quando aplicados em alguns contextos, podem mostrar-se heurísticamente gerais demais e com pouco poder explicativo, abrindo para ambiguidades dentro do fenômeno, e contribuindo para a perpetuação antigas concepções, como a estagnação oriental e a imagem de entidades essenciais delimitadas, coerentes que são perpetuadas. Desse modo, mais interessante é conceber um contexto de entrelaçamento culturais para pensar as complexas relações políticas e sociais do Império Selêucida (STROOMAN, 2017, p. 179-180). Sendo mais proveitoso analisar os Selêucidas como perpetuando alguns pontos Aquemênidas por fatores estruturais dos impérios, como a base administrativa anterior exigindo uma divisão em satrapias, e também pela geografia local (fatores de longuíssima duração); ou seja, manter tais práticas não significa que os Selêucidas queriam ser vistos como perpetuadores do império Aquemênida, algo que não aparece em sua propaganda (STROOMAN 2018b, p.1). Em questão de relevância epistemológica, é mais válido tentar buscar as dinâmicas do império em seu presente do que uma constante busca por continuidades do passado histórico da região (STROOMAN, 2012, p. 12).

Com novas críticas a visões anteriores no início da segunda década do século XXI percebeu-se o quanto a divisão moderna Oriente e Ocidente afetaram a interpretação e a possibilidade de macro-narrativas sobre o império Selêucida e o período helenístico. Isso por ressaltar as próprias contradições de tal divisão. Assim, foram projetadas as dinâmicas imperiais modernas nos antigos impérios, concebendo para eles um centro (as capitais administrativas Síria para o paradigma ocidentalista; e Babilônia para o paradigma orientalista) e uma periferia, está sendo civilizada ou explorada por aquela, sendo que os impérios universais pré-modernos necessitam de modelos e concepções próprias para entender sua dinâmica e especificidades (BANG, 2012 e GUARINELLO, 1987). Também é necessário lidar de forma cuidadosa com fenômenos complexos, pois o rei contemporaneamente impunha e recebia influência sobre as comunidades locais, sem ser um colonizador, com um projeto colonial moderno, para espalhar o helenismo; e de igual modo não apenas se camuflando pelas comunidades locais deixando as mesmas estagnadas e sem receber influências de tais estruturas imperiais, que poderiam abrir novas condições para as atitudes locais, inclusive historiográficas (KOSMIN, 2018, p. 137). Essas novas críticas possibilitam um novo paradigma que concebe o império selêucida na história do Oriente médio e do espaço Egeu como integrado em um sistema mundo mais amplo – não sendo mais uma divisão de espaços fechados proto-europeus (STROOMAN, 2012,

p.18)¹⁸. Não impondo divisões nacionais do presente como essenciais e eternas, mas uma nova visão que relacione espaço e cultura de uma forma mais fluida e atenta para conexões. E a partir delas delimitar barreiras que existem, mas mudam historicamente. Sendo necessário perceber os processos de uma estrutura dinâmica de integração, atentando ao *sptial-turn*. Este que procura uma delimitar as barreiras e unidades espaciais a partir dos seus objetos e suas relações (CONRAD, 2016, p. 62-67), e não por separações espaciais naturalizadas. Esse espaço em que existia um império que integrava comunidades locais não se resume a produzir simples contatos fortuitos entre civilizações, mas sim uma interdependência horizontal (entre comunidades locais) e vertical (com a corte imperial) que ocorriam no mundo do período Helenístico, o qual não é somente heleno.

1.2 Formas e paradigmas da *Babyloniaca*.

A historiografia sobre o império selêucida passou por diversos paradigmas, mas isso não significa que a mesma é abrangente, principalmente se comparada com a de outros Diádocos. Isso ocorre pelos selêucidas ficarem em uma zona cinza, tanto espacialmente quanto temporalmente, pois ele era oriental demais para continuar como história do mundo grego e ocidental demais para continuar como história das civilizações orientais (basta perceber os recortes das macro-narrativas). Berossus já apresenta uma grande complexidade pela mistura de tradições e conteúdos na *Babyloniaca* somado a uma transmissão fragmenta; e partir para uma busca contextual para preencher lacunas apresenta todos os problemas comentados acima. Agora seguiremos o modelo anterior para ver algumas tentativas para como entender Berossus em relação a outras fontes. Pois cada paradigma anterior do período Helenístico acaba abrindo ou fechando oportunidades interpretativas e relacionais segundo as formas que trabalhavam. *Babyloniaca* é comentada desde a antiguidade, idade média, passando pelo renascimento até a era moderna (que será o foco deste breve subcapítulo), mas igualmente também não significa que Berossus seja temas de muitos estudos, sendo que apenas muito recentemente vem ganhando atenção.

¹⁸ Nessa breve exposição ficou demasiada exagerada a visão do presente imperialismo contemporâneo influenciando a visão sobre os antigos, todavia também é importante balancear o debate (algo que não o autor do presente trabalho não teria espaço e nem conhecimento suficiente), percebendo como a visão moderna influencia a interpretação dos clássicos, mas também como os clássicos influenciaram a representação moderna de império. Os quais ao atingir o Oriente não chegam como uma tabula rasa nas terras coloniais, mas com preconceções presentes nos escritos clássicos. Para tal, ver a introdução de: HAGERMAN, 2013. p. 1-17.

O historiador babilônico teve seus fragmentos coletados pela primeira vez em 1825 Johanes Rechter, mas traduzido apenas em 1978 por Burtstein e novamente em 1996 por Verbrugge e Wickersham, aumentando a disponibilidade da *Babyloniaca* para os estudos contemporâneos.

Muito ignorado pelos debates bibliográficos de Berossus é seu uso por Barthold Niebuhr em sua *Vorträge über alte geschichte* lecionadas em 1829/30, sendo as anotações da mesma publicada como livro em 1851. Como estratégia narrativa busca contar a história antiga a partir dos povos que entraram em contato com os gregos, que sintetizariam e dariam rumo a diversas culturas até a chegada de Roma. As aulas são divididas em 3 partes, sendo a primeira a história dos povos mais antigos e geralmente orientais, a segunda a época clássica e a terceira a declínio da cultura grega no período Macedônio – que seria denominado Helenístico, por Droysen, alguns anos depois, alteando drasticamente os julgamentos de valores dado a tal forma. A *Babyloniaca* dá a linha mestra do primeiro livro, Berossus é considerado por Niebuhr um historiador oriental¹⁹ e sacerdote que tem uma narrativa verídica pelo acesso aos documentos locais (os quais ainda estavam soterrados no Iraque). Desse modo consegue uma narrativa superior ao historiador mais valorizado na antiguidade do que Berossus, Ctesias, que para Niebuhr não passa de um mentiroso (NIEBUHR, 1851, p.45).

Berossus foi fundamental para Niebuhr, este um dos responsáveis por elevar o status da história como uma disciplina séria e com garantia epistêmica, com o seu método histórico-crítico, procurando salvar o conteúdo histórico do pirronismo tão acentuado no século anterior (MORALES, 2018, p.). A autenticidade de Berossus é atestado pela semelhança com a história contida no Novo Testamento. Desse modo, em uma *quellenforschung* que não pode ser levada adiante pela falta dos documentos usados por Berossus, a bíblia já é suficiente para garantir e corrigir sua narrativa, pois ele ainda representaria uma mentalidade primitiva dos antigos orientais (NIEBUHR, 1851, p. 48). Assim a modernidade apresenta um novo uso de Berossus, que parece conciliar-se melhor com a visão de uma historiografia baseada em documentos²⁰, do que foi a sua recepção na antiguidade, onde na questão historiográfica Ctesias ganha relevância sobre Assíria e Babilônia. Na modernidade, Ctesias também teve um status invertido, sendo visto como mentiroso. Em tal paradigma (moderno), Berossus é visto como historiador

¹⁹ Berossus, junto com Maneto e Menandro queriam que seus anais fossem conhecidos pelos gregos no período macedônico (NIEBUHR, 1851, p. 46).

²⁰ Opondo-se a tradicional historiografia a partir da autópsia, seguindo os modelos de Tucídides e Heródoto, sendo que o ultimo também serviu de modelo para o historicismo e principalmente para a segunda parte das aulas de Niebuhr (PIRES, 2012, p. 97-100).

oriental influenciado pela chegada dos Macedônicos, e como uma exceção, sendo um dos únicos relatos de um oriental sobre sua própria cultura. Na época de Niebuhr a maior parte da forma da história oriental era nutrida pelo que as fontes clássicas e pela bíblia.

No final do século XIX temos uma mudança de paradigma na leitura da *Babyloniaca* junto com uma transformação da forma da história. Com as descobertas e o surgimento da arqueologia novas fontes são agregadas e um novo campo surge, a Assiriologia – que sem ter preconceções dos gregos ao mediar a cultura oriental, diversas interpretações tendenciosas continuam mantendo vários preconceitos existentes nas fontes clássicas como horizonte interpretativo (Liverani, 2016, p. 43-50). Nesse paradigma a decifração do cuneiforme permite aceras as famosas fontes que Berossus usou de forma direta, possibilitando a construção de uma narrativa própria (sem o uso da *Babyloniaca*) - mas a forma da história oriental ainda utiliza a interpretação com influências do imperialismo contemporâneo para dar sentido ao conjunto dos materiais achados. Nesse paradigma Berossus não será mais o guia de uma narrativa sobre a história oriental, mas utilizado apenas pelo seu sistema cronológico dos governantes Babilônicos (e eventualmente Assírios), do dilúvio e dos reis míticos pré-diluvianos, presente principalmente no livro 2 da *Babyloniaca*.²¹

No início do século XX, em paralelo aos usos cronológicos, um novo paradigma nascente para a análise de Berossus coloca-o ligado a forma Ocidental, no contexto de recepção da literatura antiga grega. Isso acontece porque a forma do período Helenístico vinha ganhando popularidade com a famosa obra de Droysen (1836) - como uma época em que a cultura helenística se espalhava e era adotada pelos orientais. Assim Berossus é adicionado na coletânea *Fragmentum Historicum Grecorum* (RUFFING, 2013, p. 291). Jacoby, na sua análise da história da historiografia antiga (1909), também coloca Berossus entre os fragmentos gregos. Jacoby constroi uma teleologia da historiografia, com uma infância (Hecateu e Heródoto), um ápice (Tucídides), e uma decadência da historiografia acompanhada da decadência da polis (DILLERY, 2014, 171). Tal forma vira padrão para as análises historiográficas, incluindo a visão de Berossus como um historiador que tenta imitar o modelo grego (afetado pela Helenização), mas de baixa qualidade. Essa perspectiva é muito útil para uma primeira catalogação, mas mostrou-se esquemática demais, não percebendo a pluralidade sincrônica das historiografias, privilegiando um evolucionismo diacrônico da mesma.²²

²¹ Como exemplo de tais análises: Schwartz (1875), Meyer (1905) e Cornélius (1945).

²² Tal crítica a Jacoby é simplória devido à falta de espaço do presente trabalho, todavia sua catalogação (dos tipos historiográficos) e coleção de fragmentos, junto com seus comentários são muito utilizados atualmente, mas com a devida problematização, como será feito no próximo capítulo.

Apesar de crescerem as relações entre Berossus e a forma clássica, houveram estudos como de Paul Schnabel (1923) que analisa Berossus no contexto da astronomia babilônica (área de especialização do autor); conclui que os fragmentos astronômicos fazem parte do primeiro livro da *Babyloniaca* (ponto que será muito debatido e controverso), mas a astronomia de Berossus mostra-se atrasada, pois provavelmente ele não era um especialista e tinha acesso aos dados de uma forma antiquado (RUFFING, 2013, p. 296)²³. Schnabel também conclui que Berossus utiliza-se de fonte Babilônicas como os mitos e as crônicas, sua obra tem o objetivo de mostrar gratidão para Antíoco por proteger e sustentar o templo em que trabalha.

Como no paradigma do Império Selêucida, a historiografia que utiliza Berossus também é radicalmente transformada a partir da década de 60, com a popularização da história cultural e das teorias pós-coloniais, surgindo novas questões: se Berossus expressa uma etnia grega ou babilônica; qual a intenção de sua obra; se era para apresentar a Babilônia em um contexto literário Grego (dando assim uma resposta do colonizado aos colonizadores, refutando historiadores gregos) ou algo direcionado aos selêucidas para uma maior eficiência do seu domínio (RUFFING, 2013, p. 304). Assim, como comentado anteriormente, se o império selêucida apresentava uma divisão entre indígenas e colonizadores rígida, existiriam dois tipos de literatura: a de resistência (como as apocalípticas, profética e histórias locais que expunham e exaltavam a cultura indígena) e as cooperativas por nativos cooptados (que procuravam educar a nova corte). Burstein expõe tal divisão e localiza Berossus no segundo tipo (1978, 146), tal visão pode ser rastreada recentemente em Kosmin (2018, p. 12-18). Para Burstein a *Babyloniaca* é uma introdução a cultura babilônica, assim é uma *sofia* e não historiografia. Também para Robert Drew (1965) a *Babyloniaca* não é uma historiografia por não ter uma sequência causal e sim ser um decreto divino (RUFFING, 2013, p. 301). A questão sobre a Babilônica ser ou não uma historiografia é complexa pois requer reflexões sobre o conceito de história, todavia, recentemente ela vem sendo considerada como historiografia por Van der Spek (2009 e 2018) e Kosmin (2018), assunto que será tratado no terceiro capítulo.

Semelhantemente ao paradigma selêucida, os avanços arqueológicos do final do século XX originaram uma história a partir das fontes orientais (como colocado acima por White, Kuhrt e Brian). Assim diferentemente do paradigma anterior em que com a descoberta ainda

²³ Tal perspectiva vira canônica, contando com a opinião semelhante de Amélie Kuhrt (1987, p. 36-42). Recentemente, com novos paradigmas da história da ciência, percebe-se que até pouco tempo projetava-se uma visão evolucionista na ciência babilônica em que necessariamente Berossus estava descompassado, mas Rochberg (2004 e 2018) e Brown (2000) demonstram que tal visão é incoerente e que existiam uma diversidade de paradigmas simultâneos, que para o leitor atual parecem estar em contradição, mas não para os sacerdotes época.

inicial da arqueologia via Berossus como inconciliável com o exposto pela cultura cuneiforme, relegando-o para a tradição grega, por causa de um certo ceticismo de Berossus como sacerdote de Esgila e detentor de conhecimento cuneiforme (BEAULIEU, 2006, p. 117-118). As novas fontes escavadas de níveis relacionados ao império selêucida permitiram uma minúcia maior com a tradição babilônica, percebendo sua historicidade e colocando Berossus em um contexto babilônico helenístico, e que fazia parte do meio intelectual mesopotâmico cuneiforme (BEAULIEU, 2006, p. 121-126). Mas tal relação com o contexto babilônico pode ter sido exagerado em um primeiro momento, de igual modo que o império selêucida foi abstraído das características helenísticas e colocado como oriental, como em Kuhrt e White (1993). No caso de Berossus, tendo seus fragmentos que não se encaixam com a cultura babilônica negados como adições posteriores por autores clássicos; assim como o objetivo da *Babyloniaca* seria representar o império Selêucida como potência perante outros impérios, Berossus deixa acessível a ideologia local, possibilitando os imperadores macedônicos adotarem para a sua cultura política (KUHRT, 1987, p. 48-56).

Já nos anos 2000 o debate é balanceado, procurando ver Berossus como um híbrido entre duas culturas (RUFFING, 2013, p. 304)²⁴. Tal visão pode ser percebida por Van der Spek no seu artigo *Berossus as a Babylonian chronicler and Greek historian*, em que como o título expõe, procura localizar Berossus simultaneamente como um historiador grego e cronista babilônico. Tendo conhecimento das duas tradições e sendo um mediador entre elas no contexto selêucida. Seu artigo apresenta uma refinada análise de como Berossus se utiliza das fontes Babilônicas, provando que tinha conhecimento delas, conjuntamente entrando em polemicas com historiadores gregos sobre a representação da Babilônia.

Todavia, apesar do grande avanço na percepção de Berossus, o ultimo paradigma, colocado como híbrido entre as duas formas (orientalizante e ocidentalizante) enfrenta uma “crise”²⁵. Devido aos crescentes estudos sobre história global e uma perspectiva integrativa (CONRAD, 2016) ou de entrelaçamentos (STROOTMAN, 2012 e 2018) colocam em dúvida a tradicional divisão entre Oriente e Ocidente, que teve seu auge na modernidade. Tal “crise”, entendida mais como uma demanda por uma nova perspectiva do que uma total ruptura, está levando a um inicial trabalho de dissolução das formas orientais e ocidentais. A “crise” conduz a novas concepções para o estabelecimento de um novo paradigma. Esse que pode oferecer

²⁴ Visão que já era mantida, contudo, ganha força com os estudos de hibridismo na história e teorias sociais, como em: CANCLINI, 2012. E também, mais relevante para os estudos históricos: BURKE, 2010.

²⁵ Aqui aplicado de modo muito mais moderado que em Kuhn, por a transformação paradigmática apresentar características mais progressivas e reutilizando a visão anterior do que as rupturas da história da ciência.

soluções narrativas e teóricas melhores para os fenômenos que ocorrem no período helenístico e as estruturas do império selêucida, não mais visto como híbrido entre duas formas, mas sim em um período de intensa integração; não de duas tradições opostas, mas de diversas culturas que já haviam se contatado antes, mas em escalas menores. O hibridismo visto anteriormente continua ainda a ser uma perspectiva válida, pois ainda há muito a ser estudado sobre as relações entre Berossus e a tradição cuneiforme, ou no contexto literário grego. Um possível novo paradigma em formação ao ser aplicado para Berossus pode utilizar-se do hibridismo como meio para responder outras questões, como: o que sustenta, permite e incentiva tais interações, conexões e novas fronteiras dentro do império? Este novo paradigma possibilita ver a *Babyloniaca* como uma fonte útil para evidenciar o contexto cultural selêucida. Até pouco tempo a historiografia sobre tal império fez pouco uso de Berossus por diversos fatores apresentados nas páginas anteriores. Assim, dois temas (a *Babyloniaca* e o império Selêucida) que foram consideravelmente pouco estudados por não apresentarem uma sincronia com as formas padrão, podem agora ser relacionados para uma compreensão mútua. Desse modo o império selêucida pode ser considerado um fornecedor de estruturas que é a condição de possibilidade para novas trocas culturais ao mesmo tempo que as propulsiona. A *Babyloniaca* pode não só refletir tais estruturas, mas também ser um agente criador de conexões ao expor a história da Babilônia com novos conceitos, podendo criar comensurabilidade entre os povos do império selêucida (principalmente a cultura da elite helenizada) - e não sendo uma ponte entre dois mundos opostos, como uma proto ponte do Bósforo (ligando um Ocidente e Oriente dividido). Assim o objetivo do presente trabalho é enxergar a historiografia de Berossus não como oriental e nem como ocidental, mas selêucida²⁶. Este sendo um império com características pré-modernas. A principal hipótese a ser testada é se a *Babyloniaca* expõe e agencia tais estruturas imperiais, através do uso de novas categorias e exibindo novas relações,

²⁶ Como Strootman clama, para serem analisadas as fontes de tal período, pois os selêucidas ao trazendo uma bagagem helenística, não têm um projeto imperial de colonização cultural de impor tal civilização, como foi clamado pelos impérios modernos. Contudo tal helenização não acontece de modo espontâneo e acidental, mas sim foi utilizada como um dos fatores para uma comunicação entre a corte e as elites locais, característica dos impérios pré-modernos (STROOMAN, 2012, p. 16-18). Contudo, entre outros fatores também estão presentes elementos tradicionais da Babilônia que a corte assume e altera, como visto no cilindro de Borsippa e nas participações dos rituais locais, tais alterações que a corte faz ao interpretar a cultura local são absorvidas pela própria cultura local, proporcionando grandes mudanças absorvendo elementos da nova monarquia. Esses novos elementos monárquicos são absorvidos por diversas culturas em um mesmo período, refletindo semelhanças nas fontes locais da nova estrutura imperial que fazem parte, como Kosmin demonstra ao longo de todo o seu livro (2018), aqui Berossus será visto como afetado por essas estruturas e como ele interpreta a história da Babilônia com tais novas categorias

analogias, e espaços para trocas e conflitos transculturais, que dizem muito mais sobre o atual contexto integrativo do que expõe essencialidades tradicionais.

Capítulo segundo: A *Babyloniaca* e o mundo helenístico

Depois da apresentação do estado da arte sobre a historiografia selêucida e sobre Berossus, os próximos capítulos analisarão a sua obra com focos em diversos temas. Dentre eles a relação com o helenismo (segundo capítulo); a relação com as fontes usadas pelo autor e os conceitos, analogias e percepções temporais presentes na obra de Berossus (capítulo 3); assim como a sua relação com outras historiografias e literaturas produzidos no contexto selêucida (capítulo 4). Tal exposição temática trabalhara os três livros em cada uma das propostas, com algumas focando em partes/livros específicas. Essa apresentação procura começar com uma visão abrangente relacionando a obra com o tema da helenização que nomeia o período do autor, para um afinamento até chegar no contexto selêucida, com a proposta de procurar na obra uma nova situação imperial, que modifica a dinâmica do templo de Esagila e por consequência as suas produções, sendo a *Babyloniaca* uma delas.

Este capítulo pretende mostrar as relações entre Berossus e a helenização. Primeiramente expondo o conceito de helenização popularizado por Momigliano. Em seguida como alguns autores analisam o primeiro livro da *Babyloniaca*, localizando influências do helenismo na aplicação de conceitos, gêneros e *topoi* gregos na literatura babilônica. Por último evidenciará percepções mais recentes sobre o helenismo, como de Kostas Vlassopoulos e Ian Moyer. Estas últimas podem complementar o debate, pois deixa a relação entre Berossus e o helenismo de forma menos abstrata ao localizar os impérios como propagadores e fornecedores de estruturas que possibilitem a helenização. Desse modo aproximando o helenismo do objetivo do presente trabalho, que pretende mostrar as relações entre Berossus e as dinâmicas imperiais selêucidas.

2.1 Berossus nos limites da helenização

O primeiro aspecto a chamar a atenção dos historiadores sobre a *Babyloniaca* é que um Babilônico decide escrever a história da sua cidade em grego. A explicação mais geral para tal fenômeno foi colocada no período em que Berossus encontra-se. Segundo Momigliano, a novidade de tal período encontra-se na circulação internacional de ideias, sendo um evento intelectual que confronta os gregos com outras civilizações (1993, p.2-3). Em tal ambientação cultural crescia uma curiosidade mútua, onde os gregos se interessavam pelos conhecimentos das novas culturas contatadas (*Alien Wisdom*), e os “bárbaros” desejavam expressar sua história

para os gregos. Todavia, o grande limite dessas trocas, para Momigliano, é que a “influência intelectual bárbara foi sentida no mundo grego apenas na extensão em que eles eram capazes de se expressar em grego”. Assim os lugares e possibilidades interpretativas de tais culturas dependeram do lugar no qual a erudição helenística os colocavam e valoravam. Ao considerá-los como conhecimento bárbaro, simultaneamente reconhece e limita a sua importância (MOMIGLIANO, 1993, p. 7-12). Os gregos não leem os outros idiomas e dependem das novas histórias forjadas sobre tal conhecimento estrangeiro (MOMIGLIANO, 1993, p. 148). Momigliano expõe que tal helenização não teve muito efeito na Mesopotâmia, pois ela estava estagnada nas ideias desenvolvidas no segundo milênio, não vivendo as revoluções da era axial que a Grécia, Pérsia, Judeia, Índia e China passaram (1993, p. 10). Apesar desta última colocação ser criticada com as novas descobertas arqueológicas, o impacto de Helenismo foi por um lado ampliado, ao surgirem evidências que a Mesopotâmia e o Egito também foram palco desse fenômeno (MOYER, 2011, 1-5); e por outro lado limitado, ao notar que as culturas locais viram tal helenização apenas como um processo entre outros que ocorriam, sendo que assim, como a helenística, outras culturas globalizavam-se (VLASSOPOULOS, 2013).

Apesar das críticas, a explicação primeira e mais geral sobre o aparecimento da *Babyloniaca* continua dentro do esquema colocado por Momigliano. Assim, ao ser um bárbaro querendo mostrar a sua história local, necessitaria fazer a apresentação em grego. Mas uma simples tradução dos mitos, crônicas e listas reais mesopotâmicas não é suficiente. Seria preciso criar certa comensurabilidade entre os conceitos, gêneros, e *topoi* em geral presentes na tradição literária grega. Sendo assim os seguintes fragmentos podem expressar tal comunicação transcultural movimentada pelo helenismo:

Fragmento sobre a descrição geográfica e etnográfica da Babilônia

...a terra dos babilônicos fica entre os rios Tigre e o Eufrates. A Terra produz trigo selvagem, cevada, lentilhas, grão de bico e gergelim. As raízes que crescem nos pântanos também são comestíveis. Elas são chamadas de *gongas* [provavelmente em acadiano: *kungu*]. Essas raízes tem as mesmas propriedades da cevada. Lá também contém tâmaras, maçãs e outras frutas, peixes e pássaros, tanto terrestres quanto do pântano.

A parte da Babilônia na Arábia é estéril e não contém água, mas aquelas partes que se opõem à Arábia são montanhosas e férteis. (1,1, 2-3)

Existia uma grande multidão de homens na Babilônia, e eles viviam sem lei, iguais a animais selvagens. (1, 1, 4)

Berosus fala no seu primeiro livro da *Babyloniaca* que um festival chamado Sacaia é celebrado na Babilônia em um período de 5 dias, começando no décimo sexto dia do mês de Loos [*Duzu*=Julho]; e durante esses dias é costume os mestres serem regidos pelos seus escravos; e os escravos

colocarem uma túnica similar ao rei e administrar os assuntos da casa. Esse escravo é chamado de *zaganes* [em akkadico *shaknu*=governador]. (1, 6, 1)

Fragmentos descrevendo o surgimento do cosmo e dos primeiros seres vivos

Ele [Oannes] disse que existia um tempo em que tudo era escuridão e água, e desta água, seres estranhos com formas peculiares vieram à vida. Os homens nasciam com duas asas, e alguns com quatro asas e duas faces; eles tinham um corpo e duas cabeças, e eram tanto masculinos e femininos, e eles tinham dois órgãos sexuais, masculinos e femininos. Outros homens também nasciam, alguns com pernas e chifres de cabras, e com pés de cavalos e torço de homens. Eles eram *hippo-centauros* em forma. (1, 2, 1).

Quando tudo foi fundido na massa caótica, Bel elevou-se e dividiu a mulher em duas. De uma metade ele fez a terra e da outra o céu; e ele destruiu as criaturas dentro dela. Mas isto, ele fala, é falar da natureza alegoricamente, isto é, que tudo vem à existência da humidade, e as criaturas surgem nela, este deus arrancou a sua própria cabeça e de outros deuses e misturou o sangue que correu delas com terra, e formou os homens. (1, 2, 3a)

Fragmentos que procura igualar divindades:

Uma mulher chamada Omorka... rege todas essas criaturas. Em caldaico seu nome era *Thalath* [provavelmente uma corruptela de Tiamat, que é oriunda do akkadico *tâmtu* – mar] que na tradução para o grego significa *Thalassa* [mar]. (L1, 2, 2).

Mas Bel, que é traduzido em grego como Zeus, dividiu a escuridão ao meio, e separou a terra e o céu entre si, e ordenou o universo. Mas as criaturas morreram pois não eram capazes de resistir à luz. Quando Bel viu que a terra era infértil e infrutífera, ele ordenou a um dos deuses pegar a sua própria cabeça e misturar com o sangue que escorria dela, e formar homens e bestas capazes de resistir ao ar (L1, 2, 3b).

Cronos [Enki/Ea] aparece para Xisouthros em um sonho, e revelou que no décimo quinto dia do mês de Daisios [Aiaru=maio] a humanidade seria destruída por um dilúvio. (2, 2, 1).

O primeiro livro de Berossus foi muito utilizado para apresentar como a helenização está presente na *Babyloniaca*. Apesar de descrever a criação do mundo e da humanidade baseado nos mitos babilônicos *Atrahasis* e *Enuma Elish*, há no primeiro livro características que levaram ele a ser descrito como livro de costumes, em semelhança com os relatos etnográficos grego (BREUCKER, 2013, p. 22). Berossus expõe a vegetação, os gêneros alimentícios, a posição geográfica utilizando a clássica referência entre os dois rios, a característica selvagem dos nativos e festas locais. Casos parecidos são raros na tradição cuneiforme e geralmente são aplicados a regiões hostis a Babilônia, como na descrição da floresta de cedros de *Gilgamesh*. Mas a forma em que foi exposta o primeiro livro não encontra

semelhanças na tradição babilônica, sendo a sua estrutura típica da etnografia grega, seguindo o modelo:

1) descrição da terra 2) origem e história primeira 3) visão geral da história local 4) costumes. Os trabalhos etnográficos de Hecateu de Abdera e Megastenes, que eram contemporâneos de Berossus, possivelmente serviram de modelo... [...] Berossus reformulou seu material babilônico de acordo com formas e modelos gregos (BREUCKER, 2013, p. 24, tradução nossa).

Assim como o gênero textual, os conceitos também foram adaptados, colocando os mitos locais como explicações alegóricas sobre a natureza: “é falar da natureza alegoricamente (αλληγορικως πεφυσιολογησθαι)”, como as explicações gregas tentaram racionalizar ou etimologizar os mitos.

Na época de Berossus o estoicismo encontrava-se como uma das mais populares escolas filosóficas a fazer tal análise de mitos, abrindo escolas na própria Babilônia. Desse modo Haubold (2013, p. 31-45) chega a localizar possíveis influências estoicas na exposição que Berossus faz de *Enuma Elish*²⁷, lembrando Zenão ao localizar dois princípios – feminino (Tiamat) e masculino (Bel), a primeira fornecendo a matéria para que o segundo molde o cosmos: “Bel elevou-se e dividiu a mulher em duas. De uma metade ele fez a terra e da outra o céu”.

Dessa forma o mito abre a possibilidade de especulações filosóficas, ao utilizar um método grego de leitura dos mitos, poderia (da mesma forma que fez com o gênero etnográfico) “fazer seu relato acessível –e significativo- para uma ampla audiência grega”, assim, “Berossus estava ativamente se moldando em filósofos gregos contemporâneos como Zenão e seu método de leitura dos mitos” (HAUBOLD, 2013, p. 36).

Também, ao revelar as criaturas que saem das águas: “seres estranhos com formas peculiares vieram à vida”, ao relatar os monstros que Tiamat forma, lembra Empédocles descrevendo os seres primordiais:

(It is said that) many creatures with two faces and two chests came into being, offspring of cows, with human prows, and others again growing forth with human physique and the head of oxen, mixed beings, partly equipped with female and partly with male members (EMPEDOCLES F61 DK)

Os paralelos Berossus e Empédocles (entre homem-touro, criaturas de duas faces e confusões de gênero) não necessariamente implica uma influência direta, mas sim que Berossus

²⁷ Tal mito tradicional babilônico já era conhecido pelos gregos, demonstrando que haviam contatos anteriores. Eudemo de Rodes, aluno de Aristóteles, tem uma versão grega, que passou para Damáscio, o qual cita o texto em seu *De Principis* (322. 1-6). No mito são localizados dois princípios universais *Tauthe* semelhante a Tiamat do acádio; e *Apasan*, semelhante ao Apsu do mito acádio (SPECK, 2018, p. 141).

estava a par das populares teorias gregas sobre a geração espontânea de uma mistura primordial. Como demonstrada nos fragmentos “existia um tempo em que tudo era escuridão e água... Quando tudo foi fundido na massa caótica”; desse modo um mito teogônico pode ser complementado por um questionamento da natureza - φύσις (HAUBOLD, 2013, p. 37-8).

Tais criaturas miraculosas também colocam a *Babyloniaca* em relação com Apolônio, explorando o fato que antigos monstros eram vistos como “maravilhas” (θαύματα), lembrando a ênfase que Berossus dá para a natureza de Tiamat - τηρατώδη θαυμαστά (HAUBOLD, 2013, p. 39). As ligações com um *topos* literário que expõe as maravilhas locais foi denotado por Francesca Schiron (2013, p. 244) como o principal modo em que a *Babyloniaca* é recebida. Assim Berossus entraria no gênero da literatura de *Mirabilias*, o qual explora a audiência grega por expor curiosidades exóticas.

Sobre o terceiro grupo de fragmentos Berossus não simplesmente translitera ou traduz os nomes das divindades mesopotâmicas dos mitos, mas cria equivalências com as divindades gregas (Bel-Zeus/Cronos-Ea), assim, além de tornar tal mito acessível, ele também possibilita que possa se integrar e relacionar com outras histórias gregas que contenham os mesmos personagens (Zeus/Cronos), fazendo com que os Babilônicos possam se definir e identificar dentro da cosmologia grega²⁸(Haubold, 2013, p. 36). Diferente dos textos cuneiformes, Berossus coloca as divindades femininas como primordiais, sendo *Tiamat* uma força caótica, passiva e escura; contraposta a Bel como uma força ordenadora, ativa e brilhante. A oposição *Bel* e *Tiamat* estavam prefiguradas no *Enuma Elish*, mas as mesmas foram exageradas, ao expô-las como dois princípios cósmicos enquanto ofusca o resto da narrativa do mito (HAUBOLD, 2013, p. 34), entrando em sintonia com a percepção grega de que o feminino é uma força primitiva ligada ao Oriente - as historiografias revelam tal visão como a rainha lendária Nictóris em Heródoto e Maneto; também em Ctesias ao descrever Semiramis como fundadora da babilônia, interpretação que Berossus tentará contrapor (SPECK, 2018, p. 141).

Outra divergência com a tradição cuneiforme encontra-se em: “Bel viu que a terra era infértil e infrutífera, ele ordenou a um dos deuses pegar a sua própria cabeça e misturar com o sangue que escorria dela, e formar homens”. Na versão canônica do *Enuma Elish*, a humanidade não é feita com o sangue de Bel, mas sim de um deus desobediente, logo explicaria a natureza revoltosa dos humanos. Na *Babyloniaca* o próprio Bel dá seu sangue pela humanidade, ou seja,

²⁸ Vlassopoulos (2013) expõe tal capacidade da cultura e língua grega de relacionar diferentes etnias através dos mitos. Sendo essa uma das explicações de como a mesma espalhou-se e fez com que diversas culturas a adotassem. Dentro de tal chave interpretativa Berossus fazia parte de mais uma cultura que procurava moldar-se através do panteão grego existente, expondo-se para o outro através de seus conceitos.

o sangue de Zeus corre nas veias da humanidade. Existem duas principais explicações para tal alteração: A primeira proposta por Dalley (2013, 165-176) em que a noção de uma versão canônica dos textos não existia como concebida hoje, havendo vários mitos diferentes envolvendo a narrativa de *Enuma Elish*; Berossus apenas apresentou uma que não chegou até o presente. Uma segunda explicação apresentada por Haubold (2013, p. 30-42) expõe que tal alteração iria agradar mais ao público grego, substituindo a visão pessimista babilônica sobre a essência humana por uma mais positiva, em que o homem compartilhava a razão divina (νοῦς). Tais pontos de vistas não são contraditórios, e se existissem realmente duas versões, os argumentos de Haubold contribuem para que Berossus escolhesse a narrativa que melhor fosse absorvida pela audiência helênica. Tal interpretação do mito pode ser novamente vista como refletindo a filosofia do período helenístico nas questões éticas, preocupada com a questão do que define o homem, utilizando o mito como uma ferramenta pedagógica para explicar a razão humana (HAUBOLD, 2013, p. 42).

As interpretações desses primeiros trechos da *Babyloniaca* mostram-se mais preocupados em como Berossus se molda conforme a tradição grega, do que a novidade que ele apresenta aos leitores gregos sobre a cultura babilônica com seu acesso a arquivos do templo. Acima foi exposta a lição de tais trechos com a forma do Helenismo, vendo como Berossus se adaptou a cultura grega, não de forma passiva, mas sabendo jogar com certos “essencialismos”. Esses seriam a pressuposição dos gregos de que os grupos têm atributos definitivos para todos os membros, então Berossus usa tais preconceções gregas para expor a história da babilônia (HAUBOLD, 2013, p. 35). Isso é exemplificado na sua auto atribuição como caldeu (termo orientalista grego para se referir aos exóticos sábios babilônicos) jogando com tal denotação autoritativa para ganhar credibilidade. Assim como no que foi exemplificado acima, ao reformatar os mitos babilônicos nos *topois*, gêneros e conceitos gregos. Tal interpretação tenta dar uma complexidade a *Babyloniaca*, sendo que a mesma não é simplesmente uma tradução dos mitos babilônicos, e nem uma mera absorção da cultura grega, mas sim uma “complexidade de vozes culturalmente híbridas” (HAUBOLD, 2013, p. 33). Ele se utiliza da helenização de modo estratégico, não sendo apenas uma propaganda “nacionalista” em reação a nova cultura, mas sim aceitando e organizando os conceitos exógenos para colocar a tradição babilônica em uma posição relevante.

2.2 A *Babyloniaca* além dos limites da helenização.

Tal explicação do surgimento da *Babyloniaca* é importante para expor sua complexidade, mas acaba por ser muito geral e incompleta para visualizar as relações com o império selêucida. Ao analisa-la apenas com o helenismo como plano de fundo, acaba por não ligar Berossus ao seu contexto imediato e nem investigar como Berossus se relaciona com a cultura cuneiforme ou quais de seus textos estavam disponíveis (esta que será o tema do próximo capítulo ao expor a questão da historiografia e sua relação com os gêneros e tradições cuneiforme). Como geralmente acontece com os autores expostos acima, relata-se muito mais como a *Babyloniaca* se liga com uma abstrata audiência helênica do que seu contexto imediato e sua relação com a tradição milenar babilônica. Assim, não questionando como? Por quem? Por quê? E com qual intensidade tal helenização vinha a acontecer. As interpretações permanecem nesse nível geral principalmente pela ambiguidade da forma em que do período em que Berossus se encontra é concebido. Para ver as dinâmicas imperiais da *Babyloniaca* é necessário complexificar o próprio período. Não ficado prezo a um fenômeno - a helenização - dentro do Período Helenístico como a totalidade e essência dele. Para não estagnar no paradigma da *Babyloniaca* apenas como um epifenômeno da helenização, é preciso analisar como a concepção de tal marco temporal veio a ser concebido, liberando novas chaves interpretativas para conectar Berossus com o império Selêucida e a tradição Babilônica.

A observação de Momigliano - de que no helenismo os gregos mantem-se em sua visão de mundo, não se abrindo para outras línguas - somadas a *Babyloniaca* como uma conversão cultural para o mundo helênico dominante, é muito útil para uma visão geral da helenização. Todavia, para a presente pesquisa, se restringir a ela resultaria seria ver a obra de Berossus apenas como mais uma obra de curiosidades, em que pouco pode o subalterno falar.

Tal interpretação reflete um conceito de helenismo e helenização que remete a seu idealizador, J. G. Droysen. Essa noção de um espaço temporal – entre a morte de Alexandre em 324 a.C. até a derrota dos Ptolomeu pelo império Romano em 30 a.C. – já existia antes de Droysen, mas de forma menos definida e concebido como um período decadente, como é aparente desde historiadores antigos até os modernos.²⁹ Com Droysen o período ganha mais popularidade, principalmente pela visão que contradiz o pessimismo anterior, e por apresentar características e generalizações que possibilitem delimitar um período coerente. Ele contra

²⁹ Desde Plutarco enxergando o fim da liberdade depois da morte de Demostenes (PLUTARCO, 1905), como para Niebuhr, sendo o período macedônico o fim da era clássica, e o começo da decadência cultural e política, mudando de uma mentalidade grega intelectual para um pensamento tecnocrático, ao mesmo tempo que modos bárbaros de governar são levados e incentivados pela corte macedônica junto com os reinos orientais (NIEBUHR, 1851, p. 1-4)

argumenta que a aparente decadência é uma consequência necessária para um fim mais nobre. Utilizando da concepção hegeliana de *aufhebung* e da história como espiral, a mistura entre culturas não é algo ruim, mais cria uma base comum para o nascimento do cristianismo (DROYSEN 1893, p. 1294-314). Mesmo que inicialmente não apresente a sofisticação do período clássico grego, Droysen estende a vitalização grega para depois de Alexandre (MOYER, 2011, p. 11-12). Ele denomina tal período como helenístico pela universalização dessa cultura. Ele faz a analogia que tal período é a modernidade dos gregos, comparando com a colonização de seu tempo, onde intelectuais iriam espalhar a cultura dominante (MOYER, 2011, p. 19). Diversos autores subsequentes utilizam tal perspectiva (já apresentados no debate bibliográfico do império selêucida). Ao localizar artefatos gregos nos mais remotos lugares, como na Índia, Ira e na Babilônia seria prova suficiente para categorizar tais culturas como helenizadas ou gregas.

Para tratar a *Babyloniaca* em tal contexto helenístico, é preciso aplicar várias críticas e observações feitas por autores posteriores. Sendo elas: 1) a helenização que possibilitou a essência de tal demarcação temporal já existia muito antes. 2) A sua intensidade precisa ser questionada, tanto por variar ao longo da história/região, quanto por ofuscar outros fenômenos se vista como característica exclusiva de tal período. 3) Assim, é fundamental diferenciar a helenização e o período helenístico, apesar da intensificação daquela neste. 4) Também é preciso refletir sobre o que é ser grego ou helenizado, sendo sensível a auto identificação das diversas comunidades e impérios, conseguindo captar a diferença entre etnia e cultura.

Ian Moyer revisa e critica os limites da helenização de Momigliano, assim como o conceito de helenismo colocado por Droysen e seus continuadores (MOYER, 2011), com o objetivo não propagar a visão anacrônica de um imperialismo grego que impõe uma cultura através da helenização. Dois pontos podem ajudar a evitar tal percepção: Primeiro, vendo como tal helenização é recebida no meio de outras culturas que se espalhavam e interagem. Segundo, investigar como tais impérios ou etnias se representam ou identificam. As respostas a tais pontos podem evidenciar que a helenização é mais um fenômeno entre diversas trocas culturais em um mundo que se integrava; e que achar traços de helenização não significa uma necessária identificação como grego – pelo menos não exclusivamente. Explorar tais pontos em Berossus e nos selêucidas contribuiria para fazer uma história da Babilônia no período helenístico, evidenciando a importância e penetração imperial através da *Babyloniaca*. Assim, evitando

apenas uma história da helenização na Babilônia que coloca Berossus apenas como sua manifestação.³⁰

Vlassopoulos ajuda a desenvolver tais pontos (2011, p. 278-317). Ele aponta para a relativização do que seria considerado “ser grego”. Como uma diferença do período clássico, no helenístico ser grego é uma questão de disposição, e não de parentesco. Desse modo, várias etnias e impérios podiam utilizar instituições, práticas culturais, e cânones literários gregos já estabelecidos no período clássico ou mesmo no arcaico. Esses se espalhavam por diversas etnias antes do período helenístico, mas nele se intensificaram (VLASSOPOULOS, 2011, p. 291-2). Aqui está presente a importante diferenciação entre cultura e etnia apontada por Strootman, e que “diferentes pessoas circulam por diferentes culturas” (2017, p. 179-180, tradução nossa). Isso aplicado ao império selêucida significa que é melhor considera-lo culturalmente helenizado, mas não etnicamente grego. Sua própria identificação étnica tem um movimento histórico percebida por Kosmin (2014, p. 100).³¹

Logo, o império não é propagador de uma cultura enraizada em sua etnia, mas sim participa e possibilita a globalização de diversas culturas, que podem ser organizadas em níveis hierárquicos dependendo das estratégias imperiais. Essas estratégias ajudam a responder duas questões: Por que um império etnicamente macedônico adota e propaga a cultura helenística? E como Berossus pode ser ligado ao fenômeno da helenização de forma mais concreta e não unidirecional?

Os impérios pré-modernos não têm força para impor uma homogeneização etno-cultural, sendo assim o que o caracteriza é a organização hierárquica da diversidade interna (BANG e BAYLY, 2011, p. 4-5). Mas para estabelecer uma conexão das elites locais com a corte transregional da dinastia imperial é preciso certa identificação ou cultura mediadora em comum. A cultura helenística mostrou-se como uma alternativa para essa conexão entre corte e elite. Por conseguir integrar e representar diversas etnias em um mundo pan-helênico através de seus mitos, jogos e festivais. Tal meio pan-helênico já vinha se desenvolvendo anterior mente

³⁰ Tal perspectiva foi inspirada por Moyer (2011, p. 24-25), que evidencia a diferença entre fazer uma história do Egito no período helenístico e fazer uma história da helenização do Egito.

³¹ Com Seleuco as representações nas propagandas imperiais identificavam a corte com a etnia Macedônica. Já com Antíoco a ideologia imperial estava mais desenvolvida e situada no espaço do próprio império, não mais na região de origem étnica de Seleuco. Isso fica evidente na literatura cuneiforme. No cilindro de Borsippa³¹, feito pelos sacerdotes do templo de Nabû, Seleuco é identificado como Macedônico (Makkadunaya); já Antíoco é concebido como rei do mundo (šar kiššati) e da Babilônia (šar Bābili). Tal fenômeno mostra como a ideologia imperial penetra na tradição cuneiforme ao qual Berossus fazia parte (KOSMIN, 2014, p.13-15).

e foi a condição de possibilidade do helenismo (VLASSOPOULOS, 2013, p. 298-9). O surgimento ou a ampliação de culturas globais, juntamente com o surgimento de grupos híbridos, são resultados de fenômenos estruturais dos impérios (VLASSOPOULOS, 2013, p. 285-6). Importante ressaltar que não havia uma cultura e língua global helenizada, mas sim que existem diversas globalizações que já vinham acontecendo em um contexto imperial relacionado.

No império Neo-Assírios e Neo-babilônico a própria cultura cuneiforme se espalha para diversos locais do crescente fértil; o mesmo acontece com a língua aramaica durante o domínio Aquemênida (BEAULIEU, 2018, p. 171-3). O mesmo fenômeno também pode ser percebido de forma sincrônica: No período helenístico a helenização foi globalizada principalmente pela relação da elite e da corte, por isso foi privilegiada pela ideologia selêucida, mas um movimento parecido acontecia com outras culturas de diferentes classes, como elementos egípcios espalhando-se entre comerciantes e uma cultura irânica no Leste do império selêucida (STROOTMAN, 2017, p. 192-4). Essas outras globalizações também estão relacionadas com as conexões promovidas pelos impérios.

Ao colocar Berossus como um representante da elite local em relação a corte de Antíoco (afinal ele dedica o seu livro ao rei) a conexão com a *Babyloniaca* e o helenismo é feita de modo mais concreto. Evidenciando as necessidades e vantagens de escrever uma história em grego. Não foi a superioridade cultural grega que contagia as culturas anteriores, mas sim demandas das novas dinâmicas imperiais que motivam o relato da história babilônica em língua grega e com conceitos e analogias que se remetem a cultura helênica. Todavia, como foi diferenciada a cultura helenística da etnia macedônica, o mesmo pode ser percebido em Berossus. Apesar dele globalizar.³² certos conceitos e gêneros da globalização helênica, não significa que ele se tornou grego. Ele continua a se identificar como “um sacerdote de *Bel*”.

Em meios já integrados, como a Babilônia e os selêucidas, aparecem grupos híbridos e indivíduos bilíngues (MOYER, 2011, p. 31). Estes que apesar de serem de uma mesma etnia conseguem realizar uma troca de culturas (*cultural-switch*) em diferentes contextos (VLASSOPOULOS, 2013, p. 283). Berossus pode se encaixar nessa perspectiva, onde ao se comunicar com a corte ou com outras elites, utiliza as suas referências helênicas, e ao realizar os ofícios no templo de Esagila demonstra o seu repertório babilônico. Mas essa perspectiva é

³² Utilizamos o conceito segundo a definição de Vlassopoulos: “O conceito de globalização nos permite perceber a agência de indivíduos, comunidades e culturas na sua interação com uma *koine* global... Globalização não é uma teoria que explica como diferentes culturas adotam elementos de uma *koine* global, apenas uma análise histórica concreta pode ilustrar isso e explicar as escolhas tomadas” (VLASSOPOULOS, 2013, p. 22)

limitada para enxergar a *Babyloniaca*. Como colocado anteriormente, nem existe apenas uma cultura global, e nem o contexto não é formado por várias caixas culturais. Tais culturas modificam-se mutuamente, criando e favorecendo as formas híbridas. A historiografia de Berossus é um exemplo de tal forma, onde heleniza a cultura babilônica (como foi mostrado no início do capítulo), mas também “babiloniza” conceitos e formas gregas. Diante dessas misturas não é possível identificar a *Babyloniaca* com um conteúdo babilônico e a forma de uma historiografia grega. Na própria construção da obra aparecer semelhanças estruturais com a literatura cuneiforme. Então agora podemos rever algumas avaliações colocadas no início do capítulo, sendo sensível para gêneros, conceitos e *topois* cuneiformes também presentes na *Babyloniaca*. Agora analisaremos alguns de seus *topois* (as influências dos gêneros serão descritas no capítulo seguinte).

No começo do capítulo expomos uma análise de *topoi* presentes. Sendo que vários autores destacam no primeiro livro a sua parte etnográfica, onde Berossus relata a cultura, flora e fauna babilônica chamando atenção para a ausência de tal gênero na tradição cuneiforme. Contudo, deixar tal apontamento isolado realiza muito mais uma análise da helenização presente na obra, não evidenciando o dialogo cultural que o presente trabalho argumenta conter na *Babyloniaca*. No livro podemos ver como o gênero mítico grego e cuneiforme interagem. Não só como uma conversão dos deuses babilônicos para a cultura grega, mas pela procura do relacionamento entre a cultura local com a helenização globalizada, como nos trechos:

Mas Bel, que é traduzido em grego como Zeus... (1, 2, 2)

Uma mulher chamada Omorka... que na tradução para o grego significa *Thalassa* [mar].” (L1, 2, 3);

Cronos [Enki/Ea] aparece para Xisouthros em um sonho (2, 2, 1).

Além de uma evidencia da helenização, tal atitude pode ser percebida pela ótica de Vlassopoulos ao explicar a vantagem da língua e mitos gregos para integrar outras tradições em sua cultura. Berossus está fazendo um uso de tal artimanha. Participando da cultura helenística compartilhada entre corte e elite, introjetando a sua cultura nativa como compatível com a dos novos monarcas.

Além dos mitos, no livro primeiro há reflexões astronômicas:

Berossus, o interprete de Belus, afirma que toda a situação é trazida através do percurso dos planetas. Ele é positivo no ponto em que afirma uma data definitiva tanto para a conflagração e o dilúvio. Tudo o que a Terra herdou vai, ele assegura, ser consignado a chamadas quando os planetas, que agora movem em diferentes orbitas, todos se alinharem em Câncer, arranjando-se como uma flecha que passe de forma retilínea através das esferas. Quando a mesma formação ocorre em Capricórnio, então nós estamos em risco de dilúvio. Solstício de verão é trazido pela primeira, solstício de inverno pela segunda. Eles são signos zodiacos de grande poder, sabendo que eles são as influências determinantes nas duas grandes mudanças do ano. (1, 3, 1).

Berosus, como sacerdote do templo, provavelmente tinha uma formação astrológica³³. Muitos dos conceitos utilizados na astronomia grega tiveram origens na Babilônia, como a concepção de grande ano (ciclo completo de equinócios em torno da eclíptica) e o próprio Zodíaco (ROCHBERG, 2004, 121-164), ambos comentados no fragmento acima. Noções astronômicas estão presentes tanto em textos míticos, como o grande ano no começo de *Enuma Elish* e *Atrahasis*, quanto também em textos especializados em fenômenos astrológicos como *Enuma Anu Enlil* (ROCHBERG, 2004, p.66).

Um *topos* característico babilônico é de que todo o conhecimento possível já foi revelado pelos deuses, resta apenas os sábios fazerem uma exegese (KOSMIN, 2018, p. 146). Tal percepção está presente no primeiro livro:

No primeiro ano uma besta chamada Oannes apareceu do Mar Eritreu num lugar adjacente à Babilônia. [...]Ele deu aos homens o conhecimento das letras, das ciências e dos ofícios de todos os tipos. Ele também falou para eles fundarem cidades, estabelecer templos, introduzir leis e mensuração da terra. Ele também revelou para eles sementes e a colheita de frutas, e em geral ele deu aos homens tudo que se conecta com a vida civilizada. (1, 1, 5).

Um olhar procurando traços de helenização pode classificar Oannes como uma versão grega de um da cultura como Hércules, que transforma povos bárbaros em civilizados. Mas isso também está presente na cultura Babilônica em diversos mitos, como quando Enkidu, em *Gilgamesh*, passa por tal processo civilizador. Aproximações atuais de história comparada e antropologia acham melhor visualizar tais *topoi* como presentes em diversas culturas, e com funções antropológicas importantes, sem necessariamente precisar de um difusor (KOSMIN, 2014, p.54-55).

De forma similar à do *topos* do herói da cultura, o rei civilizador e construtor também está presente em diversas culturas. Algo parecido é realizado pelo rei Nabucodonosor que “construiu uma parede com portais de bronze que durou até a dominação macedônica” (L1, 5, 1), e também:

Ele generosamente adornou o templo de Bel e os outros templos com os saques de guerra. Ele reforçou a cidade velha e adicionou uma cidade nova externa. Ele organizou a mesma para que os cercos não sejam mais capazes de direcionar o rio contra a cidade por circundar a cidade interna com três circuitos de paredes, e a cidade externa também... . Depois de ele ter murado a cidade de uma maneira notável, e adornado seus portões de uma maneira adequada para um lugar sagrado. (3, 3, 2b).

As suas inúmeras referências nos textos mesopotâmicos, tanto em mitos como na literatura histórica de crônicas e anais reais, assim como na cultura helenizada da corte selêucida

³³ Tal afirmação não é unânime, autores como Kuhrt (1987) e Steele (2013) discordam ou que tal fragmento seja mesmo de Berosus, ou que ele teria conhecimentos astronômicos.

adota tal perspectiva. Existem diversos elementos tradicionais babilônicos na obra, assim como elementos culturais que são compartilhados pela tradição babilônica e helenística. Resta para o próximo capítulo analisar como Berossus usa tais diferenças e semelhanças na sua narrativa.

Este capítulo seguiu o movimento de primeiro mostrar os traços óbvios de helenização contidas na *Babyloniaca*. Depois analisou o conceito de helenização para mostrar como ele entendido de modo unívoco e total no período helenístico não abriria interpretações interessantes para o presente trabalho. Buscamos responder porque o helenismo foi essencial para o império selêucida e porque a elite local adota-o. Também mostramos que a helenização é um fenômeno complexo e não unilateral, criando formas culturais híbridas, sendo a *Babyloniaca* uma delas, capaz de utilizar-se de conceitos, formas e *topoi* da tradição cuneiforme.

Contudo, ao enxergar a *Babyloniaca* como uma historiografia dedicada a corte, resta analisar Berossus não somente como um historiador helenístico, mas babilônico. Aprofundando nas suas relações com suas fontes. Vendo como a cultura cuneiforme molda sua relação com a representação do passado e como essa representação pode afetar a relação da elite com a dinastia selêucida.

Capítulo terceiro: Berossus e a Historiografia Cuneiforme

Neste capítulo trabalharemos primeiramente com o ponto de vista da *Babyloniaca* como uma obra historiográfica e Berossus como historiador. Em seguida mostraremos a sua relação com as fontes de forma mais detalhada do que no capítulo anterior, aprofundando no debate dos gêneros historiográficos na cultura cuneiforme e como eles são apresentados na *Babyloniaca*. Por último relacionaremos a inserção desses gêneros em uma narrativa historiográfica com o contexto imperial do autor, o qual pode ter influenciado em suas interpretações, adições, exclusões e alterações das fontes cuneiformes. Esse capítulo é dirigido pela vivência de Berossus em que um ciclo de transição de império acabou de acontecer. Ao perpassar toda a história da Babilônia, o autor precisa sugerir modelos para os selêucidas: o vencedor de Nabopolassar, ou o catastrófico modelo assírio.

Não é consensual que a *Babyloniaca* seja uma historiografia. Para entrar no debate necessitaríamos entrar na questão do conceito de historiografia. A definição de historiografia é histórica, ou seja, altera-se com o tempo. A visão contemporânea mais comum seria a da historiografia como uma disciplina acadêmica científica, algo que começa a se estruturar no final do século XVIII como disciplina e vira ciência no século XIX (KOSELLECK, 2013, p. 185-209). Já a percepção da historiografia como um gênero literário, ou seja, “que agregava tudo aquilo que estava na literatura histórica” provavelmente começou depois de Políbio (MEIER, 2013, p.45-47), no século II a.C. (anos depois da *Babyloniaca*).

A historiografia também pode ter uma definição mais maleável, como um olhar investigativo/inquisitivo sobre o passado (SPEK, 2008, p. 278), localizando diferentes modos em que as pessoas lidam e representam suas memórias (WOOLF, 2014, p. IX-XII). Assim tendo a vantagem de agregar diversos textos de várias culturas. Mesmo essas culturas não tendo uma palavra para a história similar ao conceito contemporâneo, teriam um pensamento que hoje consideraríamos histórico. Este sendo expresso de diversas formas em diferentes gêneros com o intuito de fornecer explicações sobre o curso de eventos passados para demandas do presente (RÜSEN, 2009, p. 168-9 e 2006, p. 125). Esse conceito amplo também tem a desvantagem de incluir muitos textos diferentes, demandando assim perceber suas especificidades. Outro cuidado necessário é não projetar um conceito de história como investigação científica para culturas com pensamentos históricos diversos, assim como não os julgar como inferior por não seguir os parâmetros atuais.

Essas várias definições de historiografia fazem com que a *Babyloniaca* seja percebida de diversos modos ao longo do tempo. Na recepção antiga ela foi mais ligada a uma “literatura de maravilhas” pelos gramáticos do que com os livros de Heródoto e Tucídides, como é percebido no catálogo dos papiros de Oxirrinco (SCHION, 2013, p. 244). Tal percepção pode levar a considerar que a *Babyloniaca* não é uma historiografia por não ser comparada aos historiadores gregos mencionados. Todavia, isso resultaria de uma percepção anacrônica de que Heródoto, Tucídides e Políbio seriam os únicos modelos historiográficos do período (DILLERY, 2014, p. 179). Na antiguidade o gênero da historiografia estava ainda no processo de definição, e ele não era uniforme, contendo vários subgêneros. Os modelos das historiografias de Tucídides e Políbio representavam apenas um deles³⁴, assim como a *Babyloniaca* seguiria outros modelos, como a literatura de maravilhas anteriormente ou como uma historiografia regional (DILLERY, 2014, p.217). A obra de Berossus, tanto na antiguidade com Josefo e Eusébio e na modernidade com Niebuhr, foi vista como uma historiografia autêntica e confiável o suficiente para ser a base de suas narrativas sobre a antiguidade oriental.

No presente trabalho adotamos essa última definição de historiografia, como um estudo crítico dos vários modos de investigar/inquerir o passado (FELDBER e HARDY, 2014, p.1-5). Tal definição possibilita incluir a obra de Berossus e suas fontes como historiografia. Essa perspectiva ampla é adotada por vários historiadores que estudam a historiografia antiga, principalmente com relação ao Oriente (SPEK, 2008; SETERS 2008; GRABBE, 2001; LIVERANI, 2014) que não teria uma palavra para história ou gênero para a mesma de modo similar aos gregos e romanos³⁵.

Adotamos tal perspectiva da *Babyloniaca* como historiografia não para investigar a sua recepção, mas sim para a análise de sua composição relacionando o uso das fontes pelo historiador e o contexto que ele escreve, ou seja, a seleção fontes cuneiformes durante o domínio selêucida. Tomando os cuidados necessários indicados anteriormente que o conceito amplo de historiografia exige. Para analisar o cruzamento de fontes necessárias para a formulação historiográfica de Berossus vamos primeiro indicar o seu lugar social e institucional como

³⁴ No século XIX Tucídides foi considerado o ápice historiográfico pelos alemães historicistas (PIRES, 2012, P. 101). Isso fez com que anacronicamente fosse projetado tal modelo como o ideal para os historiadores antigos, contudo existem poucos indícios para tal afirmação. É mais provável que tal modelo fosse menos popular, como Políbio, deixa entender, escrevendo que o público se atraía mais por histórias com maravilhas e mitos (DILLERY, 2014, p. 176).

³⁵ O debate apresentado foi excessivamente resumido, os autores colocados anteriormente como tendo uma noção de um conceito amplo de historiografia apresentam polemicas e discordâncias entre si. Principalmente sobre a divisão entre *historiography* e *history-writing* entre Seters e Spek (SPEK, 2008, p. 277-8), e também Grabbe que coloca os historiadores gregos como os primeiros a realizar uma historiografia crítica (GRABBE, 2001, p.180-1)

dentro da alta procissão hierárquica de um sacerdote de Marduque na instituição do templo. Em seguida detalharemos as especificidades das suas fontes cuneiformes consideradas historiográficas, expondo de forma breve as principais características de cada gênero seguindo as divisões de Van Seters (2008).³⁶ Depois analisaremos como Berossus utiliza as mesmas, mostrando suas concordâncias, adições e alterações através da comparação entre suas fontes e a *Babyloniaca*, principalmente através de Spek (2008) e Dillery (2014).

3.1 O lugar de Berossus

Para compreender melhor a *Babyloniaca* e também buscar hipóteses que ajudem a completar seu caráter lacunar, realizaremos uma breve exposição do seu lugar de produção, esse que possibilita a sua escrita, motiva e guia suas questões, mas também impõe limites. Nesse trabalho consideramos Berossus um *mudû*, termo geral para qualificar um letrado especializado na literatura do mundo cuneiforme, sendo muitos ao mesmo tempo sacerdotes (ROCHBERG, 2016, p. 61). Seu escopo envolve os mais diversos assuntos, do conhecimento dos textos mitológicos, médicos, astronômicos e divinatórios/ominosos. Tais sábios e sacerdotes transitam entre o palácio e o templo, conectando o rei com as demandas institucionais templárias, como os rituais e cultos periódicos necessários para a manutenção da ordem cosmogônica (o ritual de ano novo *Akitu*) e para eventos extraordinários que necessitavam a presença real (como a ocorrência de eclipses ou outros acontecimentos com caráter ominoso); também demandavam do rei o pagamento dos funcionários e o reparo das estruturas, que devido ao tipo de construção, eram constantes. Por outro lado, o palácio requisitava dos sacerdotes, sábio e letrados funções burocráticas (como registros de preços ou eventos considerados importantes), assim como serviços para o rei, envolvendo a leitura de sinais ominosos que indicariam predicações do seu futuro pessoal ou de todo o império babilônico, dependendo dos resultados os sacerdotes teriam que realizar ritos apotropaicos.

Tal conexão entre templo e palácio (que fornecia o espaço de formação e atuação de tais sábio) não é mantida de forma constante durante a longa história babilônica, sofrendo grande variação no primeiro milênio a.C., dependendo muito da disposição do governante local em relação à sua integração com a cultura cuneiforme do templo, os gastos e prestígios que dedicava ao templo, e qual *palûs* estava no poder. Mesmo durante o domínio neo-assírio,

³⁶ Seters, como comentado, tem uma concepção ampla de historiografia (2008, p. 19-25), incluindo diversos gêneros que serão mencionados. Todavia Seters não considera como historiográficos os mitos tradicionais como *Enuma Elish* e *Atrahasis*, que foram utilizados no livro primeiro. Contudo elas já tiveram seu devido comentário no capítulo anterior, aqui focaremos na categoria historiográfica para o segundo e terceiro livro da *Babyloniaca*.

contando com reis exógenos, que consideravam a Babilônia como uma província, estabeleceram uma relação muito próxima com os sábios e sacerdotes. O rei consultava os especialistas nas ciências divinatórias.³⁷ através de cartas, permitindo a consulta de diversos templos, formando uma rede de intelectuais. Tal integração de diversos templos orbitando a corte neo-assíria estabelece um contexto competitivo, o qual foi fundamental para a formação mais sistemática e rigorosa das áreas que hoje denominamos astronomia e astrologia (BROWN, 2000), assim como para a solidificação e valorização da estrutura institucional do templo.

O nível de investimento e autonomia dado ao templo também varia. No período neo-babilônico percebe-se um controle maior do rei sobre o templo (MONERIE, 2018, l. 666), ao indicar os principais cargos administrativos e ritualísticos. Nesse período de ascensão do império figura de Marduque foi essencial para a ideologia real de expansão, fazendo com que o templo se aproximasse do palácio, e recebendo diversas reformas. Isso se aplica a diversos complexos templários da região, principalmente o de Esagila (o qual Berossus irá frequentar séculos mais tarde). No período Aquemênida, tal política de controle da corte sobre o palácio continua, Ciro, assim como Nabonido antes dele, indica os supervisores do templo. Contudo existe uma diferença, o controle Aquemênida não aproximava a corte com o palácio como era no período neo-babilônico, o principal foco era um controle econômico e ideológico. Ciro e Cambiasses trocaram os funcionários do templo em que possivelmente apresentaram resistência à conquista aquemênida, colocando administradores ainda babilônicos (pelo que os nomes indicam), mas compactuadores com a nova corte, desse modo o templo produziu diversos textos (como o cilindro de Ciro e a crônica de Nabonido) afirmando que a vontade de Marduque seria a queda do mau rei Nabonido e a condução de Ciro como novo imperador (FRIED, 2004, p.21-24). Todavia, a partir desse momento acontece uma ruptura que irá perpetuar até o período de Berossus, o templo não é mais tão fundamentalmente integrado com a corte a ponto de ser a principal ideologia real e atuar constantemente no palácio, mas apenas mais uma instituição envolvendo a elite local. Essa descentralização, entretanto, não significa que o templo perca sua posição estratégica, a corte precisa estabelecer uma boa relação com tais elites e suas instituições para manter sua legitimidade e evitar revoltas.

Uma questão em debate é o estado do templo de Esagila entre a troca imperial aquemênida para a macedônica. Com as revoltas babilônicas durante o reino de Xerxes param as produções de textos cuneiformes, o que pode levar a conclusões que o templo teria sido

³⁷ Para uma explicação de como o termo ciência se encaixa no contexto babilônico ver ROCHBERG, 2016, p. 1-15.

destruído. Spek não acha que existem evidências para afirmar a destruição total, pois diversos outros templos pararam de produzir arquivos e não foram destruídos (2006, p. 269). O mais provável é que os investimentos para reparos cessaram, assim como uma possível limpeza dos arquivos com uma nova administração trazida pela corte aquemênida. Tal estado precário teria mudado com a chegada de Alexandre e depois com os selêucidas, em que as constantes reformas e investimentos retornam, como as crônicas e diários astronômicos indicam (SPEK, 2006, p. 270-4).

Diferentemente do período neo-assírio e neo-babilônico, os reis selêucidas faziam apenas breves aparições e participavam esporadicamente dos festivais. Mas diferentemente do período aquemênida, a produção do templo não caiu, o arquivo de Esagila recorda centenas de funcionários – a maioria assalariados (SPEK, 2006, p. 276). Indicando que o rei continua direcionando investimentos no templo, possivelmente sendo uma tática exitosa em cooptar a elite local e evitar revoltas. Berossus se encontra nesse momento produtivo do templo, grande parte das produções literárias eram realizadas pelos *tupšar* Enuma Anu Enlil (escribas de Enuma Anu Enlil). Esse título surge durante o império neo-assírio referindo-se aos estudiosos das artes celestes divinatórias, dominando os sinais ominosos reunidos no compilado Enuma Anu Enlil, assim como outros textos que auxiliariam na divinação - como manuais, comentários e o próprio mito da criação (ROCHBERG, 2004, p. 209-213). Tais escribas foram fundamentais para o desenvolvimento da astronomia babilônica, primeiro observando o céu e registrando a posições das estrelas para coligar com eventos terrestres, possibilitando construir um repertório de sinais ominosos. Mas ao longo da segunda metade do primeiro milênio, o material quantitativo de registros das estrelas possibilitou o desenvolvimento de modelos matemáticos de predição da posição dos planetas, e por consequência dos eventos terrestres (BROWN, 2000, p. 3-5). Desse modo uma motivação astrológica incentivou o desenvolvimento astronômico pelos *tupšar* Enuma Anu Enlil.

No período selêucida essa ciência divinatória estava em seu estado mais avançado, com modelos matemáticos mais complexos. O título de *tupšar* Enuma Anu Enlil não se resume a divinação, mas abrange também a produção de outros documentos e textos aparentemente não ligados com a astrologia, como encantamentos, léxicos de palavras e sistemas astronômicos (ROCHBERG, 2004, p. 228-230). Assim, os *tupšar* Enuma Anu Enlil não apenas registram fenômenos celestes e consultam sua relação com os sinais ominosos do Enuma Anu Enlil, eles acabam tendo títulos e funções que antes (no período neo-assírio) eram divididas entre lamentadores e exorcistas. Spek assume que essa abrangência do título não significa que agora esses escribas vão além das ciências divinatórias, mas sim que essas se interligam com os outros

conhecimentos não astrológicos (2008, p. 285). Logo a motivação de descobrir sinais divinos que predizem o futuro e revelam o passado não motivaria apenas uma astronomia, mas também o desenvolvimento de diversas outras pesquisas, como os registros econômicos e sobretudo históricos.

Assim o espaço de Berossus não apresenta uma divisão rígida de conhecimento, a produção de crônicas, diários, listas, textos ominosos e profecias compartilham propriedades formais - como os iguais termos arcaicos, o uso de inversão de palavras típicos dos sinais ominosos- e temáticos - a sorte real, o culto do templo, as pragas, a fome e a predicação (SPEK, 2008, p. 286). A harmonização dessas diferentes artes e ciências pode ser explicada principalmente por dois motivos: um mesmo motivo divinatório que incentiva diversas perspectivas de um igual fim, reconhecer os sinais cósmicos dos deuses; e pela produção desse conhecimento ser realizada pelo igual círculo de escribas, não restrito a uma divisão rígida de tarefas, com estes agindo como letrados “universais”, cada um conhecendo as diversas ciências que ganham coerência pela unidade divinatória³⁸.

Reconhecer o caráter eclético dos produtores de conhecimento do templo é importante para entender Berossus. Mesmo que a *Babyloniaca* seja o primeiro texto a reunir o conhecimento de crônicas, listas, mitos e possivelmente outros textos, tal relação já existia na formação múltipla dos escribas e na motivação divinatória. Berossus provavelmente registrou debates e correlações que deviam ser frequentes no seu espaço. A busca de relações motivada pela vontade de entender os sinais divinos oferece um fundo comum para os escribas, ao dar metas sobre quais eventos e temas relatar, assim como a sua forma de sua escrita também geram limites. Os tipos de explicações e causas usadas na historiografia grega não são o foco dessa pesquisa do templo, e isso influenciara no resultado da *Babyloniaca*, fazendo com que sua obra não se conforme com os protótipos do gênero historiográfico grego. Agora partiremos para estudar como tais gêneros foram relacionados na sua obra.

3.2 Listas Reais

Antes de apresentar o primeiro gênero utilizado por Berossus é importante ressaltar que a classificação de tais gêneros foi feita posteriormente e tem certa artificialidade, pois os nomes utilizados não são como os babilônicos se referiam aos textos (GLASSNER, 2004, p.38). As divisões foram realizadas no contexto de descoberta durante o final do século XIX e ao longo do XX seguindo o estilo de escrita e temas através de uma análise crítico-formal

³⁸ Os colofón no final dos textos cuneiforme revelam a sua autoria, gêneros dispersos muitas vezes eram escritos pelo mesmo escriba (ROCHBERG, 2004, p. 229)

(SETERS, 2008, p. 74). O que inicialmente parecia ser classificações coerentes foram problematizadas com descobertas de novos textos - como no caso das crônicas babilônicas do período helenístico (SPEK, 2008, p.282). Basta dizer que as categorias utilizadas aqui foram feitas *a posteriori* e resguardam um nível de ambiguidade, assim como podem variar de autor para autor.

Para Seters, tais listas fazem parte da tradição mesopotâmica da ciência enumerativa (*listenwissenschaft*)³⁹, definida como

A tendência de produzir listas de todos os tipos: silabários, vocabulários bilíngues, catálogo de plantas, observações do céu, listas de deuses e muitas outras... A maioria das listas tinha uma aplicação prática: as listas de data, por exemplo, eram usadas para calcular idade dos documentos (SETERS, 2008, p. 86)

Essa prática é muito antiga, e desde a terceira dinastia de Ur (2112-2004 a.C.) é possível detectar o hábito de nomear o ano a partir de acontecimentos significativos usados para datar os documentos. Com a soma de tais anos era possível calcular a quantidade de anos de um determinado reinado, assim possibilitando a produção das listas reais. Elas tinham um caráter formular –“o rei reinou por X anos” (VERBRUGGHE e WICKERSHAM, 1996, p. 18). Elas se diferem das crônicas (que serão apresentadas na sequência) por serem uma lista bruta, sem os relatos dos feitos dos reis.

A principal fonte de Berossus para a listagem de reis do livro segundo é a lista real suméria (LRS). Ela foi preservada no período babilônico antigo (1800-1600 a.C.) em várias cópias em língua suméria. A LRS começa apresentando uma breve narrativa introdutória de como o reino dos céus foi estabelecido em Eridu⁴⁰; ela lista os reis e as cidade que governaram por um longo tempo até a chegada do dilúvio; seguindo com o retorno do reinado em Kish e a sucessão de dinastias ou *palûs* (ver introdução) de várias cidades na região do Sul mesopotâmico (SETERS, 2008, p. 87). A LRS combina listas dinásticas de várias cidades que coexistiam em uma diacronia artificial, misturando nomes lendários e históricos. Com isso a

LRS apresenta uma tentativa de compilar vários documentos sobre governantes e heróis, com a finalidade de apresentar o passado de uma forma condizente com os propósitos políticos e ideológicos da época do autor (SETERS, 2008, p. 88)

A época de sua confecção não é certa, mas seria depois da terceira dinastia de Ur, quando a lista acaba. De modo similar Berossus também adapta suas fontes para apresentar o

³⁹ Para um debate mais aprofundado e recente sobre a ciência enumerativa mesopotâmica, ver: VAN DE MIEROOP, 2015.

⁴⁰ Como foi destacado, algumas listas oferecem breves relatos, fazendo com que as mesmas estejam em diferentes classificações por diferentes autores. Contudo, apesar da LRS apresentar esta narrativa, a sua estrutura como um todo segue mais a característica enumerativa, por isso colocada como uma lista.

passado de “forma condizente com os propósitos políticos e ideológicos” de sua época, que difere muito da LRS. Contudo Berossus não acessa essa lista de forma direta (igualmente nós só conhecemos a *Babyloniaca* por fragmentos). É mais provável que ele tenha consultado outra lista que utilizou a LRS como fonte. Essa mesma que completou a LRS com a sequência de reis até Nabonassar, justamente onde acaba o segundo livro de Berossus. A fonte mais provável e coerente com a *Babyloniaca* é a crônica dinástica, que apesar do nome, apresenta uma estrutura muito mais perto das listas do que das crônicas, mas a ambiguidade da classificação muda com cada autor.

Existiam cópias da crônica dinástica nas bibliotecas neobabilônicas, as quais provavelmente foram transmitidas até o período helenístico. Ela percorre um enorme escopo de tempo - diferentemente das crônicas do período neobabilônico. Indo da criação do mundo até o século VI. Ela lida constantemente com o conceito de *palûs* seguindo o modelo da LRS (BEAULIEU, 20018, p. 16). Ela foi traduzida por Glassner (2004), e está presente na sua coletânea de textos cronológicos mesopotâmicos, aqui referidos como CM - a crônica dinástica é ordenada como CM 3.

Após a breve narrativa inicial sobre a decida dos deuses a CM 3 coloca:

[Alulim, o rei,] reinou 36,000 anos; [Alalgar] reinou 43,200 anos; [dois reis do *palû* de Eridu,] eles reinaram 79,200 anos. [O ciclo de *palû* mudou,] seu reinado foi para Bad-tibira...

O ciclo de *palû* de Bad-tibira mudou; seu reinado foi para Sippar.

Em Sippar, Enmen-dur-anki, o rei, reinou por 54,600 anos; um rei, o ciclo de *palû* de Sippar; ele reinou 54,600 anos. O ciclo de *palû* mudou; seu reino foi para Larak... (CM 3 11-21).

Na *Babyloniaca*:

Aloros [Alulim], um caldeu da Babilônia, foi o primeiro rei da terra, e reinou por dez *saroi*. Eles falam que ele espalhou a história sobre si, que deus apontou ele como pastor do povo.

Berossus escreve em termos de *saroi*, *neroi* e *sostoi*. O *saros* designa um período de 3600 anos, *neros* 600 anos e o *sostos* 36 anos.

Depois da morte de Aloros, seu filho Alaparos [Alalgar] reinou três *saroi*. E depois de Alaparos Amelon [Ammeluanna], um dos caldeus da cidade de Pautibblon [Badtibira]. Ele governou por treze *saroi*.

Então Euedoragchos [Enmeduranki/Enmeduranna] da cidade de Pautibblon tornou-se rei e reinou por dezoito *saroi*. Em seu tempo, ele diz, outra criatura semelhante em mistura de peixe e homem chamada Odakon [Utu'abzu] apareceu do mar Eritreu. (2, 1, 1-7)

Apesar dos nomes sofreram a transliteração para o grego da adoção de outro sistema de datação (tema do capítulo seguinte), as semelhanças são notáveis. Vários anos de reinados são iguais, contudo alguns sofrem alterações. Não se sabe ao certo se as alterações têm algum propósito específico, como para fechar a idade total da Babilônia com algum número simbólico,

ou se Berossus utilizou outras versões da lista com números diferentes. Outra diferença é que Berossus adiciona dois reis não presentes na CM 3 e LRS, e não menciona dois reis que seguem imediatamente após o dilúvio (VERBRUGGHE E WICKERSHAM, 1996, p. 19-20). Berossus não reproduz suas fontes de modo integral, mas joga com elas, cruzando os mitos com a tradição das listas. Como fez colocando a narrativa do dilúvio no meio da listagem dos reis, ao sincroniza-los com o mito de *Atrahasis* (2, 2, 1-4).

Outra semelhança entre as duas listas é que ambas começam com números exagerados de anos de reinado de cada rei, até chegar progressivamente em números históricos. Em tal momento Berossus muda a estrutura da *Babyloniaca* e começa o livro terceiro. Ele também altera suas fontes principais para as Crônicas, que apresentam informações mais densas, possibilitando uma narrativa a partir delas. Contudo isso aparece como uma escolha do autor, segundo Verbrugge, Berossus também tinha várias outras fontes que poderia contar em detalhe os eventos apenas listados no segundo livro - como vários épicos históricos ou mesmo crônicas de períodos remotos (1996, p. 21). Isso pode indicar que a *Babyloniaca* queria chamar a atenção dos selêucidas para o passado recente do império neobabilônico, onde a mesma teve a maior extensão espacial e poderia ser um modelo de reinado para Antíoco.

A lista demonstra bem a noção de *palûs* demonstrada na introdução. As diferentes dinastias se alteram dentro de um mesmo reino que é transferido geograficamente, mas mantem a sua essência e genealogia divina. Assim a história é alterada para uma linha reta de dinastias que são consideradas descendentes umas das outras. Isso não condiz com a pesquisa arqueológica/histórica apontando que muito do que é colocado em diacronia conviviam em um igual período de tempo. Tal alteração ajuda a legitimar a nova dinastia, colocando-a na posição de descendente da anterior, amenizando o caráter ilegítimo da quebra dinástica como apenas uma mudança de ciclo/*palûs*. Tal concepção foi útil para o compositor da LRS, da crônica dinástica e também para Berossus. Tal representação na *Babyloniaca* ajuda a legitimar o novo império selêucida, não como o fim da babilônia, mas apenas a sequência de um próximo *palûs* que mantém a mesma essência de milênios atrás.

3.3 Crônicas

A crônica seria “uma narração cronológica de acontecimentos políticos ou religiosos e remonta especificamente aos anos de reinado de um determinado rei”, mas “muitas ultrapassam os reinados de diversos monarcas...” (SETERS, 2008, p. 97). Elas apresentam enumeração de eventos em datações exatas, mas sem conter uma narrativa detalhada, sem explicações causais e sem contextualização, sendo uma base de dado dos fatos apresentados

(SPEK, 2008, p. 277). Elas abrangem textos com diferentes origens e funções, sendo um dos principais tópicos de debate na historiografia oriental, com divergências sobre seu propósito e quais seriam as suas fontes⁴¹. O principal compilador/tradutor foi Grayson com as *Assyrian and Babylonian Chronicles* (1975), chamadas aqui em diante de ABC.⁴² Uma segunda compilação, incluindo novas crônicas foi feita por Glassner (2004) referidas aqui como CM; e mais recentemente crônicas do período helenístico foram traduzidas e comentadas por Spek e Finkel, referidas aqui como BCHP.⁴³

Spek afirma que não apenas Berossus como um possível escritor das crônicas do período helenístico (BCHP), mas também considera a própria *Babyloniaca* como uma grande crônica (2008, p.287). Isso ocorre pela sua semelhança estrutural e temática. Ambas apresentam o nome do rei, quantidade de anos que reinou, o modo que morreu e as circunstâncias de ascensão do próximo rei. (SPEK, 2008, 293-4).

As crônicas que possivelmente Berossus utilizou como fonte de dados, sendo as crônicas neobabilônicas, são: [...]. Estas últimas seriam ABC 1-7, registrando os eventos que ocorreram entre 747 a 539, que está no período temporal do terceiro livro da Babilônica, tendo como marco para o fim do segundo livro da *Babyloniaca* o início do reino de Nabonassar. Justamente onde termina a crônica dinástica e começa a narrativa das crônicas neobabilônicas. Estas se diferenciam das crônicas que tratam de assuntos mais antigos por serem mais detalhadas e objetivas, com menos referências a intervenções divinas e por não ser fortemente ditada pela ideologia real (SPEK, 2008, p. 283)⁴⁴. Por isso Seters as reconhece como uma

⁴¹ O localizar seu objetivo e suas fontes é de muita importância para estudar a formação de uma historiografia, assim como uma noção de história na Babilônia, todavia tal tema foge do escopo do presente trabalho. O presente trabalho seguirá a opinião de Spek ao colocar que não existia apenas uma fonte para as crônicas, mas sim pelas semelhanças entre elas, os diários astronômicos, os textos ominosos e profecias estariam dentro de um mesmo universo literário ligado a adivinhação. Sendo esses gêneros todos produzidos pelos mesmos escritores (pois não existia especializações rígidas), eles trocavam e copiavam informações entre si, pois provavelmente não eram vistos como gêneros divididos como é feito atualmente. Seu interesse é o registro de eventos importantes do passado para serem usados como repertório das adivinhações (SPEK, 2008, 284-6). Isso faz com que tais textos tenham um foco historiográfico ao querer uma representação fiel do evento, por isso Seters considera as crônicas como o gênero mais objetivo (SETERS, 2008, p. 97)

⁴² A divisão de gêneros de Grayson difere de Seters. Grayson coloca um grande gênero cronográfico o qual inclui as crônicas e listas reais, na divisão de Seters elas são consideradas em gêneros diferentes. As referências seguintes para as crônicas seguiram a nomenclatura e numeração de Grayson, mas sobre divisão de gêneros seguiremos Seters.

⁴³ Elas não foram publicadas ainda, mas estão disponíveis online em <https://www.livius.org/sources/about/mesopotamian-chronicles/> (Acessado em 06/03/2019)

⁴⁴ As crônicas aqui referidas (neobabilônicas) são apenas uma série do conjunto total, elas foram privilegiadas neste trabalho por oferecer maior semelhança com Berossus. Todavia, existem outras crônicas que seguem a definição dada como um registro contínuo de eventos em ordem cronológica, mas que tratam de tempos muito mais antigos. Spek coloca que elas são menos precisas que as neobabilônicas por não serem registros contemporâneos dos fatos, mas sim compilados de textos literários em geral (como listas reais, épicos e mitos) tendo marcos temporais mais confusos. Contudo apresentam mais explicações que as neobabilônicas, sendo essas

“tradição acadêmica sem função propagandística e alheia aos propósitos de exaltação do rei” e “mantendo uma objetividade tanto no relato das vitórias quanto no das derrotas” (2008, p. 98). Essa observação será importante ao compararmos com o uso que Berossus fará delas. As crônicas do século VI (neobabilônicas) foram compiladas em Borsippa⁴⁵ e seu registro provavelmente é contemporâneo ao decorrer dos eventos ou com pouco intervalo de tempo, pela precisão da datação.

ABC 3

Esta crônica narra a queda do império Assírio pela união dos Medos e da Babilônia (Akkad).

No décimo segundo ano, no mês de Ab, os Medos [que estavam a caminho] para Nínive, o rei da Assyria avança com seu exército. Eles tomam posse de Tarbibu, uma cidade no distrito de Nínive. Eles [os Medos] infligem uma formidável derrota em um grande povo, pilhando, roubando e os destruindo. [O rei] de Akkad e suas tropas, que foram ajudar os Medos, não chegaram a tempo para a batalha. A cidade foi tomada. O [rei de Akkad e] Cyaxaxer, encontram-se fora da cidade e concluem um acordo mutuo e uma paz total. (ABC 3, tradução nossa).

Na *Babyloniaca*:

E depois de Samoges [Shamash-shun-ukin] Sardanapallos [Ashurbanipal] o sucedeu para o reinado dos caldeus por 21 anos... Ele [Nabopalasaros] enviou tropas em assistência a Astyages, o chefe tribal e satrapa dos Medos, com o intuito de obter a filha de Astyages, Amyitis [Amuhean], como a esposa de seu filho Nabukodrossoros. Ele foi indicado como general por Srakos [Sin-shar-ishkun], o rei dos caldeus, quando Sarakos marchou contra Níniveh. Sarakos, desanimado com seu ataque, ateou fogo em si mesmo junto com seu palácio. Nabopalasaros, o pai de Nabuchodonosor, tomou posse e governou os caldeus e a Babilônia. E a partir disso Nabukodrossoros governou por quarenta e três ano; e reunindo um exército, ele marchou aos arredores e pegou como prisioneiro os judeus, fenícios e os sírios. (L3, 2, 6).

Na crônica percebemos o caráter objetivo e pouca influência da ideologia real que destaca Seters ao mostrar que a Babilônia não foi a única responsável por derrotar o império Assírio, ela se uniu com os Medos. Mas isso ainda não é tudo, o exército babilônico nem participa da batalha final, chegando atrasado após a vitória do Medos. No caso da *Babyloniaca*, retratando o mesmo trecho, provavelmente utilizando esta crônica como fonte apresenta uma interpretação diferente. Berossus não esconde apenas o vergonhoso atraso das tropas

explicações ligadas a motivos teológicos, como a raiva de Marduque diante as atitudes dos monarcas, também impõe julgamento de valores aos mesmos (SPEK, 2008, p. 283). Com isso elas se opõe, a objetividade e caráter secular das crônicas neobabilônicas indicada por Seter.

⁴⁵ A Babilônia começou a compilar sistematicamente crônicas mais tarde, no período helenístico (BCHP e ABC 8-13b).

abilônicas, mas exclui toda a ajuda dos Medos. Assim Nabopolassar vira rei de um novo império universal, que foi transferido da Assíria para a Babilônia, de forma direta e completa. Tal interpretação corrige a versão de Ctésias de Cnido, historiador grego que viveu na corte de Artaxerxes II (LANFRACHI, 2013, p. 71). Por estar na corte Aquemênida, sua história (como a de Berossus) poderia querer agradecer ao rei, assim ele exclui a Babilônia como um império, e coloca que o novo império universal sucessor da Assíria seriam os Medos e depois os Persas. Aqui temos apenas uma das várias contraposições que Berossus faz a interpretações de historiadores gregos sobre a Babilônia. Colocar a Babilônia como um império universal legítimo é o primeiro passo para representar a mesma como uma inspiração para os Selêucidas, outras estratégias complementares serão colocadas em seguida.

ABC 5

A narrativa do terceiro livro se assemelha muito com a crônica ABC 5 ao tratar da vida de Nabucodonosor II. Berossus certamente não as traduz, mas faz um resumo de seus tópicos (SPEK, 2008, p. 291). As duas primeiras linhas da crônica revelam que Nabopolassar envia seu filho, Nabucodonosor II contra um exército no Egito (ABC 5 1-2). Ele ganha a batalha e conquista a região (ABC 3-8). Nabopolassar morre depois de reinar por 21 anos (ABC 9-10a), então, Nabucodonosor retorna para a Babilônia e vira rei (ABC 5 10b-11).

Na *Babyloniaca* temos:

Nabopalassaros, seu pai, ouviu que um satrapa que foi posicionado no Egito, Coele Síria e fenícia, tinha rebelando-se. Ele [Nabopolassaros] não mais apto para a tarefa, confiou parte de seu exército para o seu filho Nabouchodonosoros, em que estava no ápice da idade, enviado contra o rebelde. Nabouchodonosoros orquestrou suas forças na batalha e capturou o rebelde. Ele o derrotou e subjugou a terra para o comando da Babilônia novamente. E no mesmo período, seu pai caiu doente e morreu na cidade da Babilônia, depois de ter sido rei por vinte e um anos. (L3, 3, 1)

2a-Nabuchodonosoros tomou conhecimento da morte do seu pai logo em seguida. Depois de organizar os assuntos no Egito e no restante do território, ele ordenou a alguns de seus amigos para trazer os prisioneiros Judeus, fenícios, sírios e egípcios, juntamente com a massa do exército e os saques para a Babilônia. Ele se acertou com alguns companheiros e alcançou a Babilônia cruzando o deserto. Em achando os assuntos sendo administrados pelos caldeus e o reinado sendo mantido pelos mais nobres destes [caldeus], ele tomou conta do total do reinado de seu pai. (L3, 3, 1)

Aqui é possível notar o uso o termo satrapa (Grego *σατράπης*, no Persa antigo *xšaθrapāvan*) que tem origem persa, mas foi muito utilizado pelos gregos para designar os governadores das províncias. Tal termo não está presente nas crônicas, colocando apenas

que Nabucodonosor se encontrou com o exército do Egito (*Misir*). Não sabemos se tal adaptação é feita de modo consciente para uma manipulação ideológica ou apenas reflete a visão de mundo da época, mas seu uso facilita a leitura para uma audiência helenizada (DILERRY, 2013, p. 85). Isso ainda pode ser aplicado a outros dois termos no segundo trecho: aos “amigos” (φίλοι) de Nabucodonosor, remetendo aos amigos das cortes imperiais helenísticas; e para os caldeus que administraram o reino na sua ausência. Como já comentado o termo caldeu (*Χαλντεάβ*) para se referir aos sacerdotes do templo é uma nomenclatura utilizada pelos gregos, e não pelos próprios babilônicos, pelo menos até Berossus. Interessante notar também que neste trecho é ressaltada a competência do templo para a manutenção da cidade e proteção do reinado, uma comparação útil para Antíoco confiar no templo e sua capacidade de ordenação sem a necessidade da corte, prestigiando a imagem dos sacerdotes.

Esses trechos também apresentam temas e *topoi* recorrentes nas crônicas e na *Babyloniaca*. Como a preocupação com a morte por doença, a exemplo de Nabopolassar (L3, 3, 1) e Nabucodonosor (L3, 4, 1) na *Babyloniaca*: “seu pai [Nabopolassar] caiu doente e morreu na cidade da Babilônia, depois de ter sido rei por vinte e um anos” (L3, 3, 1). A mesma fórmula está presente nas crônicas: “No décimo quarto ano Nabonassar ficou doente e morreu em seu palácio... Nadinu, seu filho, ascendeu ao trono na Babilônia” (ABC 1 11-13, tradução nossa). Outro tema recorrente são as rebeliões, como no comentado satrapa do Egito. Mas também com a revolta de Neriglissar contra Evil-Merodaque; e Labashi-Marduk (Laborosoarchodos) sendo traído por seus “amigos” (L3, 4, 1). Nas crônicas “Nadinu foi morto em uma rebelião” (ABC 1: 14, tradução nossa), dentre diversos outros exemplos.

Mais interessante é ressaltar a alteração de Berossus ao narrar que Nabucodonosor “subjugou a terra para o comando da Babilônia” ao referir-se ao Egito. Aqui percebemos as adições de Berossus ao lidar com as informações das crônicas, relacionando com o seu contexto atual. Na crônica a batalha não acontece no Egito, Síria ou Fenícia, mas sim no Eufrates onde Nabucodonosor derrota seu inimigo que batem em retirada (para o Egito) e retoma o território, mas não indica sua conquista do Egito, Síria e Fenícia (ABC 5 3-8), o qual historicamente não ocorreu⁴⁶. Já a *Babyloniaca* deixa a entender que o império Babilônico retoma as três áreas. O uso de termos geográficos contemporâneos ao período helenístico assim como a alteração da extensão do império neobabilônico para o Egito, revelam interesses políticos contemporâneos.

⁴⁶ O evento a qual Berossus se refere é a batalha de Carchemish, ocorrida em 605 a.C., onde Nabucodonosor consegue uma vitória contra as tropas egípcias, sendo o primeiro passo para uma demorada conquista do levante (BEAULIEU, 2018, p.227). Berossus resume tal empreitada em apenas uma batalha.

O império selêucida estava em guerra com o ptolomaico pela região da Celessíria (*Coele-Syria*) que insurgiu em revolta depois do assassinato de Seleuco I (280-9 a.C.). Ao colocar que o império neobabilônico tinha tomado tal espaço, Berossus destaca que ele pode ser um modelo histórico para os selêucidas, que também precisam suprimir várias revoltas ao longo de sua vasta região (DILLERY, 2013, p. 81-4).

Outra reivindicação importante pode estar contida em tais alterações. Ctesias ao comentar sobre as transições de impérios (*translatio imperii*) coloca a Babilônia como sendo um reino independente depois da queda da Assíria que passa o título de império universal para os Medos. Contudo aqui Berossus pode ter feito uma reconstrução enviesada da história para ressaltar que todo o império Assírio (que incluía o Egito) foi transferido para o neobabilônico, e não apenas parte dele (como aconteceu historicamente). Como colocado, Ctesias não representa a Babilônia como um império em sua história. Assim a *Babyloniaca* continua trabalhando com a antiga percepção de transições lineares de impérios, mas exclui os Medos e ressalta os Babilônicos para “”corrigir” a historiografia grega (LANFRANCHI, 2013, p. 70). Novamente, tal uso das fontes por Berossus pode ter sido uma manipulação intencional ou uma interpretação dentro da ideologia imperial na pesquisa com as crônicas, mas o relevante é que o fator imperial induz uma nova leitura do passado.

ABC 7

Na sequência Berossus narra a morte de Nabucodonosor II (L3, 4, 1). As crônicas não apresentam sua morte. Isso não necessariamente indica uma adição de Berossus, mas talvez tal crônica existia, sendo uma sequência da ABC 5 que não sobreviveu ao tempo (SPEK, 2008, p. 291). A crônica ABC 6 começa com relatando o terceiro ano do rei Neriglissar (reinou entre 560-556 a.C.), e sua campanha para a Síria e Ásia Menor, tal narrativa não está presente na *Babyloniaca*, pelo menos não nos fragmentos que chegaram a nós.

A crônica ABC 7 trata sobre o reino de Nabonido, da sua ascensão até os primeiros anos de Ciro. Todavia, o início da ABC 7 encontra-se tão fragmentada que uma comparação com a *Babyloniaca* não é possível. No final da crônica são relatados os combates entre Nabonido e Ciro, a vitória do último e a fuga do primeiro (12b-14). Em sequência a conquista de Ciro é recontada como uma batalha que foi travada fora da cidade, o exército Babilônico perde. A cidade é tomada sem uma batalha porque Nabonido foge para Borsippa, mas é capturado na Babilônia (15-18).

Na *Babyloniaca*:

No décimo sétimo ano de seu reinado [de Nabonido], Ciro, depois de ele vir da Pérsia com um grande exército subjogando todo o resto do reino, avançou

contra a Babilônia. Depois de tomar conhecimento da invasão, Nabonnedos o encontrou com um exército, e o opôs em uma batalha. Depois de ser derrotado, ele fugiu com uma pequena comitiva e refugiou-se na cidade dos borssipanianos. Ciro, enquanto isso, cercou a Babilônia, e ordenou que as paredes externas sejam derrubadas, por causa que a cidade parecia para ele muito formidável, e difícil de capturar. Ciro então marcha para Borsippa para lançar um cerco em Nabonnedos. Nabonnedos, entretanto, não esperou o cerco, e rendeu-se antes. Lidando com ele de maneira graciosa, Ciro garantiu a Carmania para ele como residência, e o mandou para fora da Babilônia. Rei Dário, entretanto, pegou parte de sua província [Nabonnedos] para ele. Nabonnedos, então, morreu após passar o resto de seus dias nesta terra. (L3, 4, 1)

A maior diferença entra a *Babyloniaca* e a crônica está no relato da captura de Nabonido. A primeira diz que ele foi capturado em Borsippa e a segunda na Babilônia (ABC 7 16'). Spek coloca que a contradição é apenas aparente, e que provavelmente Nabonido estava em direção a Borsippa quando foi capturado e trazido para a Babilônia.

Assim como a discordância com o relato de Ctesias, Berossus também apresenta divergências com Heródoto (SPEK, 2008, p. 292/297). Este relata que Ciro cercou a Babilônia (Herodotus I 178, 188–91; III 152, 159) durante a conquista da mesma. As fontes cuneiformes e a *Babyloniaca* passam uma conquista mais pacífica da mesma, onde as batalhas aconteceram do lado de fora da cidade e não houve invasão e nem um cerco na mesma⁴⁷. Tal correção e enfoque na pacificidade da conquista por outra monarquia é uma importante comparação com a chegada dos selêucidas, ao ressaltar a abertura do templo (e da cidade) para negociação com monarcas exógenos.

Berossus adiciona o perdão por Ciro, que permite Nabonido viver na Carmânia, todavia a última parte da ABC 7 está mutilada e pode conter tal informação. Outro texto relata esse trecho de forma similar ao de Berossus, a Profecia Dinástica, a qual foi composta contemporaneamente ou depois da *Babyloniaca*.

3.4 Inscrições Reais

Elas são geralmente inscrições comemorativas que “relatam as façanhas do rei e que foram registradas em tábuas, cones, cilindros e tijolos de argila, em estelas de pedra e estátuas” (SETERS, 2008, p. 78). Diferente dos textos anteriores, essas inscrições tinham um caráter

⁴⁷ Fontes cuneiformes como o cilindro de Ciro e as crônicas colocam o domínio dos Persas como uma benção de Marduque para livrar do rei Nabonido, julgado de forma negativa pela maioria das fontes cuneiformes. Assim é dado uma explicação para a queda do império neobabilônico, mas ao mesmo tempo ressalta a importância do templo que recebe de portas abertas Ciro. Tal receptividade de outros monarcas repete-se com a chegada dos selêucidas

público, exibido para a população letrada perto dos monumentos principais das cidades. Elas relatam geralmente as atividades de construções e restaurações, e raramente campanhas militares. Elas normalmente seguem o modelo de apresentar o nome do rei, sua missão dada pelos deuses e suas orações. Assim sendo um dos principais meios de popularizar o *topos* do rei construtor utilizada na tradição babilônica e por Seleuco, debatido no capítulo anterior.

A inscrição em basalto de Nabucodonosor serve de base para a descrição do seu palácio no terceiro livro de Berossus. Ele pode ter acessado a inscrição diretamente ou através de alguma cópia de argila. Pelas suas similaridades Spek conclui que com certeza Berossus a conhecia. A inscrição contém nove colunas e atualmente está em exibição no museu britânico. Aqui resumiremos os seus tópicos de acordo com Spek, onde coloca em números romanos o número da coluna e em arábicos a linha da respectiva coluna (2008, 297-99).

Ela tem um prólogo (I-II 39), nele é mencionado os espólios de guerra (II 30-39). Comenta a redecoração de diversos templos na região central do império, como de Esagila, Borsippa, templo do ano novo (Akitu) (III 65-IV 65). Nabucodonosor completa o trabalho de seu pai ao terminar a fortificação da Babilônia, como a sua parede circundante e do portão principal (IV 66-VI 21). Ele estende a cidade com tijolos cozidos e bitumen (VI 22-38). Cerca a cidade com água para dificultar a invasão, fazendo da cidade toda um grande forte (VI 39-56). Reconstrói a prede de Borsippa, proclama que nunca enfeitou tanto uma cidade como fez com Borsippa e a Babilônia (VI 57-VII 33). Descreve reconstrução do antigo palácio e a construção de um novo fora da muralha da cidade, por isso Nabucodonosor estende a muralha da cidade, essas muralhas eram feitas de bitumen e tijolos cozidos, eram altas como montanhas (VIII 19-51). No topo delas ele construiu uma estrutura de tijolos, e no topo desta uma grande cela, que serviria como seu palácio real, a construção foi feita em um dia e mês apropriado, Nabucodonosor conectou esse palácio com o do seu pai, a base da construção alcança o submundo e seu topo passa s montanhas (XVIII 52-63). Em 15 dias Nabucodonosor terminou a construção, descreve como utilizou vários tipos de madeira, cedro, ouro, lápis-lazúli e cercou o palácio com um muro alto igual uma montanha (VIII 64-IX 21). Próximo dessa parede ele fez uma grande muralha com pedras fortes colhidas das grandes montanhas, e ele ergueu elas como uma montanha (IX 22-28).⁴⁸

Na descrição da *Babyloniaca*:

⁴⁸ Aqui resumimos o conteúdo da inscrição que é demasiado longo para este trabalho. Basta lembrar que a descrição é feita na primeira pessoa, a partir da perspectiva de Nabucodonosor. Uma tradução para o inglês está disponível em <http://mcadams.posc.mu.edu/txt/ah/assyria/Inscrib00.html> (acessado em 07/03/2019).

Ele generosamente adornou o templo de Bel e os outros templos com os saques de guerra. Ele reforçou a cidade velha e adicionou uma cidade nova externa. Ele organizou a mesma para que os cercos não sejam mais capazes de direcionar o rio contra a cidade por circundar a cidade interna com três circuitos de paredes, e a cidade externa também. As paredes da cidade interna eram feitas de tijolos cozidos e *bitumen*, a cidade externa apenas com tijolos. Depois de ele ter murado a cidade de uma maneira notável, e adornado seus portões de uma maneira adequada para um lugar sagrado, ele construiu um outro palácio, perto do palácio do seu pai. Seria tedioso descrever as medidas e a riqueza do palácio. Apesar do seu tamanho extraordinário e esplendor, ele foi construído em quinze dias. Neste palácio ele construiu e organizou o assim chamado Jardim Suspenso, definindo terraços altos de pedras, os quais ele fez parecer com montanhas, plantando todo tipo de árvores. Ele fez isso por causa de sua esposa, que teria crescido na Média, lograda com montanhas circundantes (L3, 3, 2a).

As semelhanças são evidentes por si mesmas, onde Berossus basicamente sumariza inscrição. Mas ele também adiciona uma informação, a presença de um “assim chamado jardim suspenso” (κατεσκεύασε τὸν καλούμενονκρεμαστὸν παράδεισον), que supostamente era para estar no novo palácio.

A lenda do jardim suspenso da Babilônia é bem difundida na literatura clássica, todavia, ela não está presente em Heródoto, Xenofonte e Ctesias – pelo menos dos fragmentos que chegaram desse último. A arqueologia também não mostrou nenhuma confirmação, a pesar de várias suposições com pouco cabimento (LIVERANI, 2016, p. 45). Ele também não está presente na literatura cuneiforme.

A primeira fonte que se refere ao jardim vem de Clitarco, um dos historiadores de Alexandre que escreve antes de Berossus. Ele pode ter inventado a lenda ou ter lido em algum fragmento não conhecido de Ctesias, que Clitarco usa como principal fonte (SPEK, 2008, p. 307). Ctesias coloca como a principal construtora da cidade da Babilônia e seus monumentos a rainha lendária assíria Semíramis. Aqui Ctesias novamente reflete a ideologia Aquemênida de valorização do poder assírio, principalmente quando sobreposto ao Babilônico. Berossus já teria contrariado tal afirmação ao colocar que Marduque foi o criador da cidade, assim afirmando a antiguidade da mesma e que sua origem e essência vem do deus patrono da cidade. No caso do jardim suspenso, Berossus utiliza a mesma estratégia argumentativa trocando Marduque por Nabucodonosor. Diodoro também tenta corrigir a afirmação de Ctesias relatando que realmente as maiores construções são feitas por ela, mas o jardim suspenso foi realizado por um rei assírio posterior (II.10). Em ambos os casos Berossus novamente quer afirmar o potencial dos reis babilônicos e corrigir as velhas lendas gregas que ofuscam o poder da Babilônia e colocam-na dependendo dos reinos anteriores, como o império Assírio (SPEK, 2008, p. 310-12).

Percebemos novamente o sumário de fontes cuneiformes, mas com alterações e intervenções que o contexto mais abrangente helenístico exigia ao trazer lendas exógenas. Paralelamente, em um contexto mais específico imperial selêucida, seria útil Berossus destacar a grandeza que seu império alcançou, ao ponto de surpreender os gregos.

3.5 Novo cruzamento de fontes, nova narrativa

Outros trechos importantes do livro terceiro não apresentam relações com as crônicas ou outras fontes. Isso pode acontecer por ser uma invenção de Berossus, pela tradição oral; pelo uso de fontes não cuneiformes; ou que tais fontes cuneiformes não chegaram a nós. Agora analisaremos brevemente alguns desses trechos que complementam o cruzamento de fontes da *Babyloniaca* para construir uma representação útil e favorável da história da Babilônia no contexto imperial.

Anteriormente vimos como Berossus insiste na queda da Assíria tendo a Babilônia como sua sucessora. Todavia, isso não resulta na percepção da Assíria como um império fraco. No começo do terceiro livro ele afirma:

E no trigésimo dia do reinado de Belibos, Senecheribos, rei da Assíria, reuniu um exército contra os babilônios, encarando-os resolutamente e os derrotando. Depois de tomar Belibos e seus amigos prisioneiros, ele transportou-os para a terra da Assíria. Ele governou sob os babilônios, e estabeleceu, Asordanios [Ashurnadinshumi] como rei sobre eles. Ele [Sennacherib] retornou para a terra da Assíria. (L3, 2, 1)

Quando ele soube que os gregos tinham invalidado a terra dos cilicianos, ele antecipa-se contra eles, encarando-os, e depois de muitos das suas tropas serem derrotados por seus inimigos, ganhou a vitória da batalha. Como um memorial de sua vitória, ele deixou uma estátua sua no campo de batalha e ordenou que um relato de sua coragem e feitos heroicos fossem inscritos em textos caldeus para tempos. E Senecherib construiu, assim ele reposta, a cidade de Tharsin seguindo o modelo da Babilônia, e ele a chamou de Tharsin. (L3, 2, 2a)

Aqui Berossus comenta sobre o rei Assírio Senaqueribe (740-681 a.C.). Após ele dominar a Babilônia, rebeldes se insurgem no local (como Belibos), que se aliaram com o Elam. O rei assírio como resposta faz uma violenta incursão na Babilônia, deixando a mesma arrasada e realiza enormes saques (BEAULIEU, 2018, 206-7). A devastação é comprovada pela arqueologia e por outras fontes, como os anais assírios que provavelmente não estavam disponíveis para Berossus. Já as crônicas fazem silêncio sobre o ocorrido, ou por não chegarem cópias sobre o evento ou por a destruição ser tão grande que desestruturou o templo e seu sistema de registros. Mas provavelmente o evento estava vivo na memória local (LANFRANCHI, 2013, p. 69).

Berossus aqui não esconde a derrota Babilônica, como fez anteriormente. Também estabelece uma divisão de reinados, a Assíria não representa um novo ciclo *palûs* que se assemelha a tradição e cultura babilônica: os assírios são reis exógenos “Senecheribos, rei da Assíria... retornou para a terra da Assíria”. Aqui Berossus concorda com a ideologia Aquemênida presente em Ctésias de representar a Assíria como um reino poderoso que se impõe sobre os outros (LANFRANCHI, 20013, p. 62). Contudo existem vantagens em reconhecer a própria fraqueza, pois mesmo com a situação de crise ela conseguiu se reerguer e suas instituições (como o templo) continuaram a funcionar. Já comentamos o papel que Berossus deu ao templo como capaz de manter a ordem durante a ausência do rei, mas também é capaz de sobreviver com um rei estrangeiro maligno. Assim reis exógenos podem ser bons (como Ciro), mas também um desastre. Senaqueribe não conseguia manter a ordem local principalmente devido a suas intervenções nas instituições locais (BEAULIEU, 2018, p. 203), ocasionando diversas rebeliões. Já seu filho, Esharadon conseguiu governar de modo mais pacífico. Assim a paz na Babilônia podia se desestabilizar se um rei interferisse demais na tradição milenar, como Senaqueribe fez ao saquear destruir templos locais. Contudo Marduque guardou sua ira e trará a vitória para a babilônia com Nabopolassar indicado acima (ABC 3).

Em sequência é interessante notar que Berossus dá destaque para os gregos em sua história, ao colocar que lutaram e conseguiram realizar grandes baixas nas tropas Assírias, mesmo perdendo a batalha⁴⁹. Aqui vemos o papel clássico dos gregos lutando contra impérios universais, de igual modo que os babilônicos estavam fazendo. Grécia e Babilônia tem um inimigo em comum. Posteriormente a Babilônia iria derrotar esse inimigo, surgindo o império neobabilônico. Tal história irá se repetir quando um novo império universal Aquemênida surge, sendo igualmente inimigo de ambos. Contudo dessa vez os gregos derrotam e assumem o papel desse império universal. A *Babyloniaca* coloca Gregos e Babilônicos como o modelo de destruidores de impérios (LANFRANCHI, 20013, p. 68). No tempo de Berossus o ciclo de transição de império acabou de acontecer, contudo ainda é cedo para dizer se os selêucidas seguiram o modelo vencedor de Nabopolassar, ou o catastrófico modelo assírio. Berossus parece usar a história para sugerir o primeiro.

Um último ponto precisa ser destacado. Os Reis que ocupam maior lugar na narrativa de Berossus são Nabopolassar e Nabucodonosor, preenchendo parte do final do livro segundo

⁴⁹ Essa batalha provavelmente aconteceu, mas talvez Berossus tenha errado sobre qual monarca. Incrições assírias indicam que Sargão III (pai de Senaqueribe) derrotou os jônios em uma batalha naval (LANFRANSHI, 2013, p. 68). Isso pode ter sido proposital, para colocar que o mesmo rei que derrotou os Gregos também derrotou os Babilônicos.

e a maioria do terceiro. Seus feitos foram colocados de forma exagerada (como ABC 3 e ABC 5 demonstram). Eles são pai e filhos que juntos construíram um império, o primeiro estabelecendo a posição de império universal com a derrota da Assíria “Nabopalarasos, o pai de Nabuchodonosor, tomou posse e governou os caldeus e a Babilônia” (L3, 2, 6^a). Seu filho, Nabucodonosor conseguiu manter e expandir o território do pai, como visto no caso do Egito (L3, 3, 1). Além disso, ampliou o programa de construção e transformou a Babilônia numa potência como nunca antes havia sido (L3, 3, 2-3). Tal história lembra muito a de Seleuco, que consegue estabelecer um grande império, e como co-regente estabelece seu filho Antíoco em 292 a.C.⁵⁰. Antíoco também precisará lidar como problema de satrapa rebelando-se, principalmente no Egito.

É bem clara a semelhança entre os dois pares de reis, todavia ela não é completa. Quando Berossus escrevia a *Babyloniaca* o império estava longe de estar estabilizado. Apesar de indicações de um futuro promissor o contexto é bastante incerto, principalmente em relação ao poder crescente dos ptolomeus que já estão muito próximos. Cabia ainda ver se Antíoco conseguiria manter os feitos do seu pai com as estratégias corretas. Berossus aqui mostra que a história imperial, apesar de ser uma sequência diacrônica de potências, também tem um caráter cíclico de declínio e queda em situações semelhantes. Ele, como membro da erudição babilônica tem os registros e exemplos gravados na literatura cuneiforme. Essa mesma tradição que procura registrar a história para ter controle do futuro através do universo da adivinhação e profecia (SPEK, 2008, p. 286-7). Ela também poderia ajudar os selêucidas e principalmente a situação arriscada de Antíoco com seus exemplos históricos, mas apenas se agisse de forma benevolente e generosa com o templo. Essa instituição que foi a mais duradoura, perpetuando durante todos os *palús* e também sob os ataques reis estrangeiros malévolos. O templo conseguiu manter-se na sequência da fortuna sobre a história babilônica, e seria o melhor aliado para os selêucidas, fornecendo os modelos certos (Nabopolassar e Nabucodonosor) e evidenciando os maus exemplos (Senaqueribe e Nabonido). Pelo menos essa é a imagem que Berossus passa da história da Babilônia, contada pela perspectiva do templo.

Neste capítulo categorizamos a *Babyloniaca* como uma historiografia, debatendo a relação autor, lugar de produção e suas fontes. Colocamos como a junção de diversos conhecimentos era natural na formação do templo de Esagila, assim como uma motivação em como de diversas ciências pela divinação, depois analisamos o cruzamento de fontes para a

⁵⁰ O cilindro de Borsippa, outra fonte Babilônica contemporânea a Berossus também coloca a dupla selêucida de forma análoga ao deus Marduque e seu filho Nebo (KOSMIN, 2014, p. 113).

formulação historiográfica realizada por Berossus. Privilegiamos a exposição da literatura cuneiforme para mostrar que elas foram a sua principal base de dados, podendo clamar autoridade sobre os gregos que não tinham acesso as mesmas. Primeiro destacando a semelhança entre elas e seu potencial de oferecer um extenso repertório para Berossus construir a sua narrativa através das listas reais, crônicas e inscrições reais. Posteriormente destacamos como Berossus interpreta tais fontes e através delas cria uma sequência narrativa própria, ocultando, adicionando ou manipulando as suas informações. Desse modo, no livro terceiro ele começa destacando a grandeza do império Assírio, que derrotou os gregos e babilônicos. Em seguida a história inverte, com o exemplo dos grandes reis Nabopolassar e Nabucodonosor a Babilônia vira um império universal, que derrota os Assírios “sozinha”, e herda “todo” o território deles, “incluído” o Egito. Nabucodonosor continua e amplia o império do pai, fortificando a Babilônia como nunca antes. Assim vimos a *Babyloniaca* como um *espelho do príncipe* para Antíoco, privilegiando a literatura cuneiforme. Todavia parar por aqui ainda seria uma visão incompleta, pois as fontes cuneiformes não explicam a organização e interpretação colocada por Berossus. A *Babyloniaca* tem característica semelhantes a cultura helênica (demonstradas no capítulo anterior) e cuneiforme (apresentadas nesse capítulo). Mas na historiografia de Berossus está contida um novo modo de representar e pensar a história que não podem ser explicadas com o colocado até agora. Resta investigar um fenômeno específico da ideologia das concepções selêucidas de tempo que podem ter motivado uma nova leitura do próprio passado babilônico tendo como base um novo horizonte imperial.

Capítulo Quarto: O império selêucida na *Babyloniaca*

Cronologicamente a *Babyloniaca* narra até a chegada de Alexandre. Não sabemos se esse é realmente o seu final, ou apenas a limitação dos fragmentos que chegaram a nós. Todavia, o silêncio sobre os selêucidas não nos impediu de detectarmos algumas percepções da obra sobre o novo contexto helenístico e o império atual. Isso foi possível não por evidências diretas, mas através da investigação de como Berossus usou os gêneros e *topoi* gregos (capítulo 2) e como representou o passado Babilônico, pelo que foi ressaltado, excluídos e adicionados (capítulo 3). No capítulo anterior a investigação do seu contexto imperial ficou em segundo plano, enquanto focamos nos gêneros cuneiforme. Agora a balança pesará para o lado Selêucida da dialética cultural presente na *Babyloniaca*.

A questão central que guiará o capítulo é: como o império selêucida estrutura a *Babyloniaca*? Com isso primeiro iremos buscar alguns conceitos auxiliares presentes no livro recente de Paul Kosmin (2018) sobre a ideologia real selêucida, e ver como Berossus se encaixa no seu paradigma de análise. Depois vamos ressaltar um processo geral de institucionalizações de novas estruturas administrativas e ideológicas trazidas pelo império, presente nas fontes contemporâneas a Berossus, como obras literárias e administrativas expondo sua progressiva penetração. Finalizando, voltaremos unicamente para a *Babyloniaca* para perceber como ela lida, organiza e responde essa estruturação de um modo ativo e particular.

4.1 A era selêucida e a cronologia imperial

Recentemente Paul Kosmin desenvolveu um novo método de análise para a formação, penetração e recepção da ideologia imperial selêucida através de duas perspectivas. Primeiramente a partir da questão espacial (2014), em que analisa historicamente a mensuração e codificação do novo território imperial. Kosmin percebe a mudança dos anos iniciais do império no quarto século para a primeira metade do terceiro. Seleuco mantinha os referenciais da origem espacial da corte ainda ligados à macedônia, sendo possível ainda detectar uma nostalgia e desejo de retorno. Mais tarde, com uma codificação espacial do novo território já naturalizado na cultura e ideologia selêucida, as referências macedônicas de um “império longe de casa” dão lugar a uma noção espacial propriamente selêucida (KOSMIN, 2014, p. 59-62). Onde as novas gerações da corte já nasceram e identificam a região como o seu espaço legítimo. No segundo capítulo utilizamos tal argumento para refinar e localizar a análise do fenômeno do helenismo no contexto macedônico. Tal ponto de vista é semelhante à afirmação de Strootman

de que a “cultura do império selêucida é selêucida” (2012, p. 16). Com essa aparente tautologia o autor quer ressaltar que é mais válido ver o a cultura imperial em sua especificidade do que continuar a briga historiográfica entre uma herança persa ou greco/macedônica. Kosmin nos ajuda nesse ponta ao revelar e historicizar a formação e penetração nas comunidades locais histórica da cultura espacial do império.

Mais interessante para o presente trabalho é a segunda perspectiva de Kosmin, a partir da questão temporal. No livro *Time and Its Adversaries in The Seleucid Empire* (2018), o autor complementa o estudo da ideologia espacial com a análise da natureza e função do tempo histórico no império selêucida. Três conceitos serão úteis para a análise da *Babyloniaca*: a cronologia imperial selêucida; o horizonte selêucida; e história total (*total history*). A cronologia imperial selêucida, propagada pela ideologia temporal imperial, tem como sua principal característica uma visão acumulativa, não reversível, enumerativa, transcendente, translocal, sendo mais abstrata e racional, que possibilita “um tempo ‘forte’ generalizado governar sobre tempos ‘fracos’ particulares” (KOSMIN, 2018, p. 34-38). O principal meio propagador dessa cronologia se deu pela institucionalização da *era selêucida*, a qual é um sistema de datação criada por Seleuco em 305 a.C. na sua coroação. Esse sistema apresenta uma mensuração temporal diferente dos anteriores, por não exibir uma referência explícita a um monarca. Em 305 a.C. o calendário é instituído, mas o seu “ano um” começaria em 311 (logo o calendário é inaugurado já em seu sétimo ano), quando Antígono é expulso da Babilônia. Isso significa que houve uma abstração do rei (Seleuco) já que a o primeiro ano não remete a sua coroação. Ele também não se reinicia com a morte de Seleuco e o reinado de Antíoco (seu filho), tendo o caráter acumulativo. Essa cronologia funciona em sincronia com a intenção administrativa da ideologia real, e é perceptível na estratégia política, no comportamento econômico, e no pensamento histórico.

Um segundo conceito importante é o Horizonte selêucida criado através da penetração da estrutura imperial nas comunidades locais, ele é horizonte que incentiva e possibilita as tradições locais rever seu passado e projetar um novo futuro, surgindo assim novas temporalidades locais (KOSMIN, 2018, p. 10-12). As novas temporalidades são, segundo o autor, um “entrelaçamento de imaginários (*entanglement of imaginaries*)” que não anula a existência de dominações e resistências, mas dá a base para que elas possam existir, ou seja são novas formas híbridas presentes nas áreas de contatos (KOSMIN, 2018, p. 9). Essa formação e difusão da nova cronologia guiada pelo Horizonte Selêucida é perceptível na Babilônia pela institucionalização através das fontes administrativas e literárias. Um último conceito é o de história total (*total history*), representando uma nova noção histórica caracterizada pela

experiência de ruptura provocado pelo a cronologia imperial selêucida, possibilitando assim uma divisão entre o novo começo do “ano um” proposto pela *era selêucida* e a história anterior. Pela alteridade provocada, o horizonte selêucida abre nova perspectiva da história local pré-seleucida em que a mesma é vista como uma unidade fechada até a chegada do novo império. Isso é perceptível nas fontes historiográficas, que apresentam como uma experiência de descontinuidade, onde começam a aparecer obras que reúnem diversos gêneros de formas sem precedentes, para ordenar, enumerar e organizar toda a história; baseada numa percepção de tempo linear, transcendente e acumulativo (KOSMIN, 2018, p. 137).

O presente capítulo dará uma unidade para os anteriores a partir da noção de história total. Sendo o a cronologia imperial selêucida o portador que engajou a cultura babilônica com o helenismo (capítulo 2), e que incentivou a atitude antiquaria de rever os textos locais (capítulo 3), mesmo que adotando como ponto de vista (consciente ou inconscientemente) os novos conceitos trazidos pela helenização e institucionalização das estruturas imperiais. Veremos agora como esses conceitos nos ajudam a analisar a penetração institucional selêucida e a sua relação com a *Babyloniaca*

4.2 A formação da ideologia temporal imperial como estruturante da *Babyloniaca*

Agora uniremos a percepção de Strootman da excepcionalidade Selêucida dentro de uma chave interpretativa dos impérios pré-modernos (STROOTMAN 2017) com o método de Kosmin (2018) para detectar a formação ideológica imperial a partir de fontes administrativa e a recepção/apropriação da mesma na literatura e historiografia. Os textos administrativos cumprem a demanda imperial de forma mais direta, incorporando a versão *standard* da *era selêucida*. Elas ajudaram a fazer com que a cronologia seja glocalizado e hibridizado com a tradição local, estruturando um horizonte selêucida nas literaturas e historiografias que representam história local anterior aos selêucidas como um todo fechado, da mesma forma que a *Babyloniaca* faz, isso evidencia o que Kosmin chama de história total (*total history*), provocada pela cronologia e sua experiência de ruptura com a história anterior. Esses dois grupos de textos (administrativos e literários/historiográficos) apresentam a ideologia selêucida no plano de fundo de suas composições, devido a conjuntura do espaço em que viviam.

A partir da análise dessas fontes, conseguimos extrair duas conclusões essenciais. Primeiro, a ideologia selêucida não veio pronta da macedônia; ela se construiu, enraizou e alterou ao longo da história do império, conforme a cooperação e os embates com as comunidades locais. Essa ideologia é recebida de forma diferente nos diversos espaços locais.

Sendo relativo a como eram as relações políticas entre o império e a comunidade. Segundo, é preciso ver as diferentes absorções da cultura imperial proporcionada pelas diferentes tradições locais. As quais utilizam o seu espaço de experiência específico para interpretar e glocalizar a ideologia selêucida. Esses dois pontos demandam certos cuidados nas análises de fontes, atentando aos traços da cultura imperial que precisam ser situadas na fase do desenvolvimento histórico dos selêucidas e também qual a relação política com as elites locais (primeiro ponto)⁵¹. Conjuntamente é necessário especificar como as chaves da tradição local dos textos administrativos e literários interferem ou proporcionam a absorção da ideologia imperial⁵² (segundo ponto). Os dois pontos de análise trabalham com a noção apresentada já no primeiro capítulo sobre a zona de conexão entre corte global e elites locais nos impérios pré-modernos. No espaço babilônico essa relação não foi responsável apenas por trazer a cultura helenística para os sacerdotes da elite. Essa zona de conexão⁵³ também foi a responsável por transmitir e demandar uma nova ordem administrativa e com ela uma nova cronologia. Esta que é necessária para os impérios pré-modernos organizarem e hierarquizarem a diversidade interna que não pode ser homogeneizada.

Kosmin, através de fontes administrativas e literárias do templo babilônico, mostra como a ideologia selêucida penetrou e se hibridizou através de ordens que vinham da corte selêucida. Esses encontros episódicos com a burocracia selêucida foram os veículos iniciais para a incorporação de um horizonte temporal imperial (KOSMIN, 2018, p. 72). No período de Berossus (primeira metade do século III a.C.) percebemos que a cronologia imperial já foi absorvida pela cultura cuneiforme.

⁵¹ Como por exemplo, no início da administração de Seleuco, onde as referências macedônicas predominavam. Na consolidação de uma percepção propriamente selêucida, que mesmo firmemente estabelecida pode sofrer alteração, como na política de Antíoco I com o uso de mandatários macedônicos para o comando das satrapias ou a diplomacia de Antíoco III que reconhece reis vassallos locais para governar suas satrapias no declínio do império onde o desenvolvimento local questionava e substituía a estrutura imperial (STROOMAN, 2017, p. 187).

⁵² Por Exemplo os diferentes espaços culturais do Irã, Babilônia e da Judeia que são comparados por Kosmin. Sendo que o primeiro teve um status mais independente (principalmente depois de Antíoco III) utilizando-se da tradição Aquemênida para receber o horizonte selêucida. Judá geralmente teve uma condição mais rebelde e utilizou-se dos escritos judaicos para criar uma história total apocalíptica (KOSMIN, 2018, p.173-6). A Babilônia foi a mais integrada e absorvida pela ideologia imperial por sua proximidade das capitais selêucidas e pela tradição anterior imperial que conseguiu se comensurar com os novos regimes temporais (KOSMIN, 2018, p. 233-243). Este trabalho será limitado ao espaço babilônico.

⁵³ Tal zona é denominada por Strootman de *central hub* faz parte de uma rede internacional que funciona a base de negociação pessoais entre amigos (φίλοι) do rei, em forma ritualizada. Essa zona ou *hub* serve para a negociação das relações de poderes, assim como um instrumento para a coesão política (STROOMAN, 2018, p. 277-279). A Babilônia é apenas uma extremidade do emaranhado de espaços locais que os imperadores selêucidas precisam lidar.

Kosmin utiliza-se dos *bullae* administrativos⁵⁴ e registros astrológicos (como a tábua de Sáros⁵⁵) para evidenciar o pensamento temporal abstrato e acumulativo, encobrendo a história por uma datação absoluta. Essa percepção também está presente no modo como Berossus apresenta os fatos, todos datados e organizados linearmente, sua contagem é feita pela primeira vez por um sistema absoluto/progressivo, sobre os fatos relatados para uma numeração mais abstrata que possibilita datar a idade da Babilônia.

A *Babyloniaca* define um ponto de partida: “No primeiro ano uma besta chamada Oannes apareceu do Mar Eritreu”, isso é inédito na tradição babilônica, na temporalidade mítica das fontes do primeiro livro não registravam datas e provavelmente não se sentia a necessidade das mesmas (com em um período pré-temporal). Já em Berossus uma datação abstrata permite colocar um “primeiro ano” (ἐν δὲ τῷ πρώτῳ ἐνιαυτῷ). A partir disso o tempo segue uma linha contínua e acumulativa, dando uma base absoluta e uma direção para toda a narrativa (KOSMIN, 2018, p. 148):

Aloros [Alulim], um caldeu da Babilônia, foi o primeiro rei da terra, e reinou por dez saroi...(2, 1, 1)
...86 reis de Xisouthros e o dilúvio até os Medos tomarem a Babilônia. Ele menciona cada um deles pelo nome no livro de Berossus. Ele sumariza todo o período como contendo 33,091 anos (2, 4, 2)

Essa percepção numérica e ordenadora coaduna com as interpretações do capítulo anterior em que consideramos Berossus como uma obra historiográfica. Outros autores consideram como uma *Sophia* (BURSTEIN, 1978) por conter vários textos não historiográficos, como mitos e épicos. Todavia, esses outros textos são sustentados por uma cronologia contínua, que serve de base para ordená-los e data-los. A *Babyloniaca* não está no âmbito atemporal (*timeless*) mitológico ou heroico, mas sim submete esse fora do tempo para um dentro, através de uma ordenação racional. A historiografia faz isso de modo similar ao utilizar o tempo como um postulado ordenativo e acumulativo. Algo similar é exposta na cronologia que sustenta a *era selêucida* e no sistema de Berossus em “*saroi, neroi e sossoi*” (2, 1, 2), possibilitando relacionar os dados mitológicos com a sequencias de reis, *palûs* e impérios. Aplicamos os conceitos apresentados por Kosmin em Berossus, percebendo que foi preciso

⁵⁴ Eles seriam documentos de transações em geral (sal, escravos grão) com caráter híbrido, unem o material e a tradição de arquivos mesopotâmicos escritos em cuneiforme com a sistema fiscal selêucida em grego. Em encontros anuais episódicos a burocracia é o veículo para a incorporação imperial. Percebemos isso pela disposição de tal selo onde a marca imperial da *era selêucida* é disposta no centro e ocupa muito mais espaço que as outras informações (KOSMIN, 2018, p. 68).

⁵⁵ Uma lista de ciclos astrais de intervalos a cada dezoito anos, quando ocorre o eclipse lunar, começa seu registro no império neobabilônico com Nabucodonosor (VI a.C.) e vai até o primeiro século a.C. (KOSMIN, 2018, 34-39).

uma cronologia mais abstrata para possibilitar sua obra coletar e organizar essa diversidade de gêneros e maneiras de pensar o tempo histórico (mitológico, épico e cronológico). O horizonte selêucida, desenvolvido, absorvido e hibridizado progressivamente com a tradição babilônica era o suporte ideal para esse novo modo totalizante de pensar o tempo e organizar a história.

Outras duas fontes analisadas por Kosmin em relação a ideologia temporal selêucida merecem nossa atenção por se relacionarem com Berossus, o Cilindro de Borsippa, e a lista dos reis e sábios de Uruk

O cilindro de Borsippa, feito pelos sacerdotes pelo templo de Ezida (16 quilômetros da Babilônia) dedicado a Nebo (filho de Marduk), como um agradecimento a Antíoco I pela restauração do templo. O texto acádio redigido em primeira pessoa na perspectiva de Antíoco é datado de 268 a.C., provavelmente contemporâneo a Berossus (BREUCKER, 2013, p. 17). Logo nas primeiras linhas Antíoco é apresentado:

Eu sou Antíoco, o grande rei, o rei legítimo, o rei do mundo, rei da Babilônia, rei de todos os territórios, o guardião dos templos Esagila e Ezida, o primogênito do rei Seleuco, o macedônio, rei da Babilônia.⁵⁶

Essa apresentação é uma formula tradicional de enunciação dos reis Babilônicos, exibindo novamente a o reconhecimento do novo império através dos próprios códigos culturais (LANFRANCHI, 2013, p. 64). Contudo, ao desenrolar do texto é perceptível a relação dos selêucidas com os deuses Marduque e Nebo:

Oh Nebo, sublime filho, sábio entre os deuses, esplêndido e digno de toda glória, primogênito de Marduk., quando tu, príncipe Nebo, nascido na Esagila, primogênito de Marduk, filho da rainha Era...
...um governo ordenado, anos de felicidade, e descendência suficiente seus presentes para o reinado de Antíoco e seu filho, o rei Seleuco! ... possa estar em seus lábios palavras favoráveis a Antíoco, o rei de todos os territórios, e a Seleuco, o rei seu filho, e Estratonice, sua consorte, a rainha!

Nas seguintes passagens a dinastia real é tratada de forma análoga aos deuses. Seguindo a genealogia Antíoco, sua consorte Estratonice e seu filho Seleuco são apresentados em paralelo com a família divina Marduque, sua consorte Era e seu filho Nebo - mesmo existindo uma separação da monarquia real e divina, a qual “sob seu sublime cetro que determina o limite entre o céu e o mundo inferior”. Antíoco clama durante o texto a proteção do deus e pede que seu reino seja espelhado no sucesso divino, pois em troca o imperador iria “pessoalmente conquistar todos os territórios do nascente ao poente, coletar seus tributos e

⁵⁶ Uma tradução para o inglês comentada pode ser vista em: https://www.livius.org/cg-cm/chronicles/antiochus_cylinder/antiochus_cylinder1.html

traze-los para o aperfeiçoamento da Esagila e Ezida”. Outro Aspecto interessante do cilindro é sua datação em “E no mês de Addaru, no 20°. Dia do ano 43, eu assentei as fundações da Ezida” (itiše ud.20.kám mu.43.kám). O modo de apresentação mês, dia e ano era inédito na tradição babilônica, agora começando a seguir a forma imperial, que também é perceptível ao datar segundo a *era selêucida* o ano 43 (um.43.kám).

O cilindro de apresenta como a cultura não é apenas uma chave estrutural interpretativa fixa, mas sim um jogo que se modifica com os novos participantes, ao interpretar a monarquia exógena a partir da cultura local. Esse jogo também está presente na *Babyloniaca*, como colocar os novos atores (Seleuco e Antígono) nos modelos da tradição local, ao relacioná-los com Nabopolassar e Nabucodonosor, ou colocar a possibilidade de seguir o modelo assírio e levar o império à ruína (como colocado no capítulo anterior). Também a questão da datação percorre toda a obra, mas principalmente o livro segundo utilizando os *saroi* em uma contagem acumulativa que começa com o primeiro rei, e se acumula até Alexandre, refletindo como a nova cronologia está presente, pois antes nenhuma fonte cuneiforme utilizava uma datação abstrata que percorria toda a história da Babilônia.

Uma última fonte traz a perspectiva de uma história total de modo semelhante a Berossus, dando um senso de continuidade entre a *Babyloniaca* com a literatura cuneiforme produzida no período e o império. A lista de reis e sábios encontra-se nos gêneros de listas reais apresentados no capítulo anterior, apesar de certas particularidades não presentes nas listas pré-seleucida. Ela é redigida pelo sacerdote Anu-bēlšunu⁵⁷ em 165 a.C., demonstrando uma sensibilidade melancólica e uma interpretação pan-imperial da história babilônica:

Obv.1 No tempo do rei Ayalu, U’an era sábio (*apkallu*).
 No tempo do rei Alalgar, U’anduga era sábio
 No tempo do rei Ameluana, Enmeduga era sábio.
 No tempo do rei Amegalana, Enmegala era sábio.
 No tempo do rei Enmeušumgalana, Enmebuluga era sábio.
 No tempo do rei Dumuzi, the shepherd, Anenlilda era sábio.
 No tempo do rei Enmeduranki, Utu’abzu era sábio.
 [Depois do dilúvio,] no tempo do rei Enmerkar, Nungalpirigal era sábio,
 [o qual Ištar] trouxe do céu para Eana. [Ele fez] a lira da bronze, [a qual ...] (era) lapis lazuli, de acordo com a técnica de Ninagal. A lira foi colocada diante de Anu [...], o habitat de seu ouro pessoal.
 No tempo do rei Gilgam]esh, Sîn-lēqi-unninni era letrado (*ummānu*).
 No tempo do rei Ibb]i-Sîn, Kabti-ili-Marduk era letrado.

⁵⁷ Este autor é muito conhecido por seu nome constar em várias *bullae* de transições legais do templo. Até seu horoscopo foi encontrado, possibilitando estabelecer a sua data de nascimento em 249 a.C. (2nd Tebetu, 63 SE), ele já teria 84 anos quando redigiu a lista de Uruk (KOSMIN, 2018, p. 153).

No tempo do rei Išbi]-Erra, Sidu, também conhecido como Enlil-ibni, era letrado

No tempo do rei Abi-e]šuh, Gimil-Gula and Taqīš-Gula era letrado.

No tempo do rei king ..., Esagil-kīn-apli era letrado.

Rev. 1 No tempo do rei Adad-apla-iddina, Esagil-kīn-ubba era letrado.

No tempo do rei Nebuchadnezzar, Esagil-kīn-ubba era letrado.

No tempo do rei Esarhaddon, Aba-Enlil-dari era letrado, o qual os arameus chamam Aḫiqar.

[...] Nicárcos.

Tábua de Anu-bēlšunu, filho de Nidintu-Anu, descendente de Sîn-lēqi-unninni, o sacerdote de lamentação de Anu e Antu, um urikiano. Por suas próprias mãos. Uruk, 10 Iyyar, 147 (SE), rei Antíoco. Aquele que contrariar Anu não vai carrega-lo. (KOSMIN, 2018, p. 153-4, tradução nossa)

A lista pode ser dividida em 3 partes: o tempo pré-dilúvio, o tempo pós-dilúvio até o rei assírio Esharadon, e uma última finalizando com Nicárcos. A primeira parte lista o nome de sete reis antediluvianos e seus sábios (*apkallu*); a segunda continua listando os reis e seus letrados conselheiros (*ummānu*); na terceira a listagem cronológica acaba no terceiro século a.C., quebrando o padrão de “rei + sábio/letrados”; na última linha, como padrão da tradição cuneiforme, é apresentado o autor a sua genealogia e cidade de origem.

Ao apresentar os reis (históricos e mitológicos) em um espaçamento de vários séculos, o que mais chama a atenção e diferencia essa lista das outras é a importância que é dada para os sábios e letrados, equiparando-se aos reis. A maioria desses sábios e letrados estão presentes na tradição cuneiforme como autores e compiladores de épicos, listas reais e encantamentos⁵⁸. Com esse padrão de ordenamento é possível perceber uma estabilidade que perpassa toda a história babilônica, através da união entre a liderança política e seu conselheiro intelectual, um modelo que começa no início dos tempos e continua pelo dilúvio e trocas de império.

Tal visão cronológica dupla rei/conselheiro é inédita da forma apresentada, que através do paradigma imperial, implicitamente remodela o passado literário babilônico. A sistematização cronológica e a percepção de uma história total colocada pelo horizonte selêucida estão presentes. Em: “No tempo do rei Gilgamesh, Sîn-lēqi-unninni era letrado” ([ina tar-ši Idbilga-m]ēš lugal? Id30.ti.ér lúumman-nu), Sîn-lēqi-unninni é colocado como o conselheiro do rei épico Gilgamesh. Sîn-lēqi-unninni provavelmente viveu no período cassita (segunda metade do segundo milênio)⁵⁹, muito depois do tempo em que o rei lendário teria vivido. Contudo, o mais curioso é que Sîn-lēqi-unninni foi o editor da versão canônica do épico de Gilgamesh. Desse modo o compilador da história de Gilgamesh é interpretado pelo autor da

⁵⁸ É possível detectar tal autoria a partir das linhas finais do texto, sendo esta lista um exemplo

⁵⁹ Segundo textos fazendo referência na mesma na biblioteca de Assurbanipal (KOSMIN, 2018, p. 155)

lista de modo similar a um historiador da corte, que registrou contemporaneamente os feitos de Gilgamesh, de modo similar com os imperadores selêucidas que tinham seus historiadores reais (KOSMIN, 2018, p. 155).

O caso de Nicárcos (*Iniq(a)-qu-ru-su!-ú*) no final da lista também chama a atenção. Ele é o governador (*šaknu*) de Uruk, contemporâneo de Berossus de meados do século III, cujo o nome de nascença é Anu-uballit. O nome Nicárcos foi concedido por Antíoco (primeiro ou segundo). Como comentado no segundo capítulo, tal uso de nomes gregos fazem parte da cultura helenística, mas também é uma característica imperial mais geral, como Daniel sendo rebatizado na corte de Nabucodonosor (KOSMIN, 2018, p. 156). Nicárcos é dividido das outras partes por um traço no tablete, eles também não contem a formula tradicional “No tempo do rei”, e nem um sábio/letrado que o acompanhe. Percebemos aqui a experiência de ruptura do império selêucida e a noção de história total. Toda a história babilônica é vista dentro do esquema cronológico, como uma grande continuidade. Contudo, ao chegar no período selêucida, tal unidade anterior não existe mais. Kosmin relaciona esses dois pontos, sendo que a alteridade criada com a experiência do novo império proporciona uma visão totalizante do passado tradicional; assim como a cronologia imperial penetra na lista através do horizonte selêucida, ordenando o passado de uma forma cronológica e esquematizada (KOSMIN, 2018, p. 157). Isso já existia na cultura babilônica com as *listenwissenschaft* (ver capítulo anterior), contudo a novidade aqui é a posição dadas aos sábios/letrados e o ponto de vista exterior do autor que representa uma descontinuidade do seu período e o passado babilônico - suportando a visão do tempo pré-seleucida como uno e fechado.

Uma diferença com a *Babyloniaca* é que esta lista apresenta uma breve percepção do tempo pós-selêucida. É possível inferir um certo pessimismo, pois Nicárcos no final da lista causa uma sensação de ausência e ruptura. Para perceber o motivo dessa visão precisamos ver a relação do império com a Babilônia, entendendo que as estratégias políticas entre corte e espaço local podem alterar-se drasticamente (ponto 1 colocado anteriormente). Já notamos que no início do império a Babilônia foi crucial para a sua solidificação. Contudo a historiografia atual (como apresentado no primeiro capítulo) critica a visão de que a Babilônia era o centro do império (MA, 1999, p. 9). Ela ocupou posição central no início, mas com o desenvolvimento de um espaço e cultura propriamente imperial em novas capitais, a Babilônia foi perdendo a expectativa de tornar-se uma nova potência, e a visão da dinastia selêucida como um novo *palûs* foi desacreditada. Seleuco e Antígono não são Nabopolassar e Nabucodonosor, muito menos Marduque e Nebo. A lista reflete essa visão ao colocar a sequência de vários *palûs*, mas ao

chegar no império selêucida um vazio monárquico é sentido, e apenas um resquício da grandeza anterior é expressa com um governador local. Nicárcos seria o que sobrou da tradição anterior, com um nome estrangeiro e sem um sábio babilônico para aconselhar. A expectativa de grandiosidade da babilônia como sua capital imperial desde Alexandre até o início dos selêucidas é expressa nos diários astronômicos, crônicas, listas reais e outros. Em uma reflexão contra factual poderíamos esperar que essa lista continuasse com os: “No tempo do rei Antíoco, Berossus era letrado”, mas a história mostra que o destino babilônico foi bem diferente⁶⁰.

4.3 *Babyloniaca* como proposta imperial estruturante

Agora, iremos apresentar, como afirmamos no começo do capítulo, que Berossus não apenas recebe os conceitos e estruturas da ideologia selêucida, mas tem uma interpretação ativa ao reorganiza-los e hierarquiza-los em relação a tradição local.

Acima apresentamos rapidamente as semelhanças da *Babyloniaca* com a lista real de Uruk, sendo ela principalmente o modo ordenado e totalizante de pensar a história pré-seleucida advindo da nova cronologia. Contudo, para captar diferença entre ambas - as sugestões para um modelo imperial presente na *Babyloniaca* e ausentes na perspectiva decadente da lista de Uruk - é preciso ter em mente as relações políticas que o império mantinha com a Babilônia no período de Berossus. Ele está mais próximo das altas expectativas de união entre selêucida e o templo local, de forma a reanimar o império neobabilônico em um novo *palûs*, do que da percepção pessimista da lista de Uruk. Como no diário astronômico e no cilindro de Borsippa, Berossus faz analogias entre Seleuco-Antíoco com as figuras tradicionais locais.

Contudo, apenas analogias não bastam. Como mencionado, os impérios pré-modernos organizam e hierarquizam a diversidade interna. Logo, durante a estruturação do império, o modo como os espaços locais se relacionam e cooperam com a estruturação do império irão alterar em que posição dessa hierarquia se encontram. Mais do que mostrar obediência aos selêucidas, a *Babyloniaca* pode apresentar motivos para o império ser um novo *palûs*, assim como as vantagens de ouvir e seguir a tradição e modelos babilônicos na corte, que serão ditados através do templo.

Pode ser por esse motivo que Berossus combina a tradição, dando uma nova ênfase para a mesma ao focar na redistribuição do conhecimento (KOSMIN, 2018, p. 147). O seu “ano um” começa com a chegada de Oannes, um sábio (*apkallu*) como os da lista de Uruk, que passa

⁶⁰ Outras fontes babilônicas de períodos posteriores a Berossus apresenta uma mesma visão de pessimismo contra o império selêucida, assim como uma promessa de um retorno grandioso da velha monarquia de Marduque, o exemplo mais emblemático é a Profecia Dinástica (KOSMIN, 2018, p. 213)

todo o conhecimento para a humanidade, sendo um pacote cultural total, que contém o início e o fim da história: Oannes

...deu aos homens o conhecimento das letras, das ciências e dos ofícios de todos os tipos. Ele também falou para eles fundarem cidades, estabelecer templos, introduzir leis e mensuração da terra. Ele também revelou para eles sementes e a colheita de frutas, e em geral ele deu aos homens tudo que se conecta com a vida civilizada. Desde o tempo desta besta nada além foi descoberto (1, 1, 5).

Existindo uma fonte verdadeira do conhecimento, a *Babyloniaca* se constrói a partir do drama da perda e recuperação do conhecimento, que serve como marco de divisão de períodos:

...humanidade seria destruída por um dilúvio. Por isso ele [Enki/Cronos] ordenou a Xisouthros para enterrar as origens, os intermédios e os fins de todos os escritos em Sippar, a cidade do sol (2, 2, 1)
A voz também disse para eles que era para voltarem à Babilônia e declarou que desenterrem os escritos da cidade dos Sipparianos e distribui-los para a humanidade (2, 2, 1)
Nabonasaros reuniu e destruiu os registros dos reis antes dele com o intuito da lista dos reis caldeus começar com ele. (2, 5, 1)

A pesar dos reis ocuparem um grande espaço na obra, são igualmente importantes quem recupera interpreta e divulga tal conhecimento, ou seja, os sábios (*apkallu*) e letrados (*ummânu*), sendo os primeiros para o tempo pré-diluviano e os últimos para o pós-dilúvio. Esse conhecimento não está preso ao império babilônico, mas sim é algo anterior e posterior, que sobrevive a sua queda. Para a disponibilidade desse conhecimento divino, basta que o rei tenha ao seu redor algum *ummânu*, o qual é capaz de ler e interpretar tais registros que contem “as origens, os intermédios e os fins de todos os escritos” (γραμματῶν πάντων ἀρχὰς καὶ μέσα καὶ τελευτὰς). Dessa forma, Berossus e os outros sacerdotes do templo tem uma função semelhante ao *apkallu* Oannes, utilizando o seu conhecimento para “fundarem cidades, estabelecer templos, introduzir leis e mensuração da terra”. Tal conhecimento está encarnado na história babilônica, onde através dos mitos, épicos, crônicas e outros textos contidos no templo, fornece exemplos trans-históricos e principalmente trans-imperiais. Pois os modelos de bom líder (Marduque, Nabopolassar, Nabucodonosor) e um mau governante (Senaqueribe, o satrapa do Egito, Nabonido) cruzam toda a história babilônica através dos diversos *palûs* e impérios.

Com o colocado até aqui podemos responder à pergunta inicial do capítulo: Como o império selêucida estrutura a obra de Berossus? Ao longo do capítulo demos uma dupla resposta, primeiro ao comparar a *Babyloniaca* com outras fontes cuneiforme contemporâneas percebemos a institucionalização da cronologia imperial selêucida ao fundir-se com a tradição

local, formando o horizonte selêucida, o qual concebe o tempo de modo acumulativo, visível principalmente nas suas datações, e a história total, a partir da experiência de ruptura com a tradição anterior, possibilitando uma visão conjunta de toda a história passada de modo ordenado e contínuo até a ruptura atual. Com isso mostramos como o império estrutura a *Babyloniaca*.

Na segunda parte desse capítulo, ao aprofundar-nos na obra de Berossus, percebemos o que é feito com tal estruturação, de modo que ele não apenas absorve tais conceitos e pensamento exógenos passivamente, mas os organiza e relaciona de modo ativo. A *Babyloniaca* não é só o sintoma da estruturação imperial, mas também apresenta um projeto para estruturar o império destacando o papel central para os eruditos do templo babilônico, sendo sua obra uma grande alusão para os selêucidas obedecerem e respeitar os sacerdotes. A principal estratégia para tal alusão é a historiografia, representando no imenso período coberto a sequência de diversos modelos históricos de uma civilização milenar. A questão de estruturar um império é complexa e sujeita a fortuna do destino. Os gregos ainda são iniciantes no assunto. Apesar do sucesso da primeira experiência com Alexandre, os anos seguintes foram catastróficos. Da mesma forma que os egípcios mostraram a Hecateu que os gregos eram crianças, o conhecimento universal e trans-imperial representado pela história que cruza a Babilônia pode causar uma impressão similar. Dando a noção que os reis macedônicos, mesmo poderosos, não tem muita experiência para lidar com as armadilhas que fizeram tantos impérios sucumbir. Talvez isso possa ser evitado, se os “infantes” selêucidas ouvirem os “velhos sábios” babilônicos, que presenciaram e registraram tais ascensões e quedas. Essa é uma interpretação possível de Berossus, lendo a *Babyloniaca* como uma história contada a partir do templo para satisfazer a ambição do império- selêucida e babilônico.

Conclusão

Este trabalho pretendeu dar uma pequena contribuição para a percepção das relações entre práticas e estruturas imperiais e a historiografia - através dos selêucidas e da *Babyloniaca* de Berossus. Para isso adotamos a percepção da história imperial, principalmente para entender a conexão entre o corte transregional e as elites regionais. Elas foram fundamentais para os impérios pré-modernos organizarem a diversidade interna dos vários espaços locais através da formação de redes pessoais com as elites, assim como uma cultura comum helenizada que seria globalizada e glocalizada. Sendo assim, Berossus estaria nesse contexto ao participar da elite babilônica, dedicando sua história para a corte. A *Babyloniaca* seria um *hub* de conexão entre o local e o império que transcende a Babilônia. O principal método da presente pesquisa foi a comparação entre as fontes da historiografia de Berossus, como os mitos e textos históricos; depois com as produções administrativas e literárias contemporâneas e presentes no meio do autor (o templo de Esagila). A principal hipótese do trabalho é que através da comparação da *Babyloniaca* com outros textos locais, mostraria que a obra de Berossus como um diálogo cultural promovido e direcionado pelas novas relações imperiais. Sendo assim a *Babyloniaca* é uma rica oportunidade de perceber as conexões e dinâmicas imperiais com a tradição local.

O percurso do trabalho quis interligar Berossus com os fenômenos da helenização e da cultura babilônica, para então exibir como o império selêucida mediou tais relações. Ele não apenas foi o vetor que trouxe novos conceitos, formas e *topoi* helenísticos para Berossus, mas também deu a base para novas interpretações de sua tradição, possibilitando a coleção de diversos gêneros do templo em uma visão total da história passada. A partir dessa perspectiva o segundo capítulo buscou revisar e alterar o paradigma interpretativo de Berossus como mais um epifenômeno da helenização, ao exibir os selêucidas como fornecedores de uma estrutura que valorizou e difundiu tal cultura de elite presente na obra do autor. Com a globalização do gênero historiográfico e sua glocalização por diversas culturas não gregas, é necessário perceber qual império mediou a helenização e trouxe tal gênero, e também notar como a cultura local interpretou, alterou e foi alterada pela absorção dos novos conceitos, formas e *topoi*. Para isso, foi preciso ver porque a helenização foi essencial para o império em questão, e qual o interesse da elite local em adota-la. A teoria dos impérios pré-modernos fornece perspectivas eficazes para auxiliar na resposta, ao tentar buscar o ponto de ligação entre o regional e a corte. Assim a própria helenização servia como uma cultura comum, que permitia a conexão vertical entre os reis e o imperador (rei dos reis), mas também dava a base horizontal para um diálogo entre elites. Por isso Berossus faz diversas analogias com os mitos babilônicos e gregos, não

significando que com tais atos ele apague a sua cultura e adote uma nova. Mas sim sua tentativa de afirmar a posição local, ao mesmo tempo que procura achar um lugar para a mesma dentro da mitologia grega. Contudo é importante lembrar que essa cultura de elite grega não era o vetor da globalização por si mesma, e muito menos a única globalização que ocorria.

O capítulo segundo utilizou-se principalmente do primeiro livro de Berossus, ao visualizar como ele trabalha com os mitos Babilônicos para comensurá-los com a cultura grega. Com a conclusão de que a *Babyloniaca* apresenta conceitos, formas e *topoi* da cultura cuneiforme, o terceiro capítulo começa tentando introduzir tais gêneros cuneiformes e localizar os principais textos que foram úteis para a *Babyloniaca*. Primeiro oferecemos uma concepção ampla de historiografia para abarcar tanto a *Babyloniaca* quanto os textos históricos cuneiformes (SETERS, 2008). Com isso é possível traçar o cruzamento de dados para a formulação historiográfica de Berossus em relação a suas fontes. O capítulo segue introduzindo os gêneros cuneiformes presentes e misturados na obra, entre eles inscrições reais, crônicas e listas reais. Depois relacionamos com partes específicas da *Babyloniaca*. Assim percebemos a existência de trechos em Berossus quase cita literalmente (como na inscrição real de Nabucodonosor e listas reais), outras que ele omite informações (como na guerra com o império assírio), e também altera deliberadamente (como na invasão e conquista do Egito). Ao juntar tais diferentes usos de sua fonte em uma narrativa, percebemos Berossus destacando a grandeza do império Assírio, que derrotou os gregos e babilônicos. Em seguida a história inverte, os grandes reis Nabopolassar e Nabucodonosor fazem da Babilônia um império universal, que derrota os Assírios “sozinha”, e herda “todo” o território deles, “incluído” o Egito. Nabucodonosor continua e amplia o império do pai, fortificando a Babilônia como nunca antes. Após reconstruir parte do processo historiográfico de Berossus a partir da comparação com as suas fontes, conseguimos especular quais seriam os efeitos de tais citações, exclusões e alterações. Concluindo que A *Babyloniaca* pode ser vista como um *espelho do príncipe* para Antíoco, ao ressaltar a sua semelhança com personagens da literatura cuneiforme (como Nabucodonosor), assim como coloca diversas situações vivenciadas pela história babilônica que se assemelham a problemas contemporâneos ao reino de Seleuco I (como os empasses com o Egito).

Diferente dos outros, o quarto capítulo focou na obra como um todo, pesando para a análise da experiência imperial especificamente selêucida. Ou seja, como a mesma formou-se, alterou-se e penetrou na cultura local ao estruturar a *Babyloniaca*, mas também receber um projeto imperial dela. Para isso a comparação sofreu uma alteração, relacionando Berossus com textos cuneiformes contemporâneos, exibindo uma continuidade pela estruturação da ideologia imperial. Ao analisar rapidamente tais fontes notamos alguns critérios essenciais para colocar

em paralelo com a leitura da *Babyloniaca*. Primeiro que ideologia imperial é construída e alterada historicamente, assim como sua penetração é progressiva, sua adoção depende da relação política entre o império e as elites locais. Segundo, essa ideologia não é transmitida de forma uniforme, mas sim recebida por uma estrutura cultural existente (mas que pode ser alterada). Desse modo conseguimos localizar a *Babyloniaca* num período em que a tradição local já havia absorvido e hibridizado a ideologia temporal selêucida. A obra de Berossus exprime isso no modo que organiza a sua narrativa tendo como base uma ordenação e enumeração progressiva, que direciona e dá base para a inserção de diversas fontes com diferentes temporalidades – a exemplo de mitos, crônicas, listas reais e inscrições reais. Assim o império não é simplesmente o vetor de uma cultura helênica, mas também cria a base para uma nova visão do passado local a partir do ponto de vista imperial externo, possibilitando a noção de uma história total apresentada na *Babyloniaca*.

Mas esse novo sistema temporal não deixa Berossus preso dentro da visão selêucida. A *Babyloniaca* também oferece um projeto de estruturação imperial a partir da sua experiência. Essa mesma perspectiva originada pela hibridização com o império fez o autor perceber a importância da própria cultura. Berossus vive em um período de relações políticas imperiais favoráveis com a Babilônia (diferente da lista de Uruk), e persistia a esperança do império selêucida ser um novo *palûs*, mas somente se interagisse com o templo de forma adequada, podendo reanimar o grande império neobabilônico. Contudo esta posição não estava garantida, Berossus precisa provar que o templo e a cultura cuneiforme serão importantes aliados para este poderoso, porém jovem e inexperiente, império. Sua história representou sua tradição, preservada por sábios como Berossus e Oannes, como mais resistente que a própria ordem imperial presente, pois ela conseguiu resistir ao dilúvio e a passagem de diversos reis e dinastias. Ao ver impérios surgindo e caindo, os sábios e letrados tem os modelos necessários para repetir as vitórias e evitar as falhas. Assim a própria história babilônica pode ser um manual para a estabilidade imperial, mas somente se os selêucidas souberem favorecer os sábios conselheiros.

Esperamos ter apresentado Berossus como um autor fértil para perceber as dinâmicas dos impérios pré-modernos e suas relações com os espaços locais, ao conceber a própria *Babyloniaca* como um ponto de encontro. Esse encontro é relevante por demonstrar como Berossus não menospreza a sua cultura ao utilizar o horizonte imperial para interpretar seu passado, mas sim percebe a sua totalidade e força diante a ascensão e queda dos impérios. Com isso o local não se subjugava e nem se opõe a corte. Berossus se encontra diante de um novo

contexto. Este demandando respostas para uma questão vital para a sobrevivência de sua tradição e da instituição milenar do templo: Qual importância da Babilônia para garantir tanto um relacionamento estratégico, assim como para fornecer vantagens a um império mais amplo que ela? Para responder tal questão foi necessário revisitar a história da Babilônia. A resposta de Berossus, e em parte do próprio templo, é justamente a própria história, ao valorizar seus conhecimentos e exemplos, assim como seus transmissores. Do mesmo modo que o épico homérico - o qual Heródoto diz ser continuador - a historiografia pode se apresentar como uma máquina de alianças. Utilizando mitos e histórias a *Babyloniaca* exibe como a cooperação pode fazer reviver o velho Marduque com as chamas do jovem Apolo.

Apêndice

Oferecemos aqui uma tradução muito livre e de caráter não sistemático da *Babyloniaca* e dos fragmentos relacionados a Berossus a partir das versões inglesas de Burstein (1978) e a de Wickersham (1996). O propósito desse apêndice é para servir de guia ao leitor referente às citações durante o trabalho, devido à falta de uma versão em português.

A. LIVRO PRIMEIRO: GENESIS.

1-Prologo

1. Berossus fala em seu primeiro livro da *Babyloniaca* que ele viveu durante o tempo de Alexandre, o filho de Felipe, e que traduziu muitos livros que foram preservados com grande cuidado na Babilônia e que lida com um período de 150 mil anos. Esses livros contém as histórias do céu (e da terra), do mar, do primeiro nascimento, e dos reis e seus feitos.
2. Ele começa por dizer que a terra dos babilônicos fica entre os rios Tigre e o Eufrates. A Terra produz trigo selvagem, cevada, lentilhas, grão de bico e gergelim. As raízes que crescem nos pântanos também são comestíveis. Elas são chamadas de *gongas* [provavelmente em Akkadico: *kungu*]. Essas raízes tem as mesmas propriedades da cevada. Lá também contém tâmaras, maçãs e outras frutas, peixes e pássaros, tanto terrestres quanto do pântano.
3. A parte da Babilônia na Arábia é estéril e não contém água, mas aquelas partes que se opõem à Arábia são montanhosas e férteis.
4. Existia uma grande multidão de homens na Babilônia, e eles viviam sem lei, iguais a animais selvagens.
5. No primeiro ano uma besta chamada Oannes apareceu do Mar Eritreu num lugar adjacente à Babilônia. Seu corpo inteiro era de um peixe, mas com uma cabeça humana que cresceu em cima da cabeça de peixe, e um pé humano, que cresceu da cauda de peixe. Ele também tinha uma voz humana. Uma imagem sua é preservada atualmente [hoje é encontrado uma figura parecida num cilindro assírio do primeiro milênio, no palácio de Ashurnasirpal em Nimrud]. Ele deu aos homens o conhecimento das letras, das ciências e dos ofícios de todos os tipos. Ele também falou para eles fundarem cidades, estabelecer templos, introduzir leis e mensuração da terra. Ele também revelou para eles sementes e a colheita de frutas, e em geral ele deu aos homens tudo que se conecta com a vida civilizada. Desde o tempo desta besta nada além foi descoberto. Mas com o pôr do sol a besta Oannes mergulhou de volta no mar e ficou a noite as

profundezas, pois era anfíbio. Depois outras bestas também apareceram. Ele fala que ele irá discuti-las no livro dos reis [livro segundo]. Oannes escreveu sobre o nascimento e o governo, e deu os seguintes relatos para os homens.

2- As revelações de Oannes

1. Ele [Oannes] disse que existia um tempo em que tudo era escuridão e água, e desta água, seres estranhos com formas peculiares vieram à vida. Os homens nasciam com duas asas, e alguns com quatro asas e duas faces; eles tinham um corpo e duas cabeças, e eram tanto masculinos e femininos, e eles tinham dois órgãos sexuais, masculinos e femininos. Outros homens também nasciam, alguns com pernas e chifres de cabras, e com pés de cavalos e torço de homens. Eles eram *hippo-centauros* em forma.
2. Touros também nasciam com cabeças humanas e cachorros com quatro corpos e cauda de peixe crescendo de seus traseiros, cavalos com cabeças de cachorros e homens, e outros seres com cabeças e corpos de cavalo e cauda de peixe, assim como criaturas com todas as formas de bestas. Além disso existiam peixes e seres horripilantes, cobras, e criaturas ainda mais impressionantes em aparências diversas umas das outras. Suas imagens estão dispostas em sequência no templo de Bel. Uma mulher chamada Omorka... rege todas essas criaturas. Em caldaico seu nome era *Thalath* [provavelmente uma corruptela de Tiamat, que é oriunda do akkadico *tâmtu* – mar] que na tradução para o grego significa *Thalassa* [mar].
3. A- Quando tudo foi fundido na massa caótica, Bel elevou-se e dividiu a mulher em duas. De uma metade ele fez a terra e da outra o céu; e ele destruiu as criaturas dentro dela. Mas isto, ele fala, é falar da natureza alegoricamente, isto é, que tudo vem à existência da humidade, e as criaturas surgem nela, este deus arrancou a sua própria cabeça e de outros deuses e misturou o sangue que correu delas com terra, e formou os homens. Por essa razão os homens são inteligentes e compartilham um saber divino.

B- Mas Bel, que é traduzido em grego como Zeus, dividiu a escuridão ao meio, e separou a terra e o céu entre si, e ordenou o universo. Mas as criaturas morreram pois não eram capazes de resistir à luz. Quando Bel viu que a terra era infértil e infrutífera, ele ordenou a um dos deuses pegar a sua própria cabeça e misturar com o sangue que escorria dela, e formar homens e bestas capazes de resistir ao ar.

4. Bel também criou as estrelas, o sol, a lua e os cinco planetas.

T11a/T1Eusebius Chronicon p. 6, line 14 Karst = Syncellus
Ecloga Chronographica 25-27 15c

3- O grande ano.

1. Alguns supõem que na catástrofe final a Terra também será sacudida, e através de fendas no chão vão descobrir as fontes de rios frescos que vão fluir da sua fonte em grande volume. Berossus, o interprete de Belus, afirma que toda a situação é trazida através do percurso dos planetas. Ele é positivo no ponto em que afirma uma data definitiva tanto para a conflagração e o dilúvio. Tudo o que a Terra herdou vai, ele assegura, ser consignado a chamas quando os planetas, que agora movem em diferentes orbitas, todos se alinharem em Câncer, arranjando-se como uma flecha que passe de forma retilínea através das esferas. Quando a mesma formação ocorre em Capricórnio, então nós estamos em risco de dilúvio. Solstício de verão é trazido pela primeira, solstício de inverno pela segunda. Eles são signos zodiacos de grande poder, sabendo que eles são as influências determinantes nas duas grandes mudanças do ano.

F19/F21 Seneca Naturales Quaestiones 3.29.1

4- A Lua.

1. De acordo com os ensinamentos de Berossus, que vem do estado ou nação dos caldeus, e é o pioneiro no aprendizado caldeu na Ásia; a lua é uma bola, uma metade luminosa, e o resto de cor azul.

Quando no decurso de sua órbita ela tem passado em baixo do disco do sol, ela é atraída pelo seu raio e grande calor, e seu lado luminoso se afasta, em consideração de sua simpatia entre a luz. Sendo, então, atraída pelo disco solar e posicionando para cima sua metade inferior, como ela não é luminosa, é invisível por causa de sua semelhança com o ar. Quando ela está perpendicular com os raios de sol, toda a sua luz é confinada a sua superfície superior, e ela é chamada de lua nova. Quando ela continua se movendo, passando para o Leste, o efeito do sol sobre ela abranda, e a outra margem do lado luminoso espalha sua luz sobre a terra por uma linha demasiadamente fina. Isto é chamado de segundo dia da lua. Dia a dia ela é progressivamente aliviada e se transforma, então é numerada como o terceiro, o quarto, e os dias seguintes. No sétimo dia, o sol ficando no Leste e a lua no meio do firmamento entre Leste e Oeste, ela está na metade da extensão do firmamento, distante do sol, seguindo que metade do lado luminoso está virado para a terra.

Mas quando o sol e a lua estão separados pela total extensão do firmamento, e a lua está no Leste com o sol sobre ela no Oeste, ela é totalmente aliviada pela grande distância dos seus raios [do sol], então no décimo quarto dia, ela está cheia, e todo o seu

disco emite luz. Nos dias seguintes, até o fim do mês, ela declina diariamente até virar o seu percurso, sendo atraída pelo sol até ela chegar em baixo de seu disco e raios, assim completando a contagem dos dias do mês.

F16/F20 Vitruvius de Architectura 9.2.1-2

5-A fortificação da Babilônia.

1. Eles falam que tudo originalmente era água e era chamado de *Thalassa*. Bel a retraiu, estabelecendo um lugar para cada coisa, e cercou a Babilônia com uma parede. Mas com o passar do tempo ela desapareceu e Nabuchodonosoros novamente construiu uma parede com portais de bronze que durou até a dominação macedônica

-/F1a Eusebius Chronicon p. 6, line 8-p. 9, line 2 Karst = F1/F1b Syncellus Ecloga Chronographica 49-53

6- Fragmento sem posição do livro um.

1. Berossus fala no seu primeiro livro da Babyloniaca que um festival chamado Sacaea é celebrado na Babilônia em um período de 5 dias, começando no décimo sexto dia do mês de Loos [*Duzu*=Julho]; e durante esses dias é costume os mestres serem regidos pelos seus escravos; e os escravos colocarem uma túnica similar ao rei e administrar os assuntos da casa. Esse escravo é chamado de *zaganes* [em akkadico *shaknu*=governador].
2. Sarachero: em Berossus “o ornamento de Hera”

F14/F13 Hesychius s. v. “Sarakhero”

B. LIVRO SEGUNDO: O LIVRO DOS REIS

1-Reis antes do dilúvio.

1. Berossus registra o seguinte: Aloros [Alulim], um caldeu da Babilônia, foi o primeiro rei da terra, e reinou por dez *saroi*. Eles falam que ele espalhou a história sobre si, que deus apontou ele como pastor do povo.
2. Berossus escreve em termos de *saroi*, *neroi* e *sostoi*. O *saros* designa um período de 3600 anos, *neros* 600 anos e o *soosos* 36 anos.
3. Depois da morte de Aloros, seu filho Alaparos [Alalgar] reinou três *saroi*. E depois de Alaparos Amelon [Ammeluanna], um dos caldeus da cidade de Pautibiblon [Badtibira]. Ele governou por treze *saroi*.
4. Então Ammenon [pouco provável Enmenunna, mais provável uma repetição de Amelon] o caldeu da cidade de Pautibiblon. Ele reinou por 12 *saroi*. No seu tempo, ele

- diz, Annedotos [U'anduga] uma besta com forma de homem e peixe, apareceu do Eritreu [mar].
5. Então Amegaros [Enmengalanna] da cidade de Pautibiblon reinou por dezoito *saroi*.
 6. Depois dele, Danos [Dumuzi], um pastor da cidade de Pautibiblon, reinou por dez *saroi*. E novamente no seu tempo, ele fala que quatro bestas com o mesmo formato e mistura de peixe e homem como os que antes apareceram do mar Eritreu. Seus nomes eram os seguintes: Euedokos [Enmeduga], Eneugamos [Enmegalamma], Eneuboulos [Enmebulugga], Anementos [Anenlilda].
 7. Então Euedoragchos [Enmeduranki/Enmeduranna] da cidade de Pautibiblon tornou-se rei e reinou por dezoito *saroi*. Em seu tempo, ele diz, outra criatura semelhante em mistura de peixe e homem chamada Odakon [Utu'abzu] apareceu do mar Eritreu.
 8. Ele fala que todas essas criaturas juntas explicaram em detalhe as coisas que já haviam sido ditas sumariamente por Oannes.
 9. Então Amempsinos [Ensipazianna], um caldeu de Laragchos [Larak] tornou-se rei e reinou por oito *saroi*.
 10. Então Otiartes [Ubartutu], um caldeu de Largachos tornou-se rei e reinou por oito *saroi*.
 11. Depois da morte de Otiartes, seu filho Xisouthros [Ziusudra] reinou por oito *saroi*. Todos juntos são dez reis e cento e doze *saroi*. No seu tempo [Xisouthros], ele diz, o grande dilúvio ocorreu, e a história foi recordada como se segue.

F3/F3b Synvellus *Ecloga Chronographica* 71-72

2-O dilúvio.

1. Cronos [Enki/Ea] aparece para Xisouthros em um sonho, e revelou que no décimo quinto dia do mês de Daisios [Aiaru=Maio] a humanidade seria destruída por um dilúvio. Por isso ele ordenou a Xisouthros para enterrar as origens, os intermédios e os fins de todos os escritos em Sippar, a cidade do sol. Então, ele deveria construir um barco e embarcar nele seus parentes e amigos próximos. Comida e bebida deveriam ser colocados. Ele deve colocar as criaturas alados e de quatro patas, e deixar tudo pronto para navegar. Se fosse perguntado para onde ele estaria navegando, ele deveria responder “para os deuses, com intuito de rezar para boas coisas aos homens”. Observando-o, ele construiu um bote com cinco estádios de comprimento e dois estádios de largura. Ele coletou tudo que foi ordenado, então ele embarcou sua mulher, seus filhos e seus amigos mais próximos; diretamente as coisas dos deuses vieram até ele.

2. No terceiro dia depois do dilúvio, ele rapidamente recuou, Xisouthros soltou alguns pássaros para determinar se eles viam alguma terra em algum lugar a cima da água. Mas não acharam nem comida nem um lugar para pousar, os pássaros retornaram para o barco. Depois de alguns dias Xisouthros novamente solta os pássaros novamente, e eles novamente retornaram para o barco com os pés cobertos de lama. Sendo lançados pela terceira vez, eles não retornaram para o navio, Xisouthros entendeu então que a terra reapareceu. Abrindo as suturas, e vendo que o barco tinha atracado numa montanha, ele desembarcou com sua esposa, suas filhas, e o piloto. Após performar obediência para a terra e estabelecer altares e sacrifícios para os deuses. Ele e aqueles que desembarcaram desapareceram. Quando Xisouthros e os outros não voltam para dentro, os que sobraram no barco desembarcaram e procuraram por ele chamando seu nome. Xisouthros não era mais visível para eles, mas uma voz do céu pediu para serem reverentes. Por causa de sua piedade, ele foi viver com os deuses; a sua mulher e o piloto compartilham a mesma honra. A voz também disse para eles que era para voltarem à Babilônia e declarou que desenterrem os escritos da cidade dos Sipparianos e distribuí-los para a humanidade. Também falou que a terra onde eles se encontravam era a Armênia. Depois de escutar tais coisas, eles sacrificaram para os deuses e procederam para a Babilônia a pé
3. Uma porção do barco que se instalou na Armênia, continua com reminiscências nas montanhas de Korduaians [?] da Armênia, e algumas das pessoas escarpam pedaços de *bitumen* do navio, trazendo de volta e usando como talismãs.
4. Quando essas pessoas vieram para a Babilônia, elas escavaram os escritos na cidade dos Sipparianos e fundaram muitas cidades, reconstruíram santuários, e fundaram uma nova Babilônia.

F4a/F4b Syncellus Ecloga Chronographica 53-56

F4b/F4c Eusebius Praeparatio Evangelica 9.10.7-9.11.4 =

Josephus Antiquitates Judaicae 1.93

3- Sábios depois do dilúvio.

1. Na décima geração depois do dilúvio havia um homem entre os caldeus que era justo, grande e sábio sobre os fenômenos do céu.

F6/F6 Eusebius Praeparatio Evangelica 9.16.2 = Josephus F19b F17b

Antiquitates Judaicae 1.158

4-Dinastias depois do dilúvio.

1. Depois do dilúvio Euechsios [Enmerkar] reinou sobre a terra dos caldeus por 4 *neroi*. E depois dele, seu filho, Chomasbelos [Lugaalbanda ou Gilgamesh] tomou o reinado, quatro *neroi* e cinco *sostoi*.
2. Polyhistor contou no total 86 reis de Xisouthros e o dilúvio até os Medos tomarem a Babilônia. Ele menciona cada um deles pelo nome no livro de Berossus. Ele sumariza todo o período como contendo 33,091 anos.
3. Depois disso, seguindo sua tão poderosa dinastia, os Medos, depois de terem reunido um exército contra a Babilônia, tomaram a cidade e instalaram no mesmo lugar tiranos da sua própria classe. A partir daqui ele começa a registrar o nome dos tiranos dos Medos.
4. 21.....
5. Oito em número e seus anos, 224.
6. E de novo 11 reis e 28anos
7. Então a dinastia caldeia: 49 reis e 458 anos.
8. Depois a dinastia Árabe: 9rei e 245 anos.
9. Depois desses anos ele também relata o reino de Semiramis [Sammuramat] sobre a Assíria.
10. Então novamente ele lista um depois do outro o nome dos 45 reis e estabelece um total de seus anos em 526.

F5/F5a Eusebius Chronicon p. 12, line 17-p. 13, line 18 Kars

5- Nabu-Nasir

1. Nabonasaros reuniu e destruiu os registros dos reis antes dele com o intuito da lista dos reis caldeus começar com ele.

F7/F16a Syncellus Ecloga Chronographica 388 (390)

2. No segundo livro ele descreve os reis, um depois do outro, até ele dizer “Nabonassaros foi rei”.

F3/F3b Synvellus Ecloga Chronographica 71-72

C. LIVRO TERCEIRO

1-Tiglath-Pileser/Pulu.

1. Depois desses ele fala, que havia um rei caldeu o qual o nome era Phulos [Tiglath-Pileser II]..., e depois dele como Polyhistor relata, Senecherib tornou-se rei...

2-Sennacherib

1. Depois do reinado do irmão de Senecherib e depois do comando de Akises [Marduk-zakir-shumi II] sobre os babilônios; ele foi morto por Marudach Baldan antes de completar trinta dias de reinado. E Marudach Baldan manteve-se como tirano por seis meses, e um homem cujo o nome era Belibos [Bel-Ibni] o matou e tornou-se rei. E no trigésimo dia do reinado de Belibos, Senecheribos, rei da Assíria, reuniu um exército contra os babilônios, encarando-os resolutamente e os derrotando. Depois de tomar Belibos e seus amigos prisioneiros, ele transportou-os para a terra da Assíria. Ele governou sob os babilônios, e estabeleceu, Asordanios [Ashurnadinshumi] como rei sobre eles. Ele [Sennacherib] retornou para a terra da Assíria.
2. A- Quando ele soube que os gregos tinham invadido a terra dos cilicianos, ele antecipa-se contra eles, encarando-os, e depois de muitos das suas tropas serem derrotados por seus inimigos, ganhou a vitória da batalha. Como um memorial de sua vitória, ele deixou uma estátua sua no campo de batalha e ordenou que um relato de sua coragem e feitos heroicos fossem inscritos em textos caldeus para tempos. E Senecherib construiu, assim ele reposta, a cidade de Tarson seguindo o modelo da Babilônia, e ele a chamou de Tharsin.

B- Finalmente, naquele tempo era Senecherib, o vigésimo quinto dos governantes, que compeliu a Babilônia a submeter-se para os seus domínios. Na costa da Cilicia ele derrotou um grupo de Jônios. Ele também construiu o templo de Sandes, que é Hercules, erigido em pilares de bronze e fez, ele diz, seus feitos a serem verdadeiramente inscritos. Ele também construiu Tarson de acordo com o plano e modelo da Babilônia, assim o rio Cydnus flui de mesmo modo que o Eufrates flui através da Babilônia.

3. E depois de todos os outros atos de Sinecherim, ele adiciona a seguinte nota: Ele viveu dezoito anos, e ele morreu no mesmo tempo em que uma armadilha estava sendo redigida para ele por seu filho Ardumuzan [Adrammelech]...
4. (sc. Sinecherim) +18 anos; e depois dele seu filho oito anos; e em seguida Sammuges 21 anos; e seu irmão 21 anos, logo após, Nabupalsar 20 anos, e depois dele Nabukodrossoros 43 anos. E no total são 88 anos passados no período de Sinecherim até Nabukodrossoros.
5. A- Depois de tudo isso, Polyhistor novamente narra alguns trabalhos e feitos de Senecherib, e ele se refere a seus filhos... e narra tudo em detalhes.

B- Seguindo-se disso e depois dele, Negrilos [Negral-ushezib] reinou (...). Ele foi assassinado por seu filho Adremelos. Mas Axerdis [Esarhaddon], seu irmão pelo

mesmo pai, mas não pela mesma mãe, matou-o. E na perseguição, ele lança seu exército contra a cidade dos bizantinos, a qual ele previamente ele reuniu mercenários para ajudá-lo... Mais tardar, Axerdis ganhou posse através da conquista do Egito e da região da Coele Syria.

6. a-E depois de Samoges [Shamash-shun-ukin] Sardanapallos [Ashurbanipal] o sucedeu para o reinado dos caldeus por 21 anos... Ele [Nabopalassaros] enviou tropas em assistência a Astyages, o chefe tribal e satrapa dos Medos, com o intuito de obter a filha de Astyages, Amyitis [Amuhean], como a esposa de seu filho Nabukodrossoros. Ele foi indicado como general por Srakos [Sin-shar-ishkun], o rei dos caldeus, quando Sarakos marchou contra Niniveh. Sarakos, desanimado com seu ataque, ateou fogo em si mesmo junto com seu palácio. Nabopalassaros, o pai de Nabuchodonosor, tomou posse e governou os caldeus e a Babilônia. E a partir disso Nabukodrossoros governou por quarenta e três ano; e reunindo um exército, ele marchou aos arredores e pegou como prisioneiro os judeus, fenícios e os sírios.

b-Depois desse governante [Samoges] há também Sardanapallos.

c-Depois dele Sarakos reinou sobre os Assírios. Quando ele soube que um povo guerreiro, o qual era formado por diferentes bandos estava vindo do mar para atacá-lo, ele rapidamente enviou Bupolassaros para a Babilônia como general. Mas Bupolassaros, depois decidindo se rebelar, organizou um casamento entre Amuhidin, a filha de Astyages, o chefe dos Medos, e seu filho, Nabukodrossoros. E rapidamente definiu que se moveria para atacar a Nino... Sarkos tomou nota de tudo isso. Ele teve a sua capital queimada. Mas Nabukodrossoros cercou a Babilônia com fortes paredes depois de ele tomar posse do reino.

F8a/F7a Josephus Antiquitates Judaicae 10.20 F8c/F7b Josephus Antiquitates Judaicae 10.34 F8b/F7c Eusebius Chronicon p. 13, line 18—p. 15, line 4 Karst Para 2.5a e 6a (p.25-26), 2.1 e 2.2 a (p.23-24). -/F5b Syncellus Ecloga Chronographica 147 para 2.2b – 4 (p.24), 2.5b e 2.6b-c (p.25-26)

3- Nabukadnezar II

1. Nabopalassaros, seu pai, ouviu que um satrapa que foi posicionado no Egito, Coele Síria e fenícia, tinha rebelando-se. Ele [Nabopolassaros] não mais apto para a tarefa, confiou parte de seu exército para o seu filho Nabouchodonosoros, em que estava no ápice da idade, enviado contra o rebelde. Nabouchodonosoros orquestrou suas forças na batalha e capturou o rebelde. Ele o derrotou e subjuguou a terra para o comando da Babilônia

novamente. E no mesmo período, seu pai caiu doente e morreu na cidade da Babilônia, depois de ter sido rei por vinte e um anos.

2. A- Nabuchodonosor tomou conhecimento da morte do seu pai logo em seguida. Depois de organizar os assuntos no Egito e no restante do território, ele ordenou a alguns de seus amigos para trazer os prisioneiros Judeus, fenícios, sírios e egípcios, juntamente com a massa do exército e os saques para a Babilônia. Ele se acertou com alguns companheiros e alcançou a Babilônia cruzando o deserto. Em achando os assuntos sendo administrados pelos caldeus e o reinado sendo mantido pelos mais nobres destes [caldeus], ele tomou conta do total do reinado de seu pai. Quando os prisioneiros chegaram, ele ordenou que os lugares de habitação sejam delimitados para eles nas partes mais adequadas da Babilônia. Ele generosamente adornou o templo de Bel e os outros templos com os saques de guerra. Ele reforçou a cidade velha e adicionou uma cidade nova externa. Ele organizou a mesma para que os cercos não sejam mais capazes de direcionar o rio contra a cidade por circundar a cidade interna com três circuitos de paredes, e a cidade externa também. As paredes da cidade interna eram feitas de tijolos cozidos e *bitumen*, a cidade externa apenas com tijolos. Depois de ele ter murado a cidade de uma maneira notável, e adornado seus portões de uma maneira adequada para um lugar sagrado, ele construiu um outro palácio, perto do palácio do seu pai. Seria tedioso descrever as medidas e a riqueza do palácio. Apesar do seu tamanho extraordinário e esplendor, ele foi construído em quinze dias. Neste palácio ele construiu e organizou o assim chamado Jardim Suspenso, definindo terraços altos de pedras, os quais ele fez parecer com montanhas, plantando todo tipo de árvores. Ele fez isso por causa de sua esposa, que teria crescido na Média, lograda com montanhas circundantes.

B- Depois de Nabuchodonosor suceder o trono, ele cercou a Babilônia com um circuito triplo de paredes em quinze dias, e ele mudou o trajeto do rio Amakales, um ramo do Eufrates... e do Akraanon. E em seguida, depois de escavar uma reserva de quarenta *parasangs* em circunferência, e vinte braças em profundidade sobre a cidade dos sipparianos, ele fez comportas que abria irrigações para o plano. Eles chamam essas comportas de *Echetognomonas* como se eles tivessem a habilidade de cumprir por si mesmo. Ele também construiu diques contra os transbordamentos do mar eritreu, e fundou as cidades de Teredon como uma defesa do ataque dos árabes; e ele adornou seu palácio árvores, nomeando-o Jardim Suspenso.

F6/F6 Eusebius Praeparatio Evangelica 9.16.2 = Josephus F19b F17b Antiquitates Judaicae 1.158 para 3.2b (p.27)

3. Ele deu relatos dos reis mencionados acima, e muitas coisas adicionais no seu terceiro livro dos *Chaldaika* em que ele critica os historiadores gregos por pensar erroneamente que a Babilônia foi fundada por Semiramis, a assíria, e falsamente terem escrito que suas maravilhas foram criadas por ela.

F9a/F8a Eusebius Chronicon p. 21 Karst = Eusebius Praeparatio Evangelica 9.40.1-2 = Syncellus Ecloga Chronographica 416-418 = Josephus Antiquitates Judaicae 10.220-228 = Josephus contra Apionem 1.131-144 F9b/F8c Africanus ex Eusebii Praeparatione Evangelica 10.10.3 F9c/F8d Theophilus ad Autolyicum 3.22

4-Sucessores de Nebukadnezar II.

1. Nabouchodonosoros caiu em doença depois que ele começou as muralhas acima mencionadas, e morreu. Ele foi rei por 43 anos. Seu filho, Evilmaradouchus [Evil-Merodach], tornou-se governante do reino. Por causa que ele administrou os assuntos de modo anárquico e ultrajante, ele foi sofreu uma conspiração e foi morto por Neriglisaros [Neriglissar], o marido de sua irmã. Ele reinou por dois anos. Depois de Evilmaradouchus ter sido morto, Neriglisaros, o homem que conspirou contra ele, sucedeu-o ao trono, e foi rei por quatro anos. Laborosoarchodos [Labashi-Marduk], filho de Neriglisaros, que era apenas uma criança, foi mestre do reino por nove meses. Por causa de sua fraqueza tornou-se aparente em muitas maneiras, ele sofreu uma conspiração e brutalmente assassinado por seus amigos. Depois de ter sido morto, os conspiradores encontraram-se e juntamente conferiram o reino para Nabonnedos [Nabonidus], um babilônico e um membro da conspiração. Durante o seu reino, as paredes do rio da cidade da Babilônia foram construídas de tijolos cozidos e *bitumen*. No décimo sétimo ano de seu reinado, Ciro, depois de ele vir da Pérsia com um grande exército subjogando todo o resto do reino, avançou contra a Babilônia. Depois de tomar conhecimento da invasão, Nabonnedos o encontrou com um exército, e o opôs em uma batalha. Depois de ser derrotado, ele fugiu com uma pequena comitiva e refugiou-se na cidade dos borssipanianos. Ciro, enquanto isso, cercou a Babilônia, e ordenou que as paredes externas sejam derrubadas, por causa que a cidade parecia para ele muito formidável, e difícil de capturar. Ciro então marcha para Borsippa para lançar um cerco em Nabonnedos. Nabonnedos, entretanto, não esperou o cerco, e rendeu-se antes. Lidando com ele de maneira graciosa, Ciro garantiu a Carmania para ele como residência, e o mandou para fora da Babilônia. Rei Dário, entretanto, pegou parte de sua

província [Nabonnedos] para ele. Nabonnedos, então, morreu após passar o resto de seus dias nesta terra.

F10a/F9a Eusebius Chronicon p. 23, line 24 Karst = Eusebius Praeparatio Evangelica 9.40.3-11 = Josephus contra Apionem 1.145-153 F10b/F9b Eusebius Chronicon p. 15, lines 5-10 Karst

5- Os Persas.

1. E Ciro governou a Babilônia por nove anos, então ele foi morto quando entrou em outra batalha, no planalto de Daas. Depois del, Cambyses governou por oito anos, e então Dario 36 anos, Depois dele Xerxes, e em seguida os reis persas remanescentes.

F11/F10 Eusebius Chronicon p. 15, lines 11-20 Karst

2. (sc. Os persas, os medos, e Magi) não acreditam em imagens de pedras ou madeira dos deuses, mas em fogo e água, igual os filósofos. Depois, entretanto, depois de muitos anos, começaram a culto de estátuas em forma humana, como Berossus relata no terceiro livro na sua história caldaica. Artaxerxes, o filho de Dario, o filho de Ochus, introduziu esta pratica. Ele foi o primeiro a introduzir uma imagem de Afrodite Anaitis na Babilônia, e por requerer tal culto dos susianos, ectanianos de Damasco e de Sardis.

F12/F11 Clemens of Alexandria Protrepticus 5.65.2-3

6- Possíveis fragmentos de Berossus do livro dois.

1. Noah viveu trezentos e cinquenta anos após o acontecimento do dilúvio. Ele morreu após viver novecentos e cinquenta anos. Não deixando ninguém como um percurso de vida comparável, agora com uma queda nos anos de vida que vivemos, com os dos antigos, pensando que o que é dito sobre eles é falso, julgando que eles não viveram tal idade porque ninguém o fez. Por eles serem bons com Deus e suas criaturas; também a sua comida era favorável a uma idade mais longa, é razoável que eles tenham vivido tantos anos. Então, Deus permitiu eles viverem mais por causa de seu caráter excelente, e pela utilidade de suas descobertas, astronomia, geometria, desde amenos que eles vivessem seiscentos anos – que é o período do grande ano- eles não poderiam fazer predicções acuradas. Todos aqueles entre os gregos e bárbaros que tinham escrito arqueologias, apoiam o meu relato. Para Manetho, o historiador do egito, Berossus, o compilador da *Caldaica*, e o historiador fenício, Mochus e Hestiatius, junto com Hieronymus, o egípcio, concordam com o que eu disse. Em adição, Hesiodo, Hellanicus,

Acusilaus, junto com Ephorus e Nicolaus, registram que os antigos viveram milhares de anos.

F15c/F14	Eusebius	Praeparatio	Evangelica	9.13.5	=	Syncellus
Ecloga	Chronographica	78	=	Josephus		Antiquitates
Judaicae 1.107						

2. Quando Seuechoros [Enmerkar] foi rei da Babilônia, os caldeus falaram que o filho de sua filha pegaria o reino de seu vô. Isso o assustou, e para brincar um pouco, ele se tornou um Acrisius para a sua filha, por ele tê-la mantida muito próxima. A garota, entretanto, ficou grávida por algum homem obscuro e pariu em segredo, pela necessidade era mais esperta que os babilônicos. Os guardas, temendo que o rei arremessasse a criança da cidadela; pois a garota estava confinada lá. Mas uma águia observando a queda da criança com seus olhos atentos, mergulhou e pegou a criança, antes que ela se espedaçasse no chão. A águia trouxe o infante para um jardim e o acomodou muito cuidadosamente. Os guardiões do lugar, vendo a linda criança, caíram em amor por ela, e a criaram. Ela foi chamada de Gilgames, e tornou-se rei da Babilônia.

Aelian *De natura animalium* (On Animals) 12.21

7-Fragmento duvidoso.

1. Dos Bárbaros, os babilônios parecem, por um lado, passar em silêncio o primeiro princípio de todas as coisas, e por outro lado, fazer dois primeiros princípios, Tauthe e Apason [Tiamat e Apsu], Fazendo Apason o marido de Tauthe, e a chamando de mãe dos deuses. Eles pariram um filho, Moumis [Mummu]... Esses mesmos parentes produziram outra geração, Dache e Dachos [Lahamu e Lahmu].Então novamente esses mesmos parentes produziram uma terceira geração, Kissare e Assoros [Kishar e Anshar], que pariram três, Ano, Illinos e Aos [Anu, Enlil e Ea]. Aos e Dauke [Ea e Damkina] pariram Belos, que dizem ser o criador.

Damascius *de Principis* (On Beginnings) Vol. 1, p.322

D. FRAGMENTOS NÃO TRADUZIDOS POR BURSTEIN

1- Fragmentos (G.) Verbrugge and (J.M.) Wickersham Tr. and comm. *Berosus and Manetho, Native Tradition in Ancient Mesopotamia and Egypt*. Ann Arbor: U Michigan P, 1996. Pp. x + 239. 0472107224.

F13/F12 Agathias *Historiae* 2.24

No tempo quando Zoroatro-Zarades floresceu, ele era o líder persa e guia dos ritos sagrados dos Magoi. Ele muda os primeiros rituais e estabelece crenças que eram misturadas e variadas. Para o antigo ele honrou Zeus e Cronos e todos os outros deuses comumente achados entre os gregos, exceto que ele não preservou seus nomes, mas Zeus era Bel, Hércules era Sandes, Afrodite era Anaitis, e outros eram chamados por outros nomes como foi dito por todos aqueles que escreveram a história antiga dos Assírios e dos Medos, Como Berossos, o babilônico Atenocles (FGrHist #682) e Simakos (FGrHist #683)

F15a/F22a Pliny *Naturalis Historia* 7.160

Epigenes nega que um homem pode viver 112 anos, Berossos que o homem pode viver mais que 116 anos.

F15b/F22b Censorinus *de Die Natali* 17.4

Epigenes diz que a vida mais longa é 112 anos, Berossos, entretanto, 116. Outros dizem que é possível exceder 120.

F15c/F14	Eusebius	<i>Praeparatio</i>	<i>Evangelica</i>	9.13.5	=	Syncellus
<i>Ecloga</i>	<i>Chronographica</i>	78	=	Josephus		<i>Antiquitates</i>
						<i>Judaicae</i> 1.107

Todos os historiadores, Gregos e não gregos, que escreveram histórias fundacionais, apoiam-me nisso. Maneto que escreve uma história Egípcia, Berossos que compila uma história Babilônica, e Mocos (FGrHist #784 F3), e Hestaios (FGrHist #786 F2), e ao lado deles, o egípcio Hieronymos (FGrHist #787 F1), escritores da história Fenícia – eles concordam com o que estou dizendo, e também Hesíodo, Hecataios (FGrHist #1 F35), Hellanicos (FGrHist #4 F202), Akousilaos (FGrHist #2 F46), Ephoro (FGrHist #70 F238), e Nikalaos (FGrHist #90 F141) – seus julgamentos são que os antigos viveram milhares de anos.

F17a/F19a Aetius *de Placitis Reliquiae* 2.25.12 Diels *Doxographi Graeci* p.356

Berossos diz que a lua é uma esfera meia circundada com o fogo.

F17b/F19b Aetius *de Placitis Reliquiae* 2.28.1 Diels *Doxographi Graeci* p. 358

Anaximandro, Xenofanes, e Berossos dizem que a lua tem sua própria luz.

F17c/F19c Aetius *de Placitis Reliquiae* 2.29.2 Diels *Doxographi Graeci* p. 359

Berossos diz que a lua virou o seu lado sem chamadas para nós.

F20/F16b Pliny Naturalis Historia 7.193

Epigenes, o autor mais importante, ensina que entre o Babilônicos, observações sobre movimentos das estrelas tem sido preservado em tabuas cozidas por 720,000 anos. Berossos e Critodemos, entretanto, dão um período mais curto 490,000 anos. Mesmo com esse desacordo, é aparente que o conhecimento da escrita é muito, muito antiga.

F21/F17 Commentariorum in Aratum Reliquiae pp. 142-43 Maass

Deus criou e posicionou as estrelas. Em seguida o homem mais sábio deu a elas o seu nome e signos devidos e estabeleceu as leis de seus movimentos.... Esses nomes e posições das estrelas em constelações mesmo em Berossos na sua *Criação* admite não ter nada a ver com a atual criação do universo por Júpiter.

F22/T11b Palchus 135

A partir daí nós, como seguidores dos ensinamentos do divino Ptolomeu, tínhamos tida a coragem de discordar sobre a energia e qualidade da terceira estrela brilhante. Então nós podemos ser atentos a aqueles que escreveram antes dele sobre a aparência das estrelas fixas e o poder das estrelas nascentes, deixe-nos colocar os registros em ordem. Os Babilônios e então os Caldeus eram praticamente os primeiros a ter o conhecimento sobre os fenômenos astrológicos, assim como nós reconhecemos daqueles que vieram antes de nós. Por seu dito de Apollonio de Mindia e Artemidoro (lac.), e tudo sobre esses, Berossos escreveu e outros depois dele.

2- Ancient testimony

T1a/T5a Vitruvius de Architectura 9.6.2

Sobre Astrologia: Em determinar quais efeitos os 12 signos, 5 planetas, o sol e a lua tem no curso da vida humana, os cálculos dos caldeus tem que ficar em primeiro lugar, porque eles têm a habilidade de elencar o horoscopo então podem explicar o passado e o futuro dos seus cálculos do céu. Eles têm, entretanto, deixado seus achados, e aqueles que são advindos da nação caldeia tem a melhor habilidade e sabedoria em tais assuntos. O primeiro desses é Berossus, que se estabeleceu na cidade de Cos, na ilha e abriu uma escola. Em seguida,

Antipater estudou lá, assim como Athenodorus, que tem um método de elencar o horoscopo não apenas baseado no nascimento, mas também o horoscopo baseado no conceito de datas.

T1b,F16/T5b Vitruvius de Architectura 9.2.1

Berossos que emigrou da cidade da terra dos Caldeus (Babilônia) para a Ásia, abriu uma escola sobre a disciplina caldeia. Ele pensou como se segue sobre a lua. (Continua em F16)

T1c/T5c Vitruvius de Architectura 9.8.1

Berossos o Caldeu é dito que inventou o meio-círculo *sundial* cortado do bloco quadrado.

T2,F19/T9 Seneca Naturales Questiones 3.29.1

Berossos, que interpretou as profecias de Bel, (continua em F19)

T3a/T11a Pliny Naturalis Historia 1.7

Minha pesquisa (para os conteúdos do livro 7) vem do seguinte autor ...Berossos...

T3b/T6 Pliny Naturalis Historia 7.123

No conhecimento das várias ciências, inumeráveis homens destacam-se. Isto é, entretanto, próprio para mim escolher o melhor. Em astrologia é Berossos, em sua honra, por causa dos seus predizeres divinos, os atenienses instalaram no ginásio uma estátua sua com uma língua de ouro. Em gramática, era Apollodorus (FGrHist #244 T19)...

T4 Josephus contra Apionem 1.128-29

Eu agora vou dizer o que os Caldeus têm a dizer sobre nós nos seus escritos e histórias. Eles estão em acordo com o básico que nossos escritos dizem em vários assuntos. (129) Berossos é a prova disso. Ele era um Caldeu por nascimento, mas educado em um círculo grego, porque ele traduziu em obras gregas sobre astronomia e filosofia dos Caldeus. (130) Este Berossos seguiu cuidadosamente os mais antigos escritos e escreveu tanto quanto o grande dilúvio que ocorreu, quanto a destruição da humanidade que se seguiu, igual Moises mesmo fez. Berossos também menciona a arca em que Noé, o pai de nossa raça, foi salva e como ela veio a estabelecer-se nos picos das montanhas armênias, (131) Então Berossos cataloga os descendentes de Noé até o tempo de Nabopalassaros, um rei dos babilônios e caldeus, e diz como o seu reinado foi longo. (Continua em F9a)

T5/T7a Pausanias Graeciae Descriptio 10.12.9

Existia uma mulher profeta, depois de Demo, que viveu entre os Hebreus além da Palestina. Seu nome era Sabbe. Seu pai era, eles dizem, Berossos, e sua mãe Erymanthe. Alguns dizem que ela era a Sibilina Babilônia; outros a chamam Sibilina Egípcia.

T6 Tertullian Apologeticum 19.4-6

Mesmo que os outros profetas não sejam tão grandes quanto Moisés, até o mais recente deles não são inferiores para os seus principais filósofos, legisladores e historiadores. (5) Não é tanto uma tarefa dificultosa quanto enorme, não tanto uma tarefa laboriosa quanto demorada para provar isso ... Deve-se abrir os arquivos dos Gentis – Egípcios, babilônios, Fenícios. (6) Deve-se chamar aqueles cidadãos que fazer registros: Um certo Maneto, um egípcio; Berossos, um babilônico; e Hieronymus (FGrHist #794 F5c), um fenício, rei de Tiro; assim como seus seguidores: Ptolomeu de Mendes (FGrHist #611 T2), Meandro de Efeso (FGrHist #783 T2), Demetrio de Falero (FGrHist #643 T2), Rei Juba (FGrHist #275), Apião (FGrHist #616 T12), e Talos (FGrHist #256 T3), e para um comentário crítico sobre os outros, Josefo da Judeia, um defensor nativo da antiguidade judaica.

T7/F8b Tatianus Oratio ad Graecos 36 = Clemens of Alexandria Stromata 1.122.1 = Eusebius Praeparatio Evangelica 10.11.8-9 = Tatianus Oratio ad Graecos 36

Berossos, um sacerdote do deus Bel, nasceu e cresceu na Babilônia durante o período do reinado de Alexandre. No terceiro ano do rei Antíoco, ele publicou seu trabalho em que ele descreve o curso da história Caldeia em três livros e fala dos feitos dos seus reis. Ele destaca um deles, nomeado Naboukhodonosoros, que liderou um exército contra os fenícios e judeus. Nós já estamos informados por nossos profetas desses eventos que aconteceram muito depois do tempo de Moisés, setenta anos depois do governante persa. Berossos é o homem mais hábil. Uma indicação disso é que Juba (FGrHist #275 F4), escrevendo sobre os Assírios, diz que aprendeu sua história de Berossos.

T8/17C Pseudo-Justinus ad Gentes 37

Da antiga silibina, eles falam que ela foi provida por o babilônico Berossos, a filha do homem que escreveu a história caldeia. Eu não sei como ela foi para Campania para entregar seus oráculos.

T9 Expositio Totius Mundi et Gentium 2

Depois de Moisés, a ordem das regiões e estações foi descrita por Berossos, um sábio Caldeu, que os escritos foram seguidos pelo profeta egípcio Maneto, e também pelo sábio egípcio Apollonio.

T10/T4 Moses of Chorene Historia Armeniae 1.1

Muitos homens de letras famosos e ilustres da Grécia, tem não apenas ativamente dito ter trabalhos que eram hospedados nos arquivos reais etemplos de outras pessoas traduzidos

para o grego, como nós entendemos Ptolomeu (II) Philadelphos clama por Berossos, um Caldeu, habilidoso em toda disciplina, mas ele tem...

T11a/T1Eusebius Chronicon p. 6, line 14 Karst = Syncellus Ecloga Chronographica 25-27 15c

Berossos, que recordou as histórias da fundação dos Caldeus, foi contemporâneo de Alexandre da Macedônia, como ele mesmo fala. Ele achou os registros públicos daqueles que se assentaram na Babilônia preservaram cuidadosamente. Esses registros cobrem um pouco mais de 150,000 anos, e recorda em um tom um pouco orgulhoso suas histórias sobre o céu, a terra, e o mar, sobre a história antiga dos reis e seus feitos, sobre o assentamento dos babilônios e sua fertilidade, sobre criaturas que apareceram do golfo pérsico e que tinham a forma diferente de todas as outras em natureza, e também sobre outras criaturas místicas. Tudo isso é para fazer algum sentido lógico sobre o que ele escreveu, representações das forças da natureza. Entretanto, eu penso que é necessário registrar os tempos de todos os eventos da história de Berossos e listar o seu começo no atual 1.059 ano da criação do mundo, como se eu estivesse convencido da verdade de Berossos e seus seguidores. Alexandre Polyhistor (FGrHist #273 F79) e Abidenos (FGrHist #685), recordam em seu desejo de provar e demonstrar que o povo caldeu é o povo mais antigo de todos. É muito mais lógico concluir das Sagradas Escrituras, dos escritos dos nossos ancestrais, e da ordem natural das coisas também, que toda a terra em que vivemos agora, incluindo a terra da Babilônia e Egito, foi inabitada antes do grande dilúvio. (26) a Escritura mesma (Genesis 3.24) diz: "e Deus expulsou Adão, e ele viveu no outro lado do jardim do paraíso" Babilônia e toda a terra em que vivemos está distante a Leste de onde dizem que está localizado o paraíso.... (27)... Eu penso que para aqueles de fé, isto é prova suficiente que aqueles que viveram antes do grande dilúvio habitaram a terra entre o oceano e o paraíso e aquela Babilônia não tinha vinda à existência, nem era ainda o reino da Babilônia, como parecia ser para Berossos e aqueles que o seguiam em direta contradição com as Sagradas Escrituras, nem existia ainda uma dinastia egípcia, assim como parecia para Maneto, aquele artífice jactancioso e, em seus escritos sobre as coisas do Egito.

T11b/T10 Eusebius Chronicon p. 6, line 14 Karst = Syncellus Ecloga Chronographica 29

É muito claro que o império Caldeu começou com Nebrod [Nimrud], e é tão claro, se não mais, que o que Maneto de Sebennytos escreveu para Ptolomeu (II) Philadelphos sobre as dinastias do Egito é cheia de mentiras, escritas em imitação de Berossos, e escreve ao mesmo tempo que Berossos ou um pouco depois. Entretanto, o que esses homens escreveram é ainda inútil, mesmo que muitos historiadores desenvolveram listas cronológicas baseadas em

Berosos e Maneto escreveram... (30) Se examinar-se a lista cronológica subjacente de eventos, terá-se total confiança que o desígnio de ambas é falsa, e ambos, Berosos e Maneto, como eu disse antes, queriam glorificar a sua própria nação, Berosos os Caldeus, Maneto os Egípcios. Pode-se apenas ficar surpreso que ele não estavam envergonhados em colocar o começo de sua escritura incrível uma no mesmo ano que a outra.

T11c Syncellus Ecloga Chronographica 32

Maneto de Sebennytos... Nasceu depois de Berosos, no tempo de Ptolomeu (II) Philadelphos, escreveu para esse mesmo Ptolomeu, contando mentiras, assim como Berosos fez,...

T12/T7b

Suda

s.v.

“The

Delphic

Siby”

Berosos é chamado o pai da sibilina Caldeia, sua mãe Erymanthe.

Bibliografia

BANG, Peter Fibiger; BAYLY, C. A. Tributary Empires—Towards a Global and Comparative History. In: *Tributary Empires in Global History*. Palgrave Macmillan, London, 2011. p. 1-17.

BEAULIEU, Paul-Alain. *Berosus on late Babylonian history*. Oriental Studies, Special Issue, p. 116-149, 2006.

BOIY, Tom. ‘Babylon during Berossos’ lifetime’, in: Johannes Haubold /Giovanni B. Lanfranchi/ Robert Rollinger/John Steele (eds.), *The World of Berossos* (Classica et Orientalia 5), Wiesbaden, 2013.

BRIANT, Pierre. *From Cyrus to Alexander: a history of the Persian Empire*. Eisenbrauns, 2002.

BROWN, David; BROWN, David. *Mesopotamian planetary astronomy-astrology*. Groningen: Styx, 2000.

Bruno Jacobs, ‘Berossos and Persian religion’, in: Johannes Haubold /Giovanni B. Lanfranchi/ Robert Rollinger/John Steele (eds.), *The World of Berossos* (Classica et Orientalia 5), Wiesbaden, 2013.

BURSTEIN, Stanley Mayer et al. *The Babyloniaca of Berossos*. Malibu: Undena Publications, 1978.

DALLEY, Stephanie (Ed.). *Myths from Mesopotamia: Creation, the flood, Gilgamesh, and others*. Oxford University Press, USA, 1998.

DALLEY, Stephanie. First Millennium BC Variation in Gilgamesh, Atrahasis, the Flood Story and the Epic of Creation: What was Available to Berossos. , in: Johannes Haubold /Giovanni B. Lanfranchi/Robert Rollinger/John Steele (eds.), *The World of Berossos* (Classica et Orientalia 5), Wiesbaden, p. 165-76, 2013.

DE BREUCKER, Geert. Berossos between tradition and innovation. In: *The Oxford handbook of cuneiform culture*. 2011.

DILLERY, John. ‘Berossos’ narrative of Nabopolassar and Nebuchadnezzar II from Josephus’, in: Johannes Haubold /Giovanni B. Lanfranchi/Robert Rollinger/John Steele (eds.), *The World of Berossos* (Classica et Orientalia 5), Wiesbaden (this volume).

DILLERY, John. *Hellenistic historiography*. The Oxford History of Historical Writing, v. 1, p. 171-218, 2014

DROYSEN, Johann Gustav. BENTIVOGLIO, Julio César. *Manual de teoria da história*. Vozes, 2009.

DROYSEN, Johann Gustav. *Geschichte des hellenismus*. F. Perthes, 1843.

DROYSEN, Johann Gustav. *Grundriss der historik*. Veit & Comp., 1868.

FERNANDEZ, Juan L. *Story makes history, theory makes story: Developing Rüsen's historik in logical and semiotic directions*. *History and Theory*, v. 57, n. 1, p. 75-103, 2018.

FRIED, Lisbeth S. *The Priest and the Great King: Temple-Palace Relations in the Persian Empire*. Eisenbrauns, 2004.

GMIRKIN, Russell. *Berosus and Genesis, Manetho and Exodus: Hellenistic Histories and the Date of the Pentateuch*. Bloomsbury Publishing USA, 2006.

GUARINELLO, Norberto Luiz. *Uma morfologia da História: as formas da História Antiga*. *Politeia*, v. 3, n. 1, p. 41-62, 2003.

HAGERMAN, Christopher. *Britain's Imperial Muse: The Classics, Imperialism, and the Indian Empire, 1784-1914*. Springer, 2013.

HAUBOLD, Johannes et al. *The World of Berossos*. Wiesbaden, 2013.

HAUBOLD, Johannes. 'The wisdom of the Chaldaeans: Reading Berossos, *Babyloniaca* book 1', in: idem/Giovanni B. Lanfranchi/Robert Rollinger/John Steele (eds.), *The World of Berossos* (*Classica et Orientalia* 5), Wiesbaden, 2013.

HAUBOLD, Johannes. 'The World of Berossos: Introduction', in: idem/Giovanni B. Lanfranchi/ Robert Rollinger/John Steele (eds.), *The World of Berossos* (*Classica et Orientalia* 5), Wiesbaden, 2013..

HUNGER, Hermann; PINGREE, David Edwin (Ed.). *Astral sciences in Mesopotamia*. Brill, 1999.

ISLAM, S. Aminul. *Demonizing the Other: Travels, Texts, Orientalism and the Pre-colonial South Asia, and Moving Beyond: Towards a New Turn in Sociology*. *Bangladesh e-Journal of Sociology*, v. 16, n. 1, p. 10, 2019.

KOSELLECK, Reinhart. *O conceito de história*. Autêntica, 2013.

KOSMIN, Paul J. *The Land of the Elephant Kings*. Harvard University Press, 2014.

KOSMIN, Paul J. *Time and its adversaries in the Seleucid empire*. Harvard University Press, 2018.

KOSMIN, Paul. *Seeing Double in Seleucid Babylonia: Rereading the Borsippa Cylinder of Antiochus I*. *Patterns of the Past: Epitēdeumata in the Greek Tradition*, p. 173-198, 2014.

KOSMIN, Paul. Seleucid ethnography and indigenous kingship: The Babylonian education of Antiochus I. in: Johannes Haubold /Giovanni B. Lanfranchi/Robert Rollinger/John Steele (eds.), *The World of Berossos* (Classica et Orientalia 5), Wiesbaden, 2013.

KUHRT, Amélie. Berossus' Babyloniaka and Seleucid Rule in Babylonia. In: *Hellenism in the East*, p. 32-56, 1987.

KUHRT, Amélie. *The ancient near east, c. 3000-330 BC*. Taylor & Francis US, 1995.

LAMBERT, Wilfred G. *Babylonian creation myths*. Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2013.

LANFRANCHI, Giovanni B. 'Babyloniaca, book 3: Assyrians, Babylonians and Persians', in: Johannes Haubold /Giovanni B. Lanfranchi/Robert Rollinger/John Steele (eds.), *The World of Berossos* (Classica et Orientalia 5), Wiesbaden, 2013.

LANG, Martin. Book Two: Mesopotamian Early History and the Flood Story. In: , in: Johannes Haubold /Giovanni B. Lanfranchi/Robert Rollinger/John Steele (eds.), *The World of Berossos* (Classica et Orientalia 5), Wiesbaden, 2013 LEICK, Gwendolyn (Ed.). *The Babylonian World*. Routledge, 2009.

LEICK, Gwendolyn. *Mesopotamia: The invention of the city*. Penguin UK, 2002.

LUDDEN, David; BANG, Peter Fibiger; BAYLY, C. A. *Tributary Empires in Global History*. Palgrave Macmillan, London, 2011.

MA, John. *Peer polity interaction in the Hellenistic age*. Past & present, n. 180, p. 9-39, 2003.

MA, John; MA, J. *Antiochos III and the cities of Western Asia Minor*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

MADREITER, Irene. 'From Berossos to Eusebius: A Christian apologist's shaping of 'pagan' literature', in: Johannes Haubold /Giovanni B. Lanfranchi/Robert Rollinger/John Steele (eds.), *The World of Berossos* (Classica et Orientalia 5), Wiesbaden, 2013.

MILLARD, Allan R. A. *New Babylonian 'Genesis' Story*. Tyndale Bulletin, v. 18, p. 3-18, 1967.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *JG Droysen between Greeks and Jews*. 1970.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *Alien wisdom: the limits of Hellenization*. Cambridge University Press, 1990.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Edusc, 2004.

MONERIE, Julien. *L'économie de la Babylonie à l'époque hellénistique (IVème–IIème siècle avant JC)*. Walter de Gruyter GmbH & Co KG, 2018.

MOYER, Ian S. *Egypt and the Limits of Hellenism*. Cambridge University Press, 2011.

MOYER, Ian. Berossos and Manetho. In: *The World of Berossos: Proceedings of the 4th International Colloquium on "The Ancient Near East between Classical and Ancient Oriental Traditions"*, Hatfield College, Durham 7th–9th July 2010. 2013. p. 213-32.

PINGREE, David Edwin. *From astral omens to astrology: from Babylon to Bīkāner*. Istituto italiano per l'Africa et l'Oriente, 1997.

PLUTARCO. *Les Vies des Homes Illustres, Démosthène*. Traduit par E. Talbot. Quatrième édition. Paris, Librairie Hachette, 1905.

RIEMSCHEIDER, Kaspar Klaus et al. *An Akkadian grammar: a translation of Riemschneider's Lehrbuch des Akkadischen*. Marquette Univ Pr, 1977.

ROCHBERG, Francesca. *Reasoning, Representing, and Modeling in Babylonian Astronomy*. *Journal of Ancient Near Eastern History*, v. 5, n. 1-2, p. 131-147, 2018.

ROCHBERG, Francesca. *Babylonian horoscopes*. American Philosophical Society, 1998.

ROCHBERG, Francesca. *Before Nature: Cuneiform Knowledge and the History of Science*. University of Chicago Press, 2016.

ROCHBERG, Francesca. *The heavenly writing: divination, horoscopy, and astronomy in Mesopotamian culture*. Cambridge University Press, 2004.

ROLLINGER, Robert. 'Berossos and the monuments: City walls, sanctuaries, palaces and the Hanging Garden', in: Johannes Haubold /Giovanni B. Lanfranchi/Robert Rollinger/John Steele (eds.), *The World of Berossos* (Classica et Orientalia 5), Wiesbaden, 2013.

ROLLINGER, Robert. Berossos and the Monuments: City Walls, Sanctuaries, Palaces and the Hanging Garden. *The World of Berossos*, p. 137-62, 2013.

RUFFING, Kai. 'Berossos in modern scholarship', in: Johannes Haubold /Giovanni B. Lanfranchi/Robert Rollinger/John Steele (eds.), *The World of Berossos* (Classica et Orientalia 5), Wiesbaden, 2013.

RÜSEN, J. Historiografia comparativa intercultural. In: MALERBA, J. (Org.). *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 115-137.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica. Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica*, 2001.

SCHIRONI Francesca. 'The early reception of Berossos', in: Johannes Haubold /Giovanni B. Lanfranchi/Robert Rollinger/John Steele (eds.), *The World of Berossos* (Classica et Orientalia 5), Wiesbaden, 2013.

SHERWIN-WHITE, Susan M.; KUHRT, Amélie. *From Samarkhand to Sardis: A new approach to the Seleucid empire*. Univ of California Press, 1993.

STEELE, John M. The 'Astronomical Fragments' of Berossos in Context'. In: *The World of Berossos*, p. 107-21, 2013.

STROOTMAN, Rolf. A. *Western Empire in the East?: The Historiography of the Seleucid Empire and the Cultural Boundaries of Europe*, discussion paper, 2012.

STROOTMAN, Rolf. The Return of the King: Civic Feasting and the Entanglement of City and Empire in Hellenistic Greece. In: *Feasting and Polis Institutions*. BRILL, 2018. p. 273-296.

STROOTMAN, Rolf. *Courts and Elites in the Hellenistic Empires: the Near East after the Achaemenids, c. 330 to 30 BCE*. Edinburgh University Press, 2014.

STROOTMAN, Rolf; VERSLUYS, Miguel John (Ed.). *Persianism in Antiquity*. Franz Steiner Verlag, 2017.

THONEMANN, Peter. *The Hellenistic Age: A Very Short Introduction*. Oxford University Press, 2018.

VAN DE MIEROOP, Marc. *The eastern Mediterranean in the age of Ramesses II*. John Wiley & Sons, 2009.

VAN DER SPEK, R. J.; HAUBEN, H.; MEEUS, A. *Seleukos, Self-appointed General (strategos) of Asia (311-305 BC), and the Satrapy of Babylonia*. 2014.

VAN DER SPEK, Robartus J. Berossus as a Babylonian chronicler and Greek historian. In: *Studies in ancient Near Eastern world view and society, Presented to Marten Stol on the Occasion of his 65th Birthday*, p. 277-318, 2008.

VAN DER SPEK, Robartus J.; BRIANT, P.; JOANNÈS, F. *The size and significance of the Babylonian temples under the Successors*. Persika, n. 9, 2006.

VAN DER SPEK, Robartus Johannes. Debates on the World of Berossus. *Zeitschrift für Altorientalische und Biblische Rechtsgeschichte / Journal for Ancient Near Eastern and Biblical Law*, v. 24, p. 137–151, 2018.

VAN NIJF, O. M.; ALSTON, R. *Political culture in the Greek city after the Classical age: introduction and preview*. Edited by OM van Nijf and R. Alston, p. 1-27, 2011.

VERBRUGGHE, Gerald P.; WICKERSHAM, John M. *Berossos and Manetho, introduced and translated. Native traditions in ancient Mesopotamia and Egypt*, 1996.

YATES, F. *A arte da memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.